

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Juliana de Oliveira Ramos

**DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS RELATIVAS NO PORTUGUÊS DE BELO  
HORIZONTE: Uma abordagem variacionista**

Belo Horizonte  
2015

Juliana de Oliveira Ramos

**DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DE  
BELO HORIZONTE: Uma abordagem variacionista**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Professor Dr. Marco Antônio de Oliveira

Belo Horizonte  
2015

### FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R175d Ramos, Juliana de Oliveira  
Descrição das estratégias relativas no português de belo horizonte: uma abordagem variacionista / Juliana de Oliveira Ramos. Belo Horizonte, 2015.  
111 f.: il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Linguística – Belo Horizonte (MG). 2. Sociolinguística. 3. Linguagem e línguas - Variação. 4. Língua portuguesa - Português falado - Belo Horizonte (MG). I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 801:3

Juliana de Oliveira Ramos

**DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DE  
BELO HORIZONTE: Uma abordagem variacionista**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

---

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (Orientador) – PUC Minas

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanda de Oliveira Bittencourt – UFMG

---

Prof. Dr. João Henrique Rettore Totaro – PUC Minas

---

Prof. Dr. Milton do Nascimento – PUC Minas

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2015.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final deste trabalho, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por ser imensamente generoso e por me permitir dar continuidade aos meus estudos e realizar este trabalho.

Agradeço o meu orientador, Professor Dr. Marco Antônio de Oliveira pela paciência, pelos ensinamentos, pela generosidade e pela participação fundamental em minha formação acadêmica.

Agradeço aos professores da pós-graduação pelos ensinamentos durante o curso no Programa de pós-graduação PUC- Minas e aos professores que fazem parte da banca, por terem aceitado o convite.

Agradeço de forma amorosa aos meus pais, José e Isabel, que mesmo estando em outra cidade, sempre me incentivaram e acreditaram em mim. Aos meus irmãos, Fabiana, Tatiana e Moisés pelo incentivo, pela torcida e pelas orações.

Às minhas amigas Silvania, Isabelle e Ludmila pela amizade, auxílio e incentivo. Particularmente, agradeço à Ludmila por ter me auxiliado e instruído.

Ao meu namorado, Túlio por ser tão generoso, amável, paciente e pelo imenso incentivo em todos os momentos. À Família Batista Mendes Rocha pela torcida e carinho.

Obrigada a todos que estiveram comigo durante este período e que de alguma forma ou de outra me auxiliaram.

## RESUMO

Esta dissertação teve o intuito de descrever os processos de variação ocorridos nas estratégias relativas no português falado em Belo Horizonte sob uma perspectiva variacionista. As estratégias relativas são três: a relativa padrão, reconhecida pela gramática como estratégia de prestígio e as duas não padrão, a relativa cortadora e a relativa resumptiva, com pronome lembrete. O corpus analisado foi retirado de entrevistas feitas nos anos de 2012, 2013 e 2014. Nestas gravações, pude constatar a presença de fala espontânea e de fala cuidada por parte dos informantes. Para análise, foram consideradas variáveis de natureza linguística (função sintática do SN da cabeça e função sintática do SN da relativa, animacidade, humano e definitude) e de natureza não linguística ( faixa etária, gênero, escolaridade e estilo). A análise quantitativa foi feita por meio do software GOLDVARB, versão 2001, que definiu estatisticamente, por meio de confrontações dos elementos linguísticos e não linguísticos os valores de peso relativo de cada variável considerada. O resultado da análise quantitativa apontou que houve um favorecimento de ordem linguística (sintática e semântica) e não linguística (escolaridade e faixa etária) para a estratégia não padrão.

**Palavra chaves:** Sociolinguística. Variação linguística. Orações relativas. Variáveis linguísticas e não linguísticas.

## ABSTRACT

This dissertation has the purpose of describing the variation processes occurred in the relative strategies in the Portuguese language spoken in Belo Horizonte from the variational perspective. There are three relative strategies: standard relative, recognized by grammar as a prestigious strategy and two nonstandard, one called pp-chopping and another called resumptive relative with reminder pronoun. The corpus analysed was collected from interviews done in 2012, 2013 and 2014. In these recordings, I could notice the presence of spontaneous speech and manipulated speech by the informants. For this analysis were considered linguistic variables nature (syntactic function of SN head and syntactic function of the relative SN, animacy, human and definiteness) and were considered non-linguistic variables nature (age, gender, education and style). The quantitative analysis was made by the software GOLDVARB, 2001 version, which defined aesthetically, through the confrontation from linguistic and non-linguistic elements the relative weigh values of each variable considered. The quantitative analysis results revealed that there was a biased linguistic order (syntactic and semantic) and non-linguistic (education and age) to the nonstandard strategy.

**Keywords:** Sociolinguistic. Linguistic variation. Relative clauses. Linguistic variables and non-linguistics.

## **LISTA DE MAPAS**

|   |    |
|---|----|
| Mapa 1 - Mapa das regionais administrativas e região metropolitana..... | 62 |
|---|----|



## LISTA DE GRÁFICOS

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Gráfico 1 - | Frequência das estratégias de relativização em PB nas funções de OI, Obl e G do século XVIII ao século XX..... | 44 |
| Gráfico 2 - | Frequência das relativas com resumptivo realizado por posição sintática.....                                   | 46 |
| Gráfico 3 - | Variação percentual do grupo etário 1980/2000.....   | 69 |
| Gráfico 4 - | Distribuição percentual das variantes padrão e não padrão (cortadora e resumptiva).....                        | 86 |

## LISTA DE QUADROS

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Quadro 1 -  | Função sintática da cabeça da relativa.....                              | 72 |
| Quadro 2 -  | Função sintática do sintagma nominal da relativa.....                    | 73 |
| Quadro 3 -  | Fator semântico animacidade.....   | 75 |
| Quadro 4 -  | Fator semântico definitude.....  | 75 |
| Quadro 5 -  | Fator semântico humano.....  | 75 |
| Quadro 6 -  | Variável faixa etária.....   | 77 |
| Quadro 7 -  | Variável gênero.....   | 79 |
| Quadro 8 -  | Variável escolaridade.....   | 80 |
| Quadro 9 -  | Variável estilo de fala.....   | 81 |
| Quadro 10 - | Informantes de acordo com o gênero, a faixa etária e a escolaridade..... | 82 |

## LISTA DE TABELAS

|             |   |     |
|-------------|---|-----|
| Tabela 1 -  | Concordância verbal na fala de alfabetizados adultos na cidade do Rio de Janeiro.....                 | 57  |
| Tabela 2 -  | Valores para a centralização do ditongo associado à faixa etária.....                                 | 59  |
| Tabela 3 -  | Efetivos populacionais e participação efetiva das mesorregiões de Minas Gerais- 1980,1991 e 2000..... | 65  |
| Tabela 4 -  | Percentual de aplicação da estratégia não padrão (cortadora e resumptiva).....                        | 86  |
| Tabela 5 -  | Percentual de aplicação da estratégia cortadora.....  | 88  |
| Tabela 6 -  | Percentual de aplicação da estratégia resumptiva.....   | 89  |
| Tabela 7 -  | Valores para os grupos função sintática da relativa.....  | 93  |
| Tabela 8 -  | Função sintática do NP relativizado em relação à variante padrão.....                                 | 95  |
| Tabela 9 -  | Função sintática da relativa- Silva (2011) e Ramos (2015).....  | 95  |
| Tabela 10 - | Funções sintáticas da relativa amalgamadas (variante não padrão).....                                 | 97  |
| Tabela 11 - | Variável escolaridade- padrão x não padrão.....   | 98  |
| Tabela 12 - | Variável faixa etária- padrão x não padrão.....   | 98  |
| Tabela 13 - | Variável faixa etária amalgamada (variante não padrão).....   | 99  |
| Tabela 14 - | Função sintática- padrão x cortadora.....   | 100 |
| Tabela 15 - | Funções sintáticas amalgamadas (variante cortadora).....  | 100 |
| Tabela 16 - | Variável faixa etária- padrão x cortadora.....  | 101 |
| Tabela 17 - | Variável faixa etária amalgamada ( variante cortadora).....   | 101 |
| Tabela 18 - | Variável escolaridade- padrão x cortadora.....  | 101 |
| Tabela 19 - | Função sintática- padrão x resumptiva.....  | 102 |
| Tabela 20 - | Funções sintáticas da relativa amalgamadas (variante resumptiva).....                                 | 102 |
| Tabela 21 - | Variável semântica- padrão x resumptiva.....  | 103 |
| Tabela 22 - | Tabulação cruzada- fator semântico e função sintática ( variante resumptiva).....                     | 104 |

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>2</b> | <b>AS ORAÇÕES RELATIVAS.....</b>  | <b>15</b> |
| 2.1      | As orações relativas na perspectiva das gramáticas normativas.....                  | 15        |
| 2.2      | As orações relativas na perspectiva das gramáticas descritivas.....                 | 21        |
| <b>3</b> | <b>AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA.....</b>                       | <b>26</b> |
| 3.1      | Quadro de análise de Tarallo (1983).....  | 28        |
| 3.1.1    | Relativização e Pronominalização.....   | 33        |
| 3.2      | Silva (2011), uma abordagem variacionista.....                                      | 36        |
| 3.3      | Refinamentos à proposta de Tarallo (1983).....                                      | 44        |
| 3.4      | Bastos (2008).....  | 47        |
| <b>4</b> | <b>QUADRO TEÓRICO.....</b>  | <b>52</b> |
| 4.1      | Concepções teóricas do estudo da Linguagem.....                                     | 52        |
| 4.2      | Teoria da Variação.....   | 54        |
| 4.2.1    | Modelos de análise quantitativa.....  | 55        |
| 4.2.2    | Mudança linguística.....  | 59        |
| 4.3      | Marcadores sociais.....   | 60        |
| <b>5</b> | <b>A comunidade de fala de Belo Horizonte .....</b>                                 | <b>61</b> |
| 5.1      | A cidade de Belo Horizonte.....   | 61        |
| 5.1.1    | História da cidade: de arraial a capital mineira.....                               | 62        |
| 5.1.2    | A dinâmica demográfica de Belo Horizonte e da Região Metropolitana.....             | 64        |
| 5.1.3    | As causas da redistribuição demográfica da Capital para a Região Metropolitana..... | 66        |
| 5.1.4    | As variáveis sociais e demográficas de Belo Horizonte e Região Metropolitana.....   | 67        |
| <b>6</b> |   |           |
| 6.1      | A entrevista sociolinguística.....  | 70        |
| 6.2      | Variáveis estruturais.....  | 72        |
| 6.3      | Variáveis não estruturais.....  | 76        |
| 6.3.1    | Faixa etária.....   | 76        |
| 6.3.2    | Gênero.....   | 77        |
| 6.3.3    | Escolaridade.....   | 79        |
| 6.3.4    | Estilo de fala.....   | 80        |
| 6.3.5    | Quadro de informantes.....  | 82        |
| 6.4      | A análise quantitativa.....   | 83        |
| 6.4.1    | Varbrul.....  | 83        |
| <b>7</b> | <b>ANÁLISE.....</b>   | <b>85</b> |
| 7.1      | Resultado percentual padrão x não padrão.....                                       | 86        |
| 7.1.1    | Resultado percentual padrão x cortadora.....  | 87        |
| 7.1.2    | Resultado percentual padrão x resumptiva.....                                       | 89        |
| 7.2      | Análise dos dados.....  | 90        |

|       |   |     |
|-------|---|-----|
| 7.2.1 | Padrão x não padrão- Função sintática.....            | 93  |
| 7.2.2 | Padrão x não padrão – Escolaridade.....               | 98  |
| 7.2.3 | Padrão x não padrão – Faixa etária.....               | 98  |
| 7.2.4 | Padrão x Cortadora –Função sintática da relativa..... | 99  |
| 7.2.5 | Padrão x Cortadora –Faixa etária.....                 | 100 |
| 7.2.6 | Padrão x Cortadora – Escolaridade.....                | 101 |
| 7.2.7 | Padrão x resumptiva- Função sintática.....            | 102 |
| 7.2.8 | Padrão x resumptiva- Fator semântico.....             | 103 |
| 7.3   | Considerações finais.....                             | 105 |
| 8     | CONCLUSÃO.....  | 107 |
|       | REFERÊNCIAS.....                                      | 110 |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o processo de variação que envolve as orações relativas no português falado em Belo Horizonte. As estratégias relativas são três: a relativa padrão, reconhecida pela gramática normativa como a estratégia de prestígio e as duas estratégias não padrão, a relativa cortadora e a relativa resumptiva, com pronome lembrete. As estratégias são exemplificadas em (1a), (1b) e (1c), respectivamente:

- (1a) Eu tenho três colegas que foram roubadas;
- (1b) O Pátio Savassi mais um lugar que a gente pode ir;
- (1c) Colegas conhecidos que eu ligo para eles.

As estratégias apresentadas em (1a), (1b) e (1c) são diferentes das orações relativas da modalidade escrita do português. Segundo Neves (2000; p. 375), na escrita do português, as estratégias relativas são classificadas em:

I) Restritivas (com núcleo ou sem núcleo) - cuja informação introduzida serve para identificar um conjunto dentro do conjunto. Ex:

(2a)- De acordo com um levantamento da Trevisan, as empresas **que trabalham em setores mais competitivos conseguiram reduzir seus preços entre 15% e 22% nos últimos dois anos.**

II) Explicativas (sempre com núcleo e com a presença de vírgulas), cuja informação introduzida é suplementar, não servindo para identificar nenhum subconjunto dentro do conjunto, como em (2b). Ex:

(2b)- De acordo com um levantamento da Trevisan, as empresas, **que trabalham em setores mais competitivos, conseguiram reduzir seus preços entre 15% e 22% nos últimos dois anos.**

O processo de variação, no qual as estratégias relativas do português falado estão envolvidas, sofre a ação de fatores linguísticos e de fatores não linguísticos. Como objetivos específicos, procurei quantificar e qualificar o efeito desses fatores e relacioná-los à escolha

do falante por determinada estrutura relativa. Os dados analisados oriundos de entrevistas sociolinguísticas foram codificados e submetidos à análise quantitativa através do software Varbrul (2001), levando-se em consideração os condicionamentos linguísticos e não linguísticos que cercam o fenômeno.

O trabalho tem como sustentação a Teoria da Variação, conforme estabelecida por Labov (1972/2008). E como referenciais de estudo das estratégias relativas, a tese de doutorado de Tarallo (1983) e a dissertação de mestrado de Silva (2011).

De acordo com Silva (2011), no português falado em Belo Horizonte, encontramos as três estratégias relativas: padrão e as duas não padrão, a resumptiva e a cortadora. Estas últimas são nomeadas não padrão, por não serem reconhecidas pela gramática normativa.

Assim como Tarallo (1983), Silva (2011) mencionou que a estratégia com pronome lembrete ocorreria em qualquer posição sintática (sujeito, objetos, complementos, etc.) e parece ser estigmatizada pelos falantes mais escolarizados.

A estratégia cortadora seria uma estrutura parecida com a estrutura padrão, mas não respeitaria a regra da regência do verbo da oração. Já a estratégia resumptiva seria estigmatizada pelos falantes, preferindo a estratégia cortadora. De maneira geral, as estratégias não padrão parecem substituir a estratégia padrão em textos orais e estariam sendo mais condicionadas por fatores estruturais (função sintática).

A partir destas hipóteses, procurei desenvolver uma pesquisa sobre os fatores linguísticos e não linguísticos envolvidos na escolha dos falantes de Belo Horizonte por determinada estratégia relativa. Para o desenvolvimento do estudo, organizei esta dissertação em 8 capítulos.

O primeiro, a introdução apresentou o fenômeno estudado, a variação das três estratégias relativas do português. O segundo traz considerações sobre as orações relativas de acordo com a gramática normativa e a gramática descritiva. O terceiro capítulo apresenta o quadro de análise de Tarallo (1983), descrevendo os fatores motivadores da variação das estratégias relativas; diferencia as orações restritivas das não restritivas, descreve os fatores linguísticos motivadores da retenção do pronome resumptivo e a origem da estratégia cortadora; apresenta a abordagem variacionista feita por Silva (2011) sobre o fenômeno das relativas no português de Belo Horizonte; apresenta refinamentos à proposta de Tarallo (1983) feito por Lessa (2006) e, por fim, o trabalho desenvolvido por Bastos (2008), que retoma o estudo feito por Tarallo em 1983 sobre a formação estrutural da relativa padrão e das relativas não padrão a partir da perspectiva funcionalista. O quadro teórico é apresentado no quarto capítulo, trazendo concepções teóricas do estudo da linguagem; apresentando a

sociolinguística e seus pressupostos teóricos. O quinto capítulo apresenta informações da comunidade de fala, a cidade de Belo Horizonte. A metodologia compõe o sexto capítulo, trazendo comentários sobre a entrevista sociolinguística; como os dados foram coletados; variáveis estruturais e as variáveis não estruturais, o quadro de informantes que colaboraram com a pesquisa e por último, informações sobre o software VARBRUL 2001. No capítulo 7, início a análise, apresentando os resultados de acordo com a ocorrência da estratégia não padrão. No decorrer do capítulo 7, realizo a análise das estratégias não padrão isoladas, os primeiros resultados obtidos foram os da relativa cortadora. Os resultados para a análise da relativa resumptiva compõem a última seção, finalizando esse capítulo. O último capítulo, o de número 8 traz as conclusões obtidas a partir da pesquisa realizada.



## **2 AS ORAÇÕES RELATIVAS**

Neste capítulo, apresento as orações relativas segundo a perspectiva das gramáticas normativa e descritiva.

De acordo com as gramáticas normativas, o estudo das orações relativas está associado ao pronome relativo e as funções que este constituinte desempenha na oração. Segundo as gramáticas descritivas, as orações relativas pertencem à classe dos sintagmas adjetivos, desempenhando a função de modificador sintático.

### **2.1 As orações relativas na perspectiva das gramáticas normativas**

De modo geral, as gramáticas normativas apresentam conceitos parecidos no tratamento das orações adjetivas. Nesta seção, as definições normativas para essas orações são mencionadas de acordo com os estudos de Bechara (2006), Nicola (2004) e Luft (2000), atualmente, alguns dos especialistas em gramática da língua portuguesa, que demonstram preocupação com o bom entendimento e com a reformulação de regras da norma padrão do português e que compõe as referências de trabalhos acadêmicos como os de Fernando Tarallo.

Entende-se que as gramáticas normativas prescrevem regras direcionadas à língua escrita e levantam questionamentos gramaticais que devem ser seguidos rigorosamente. Estas características se diferenciam das gramáticas do português falado, descritivas, que explicam e não ditam as regras das línguas.

A seguir, estão as definições de orações adjetivas prescritas pelas gramáticas normativas e na próxima seção (2.2) estão as definições de orações adjetivas conforme as gramáticas descritivas.

As orações relativas funcionam como adjetivos, modificando um termo de natureza substantiva, conforme os exemplos (3a) e (3b) a seguir.

(3a)- O jornal, que ainda ninguém leu, está ali;

(3b)- O jornal que você trouxe é velho.

Nos exemplos de (3a) e (3b), ambas as orações funcionaram como adjuntos adnominais e caracterizaram um termo de natureza substantiva, o jornal. Essa caracterização

do substantivo só é possível, porque as orações relativas encaixam-se em outra oração por meio de um pronome relativo.

Os pronomes relativos, quando empregados em uma oração adjetiva, fazem menção a um termo substantivo anteriormente expresso, nomeado pela gramática normativa de antecedente.

Como podemos verificar nas gramáticas normativas, Bechara (2006), Nicola (2004) e Luft (2000) afirmam que os relativos podem variar em gênero e em número (o qual, a qual, os quais, as quais); (cujo, cuja, cujos, cujas); (que, quem, quantos, quantas) ou permanecem invariáveis (onde, como, quando). Nos exemplos de (4a) até (4h) de (BECHARA, 2006, p.141) podemos encontrar algumas aplicações dessas variações morfológicas do relativo.

- (4a)- As pessoas de quem falas não vieram;
- (4b)- O ônibus que esperamos está atrasado;
- (4c)- Não são poucas as alunas que faltaram;
- (4d)- Este é o assunto sobre o qual falará o professor;
- (4e)- Não vi o menino, o qual menino os colegas procuram;
- (4f)- A casa onde moro é espaçosa;
- (4g)- Todos admiram a maneira como (= pela qual) se portou durante a discussão;
- (4h)- Conheci-o na época quando (=em que) estudava em Belo Horizonte.

A partícula *que* não apenas relaciona a oração principal à relativa, como também substitui, no interior da subordinada adjetiva, um termo substantivo. Vejamos os exemplos de (5a) e (5b) extraídos de (NICOLA, 2004, p. 324).

- (5a)- Procuramos homens *que* sejam criativos;
- (5b)- Procuramos homens. *Homens* sejam criativos.

Em (5a) temos o pronome relativo *que* exercendo a função de constituinte que une a oração principal à subordinada adjetiva, ao mesmo tempo em que substitui um nome. O pronome relativo passa a exercer a função desempenhada pelo antecedente ao substituí-lo na sentença adjetiva. Nos exemplos de (6a) e (6b), observamos a mesma função do pronome relativo, só que agora a partícula relativa é *cuja* (NICOLA, 2004, p. 324).

- (6a)- Procuramos homens *cuja* criatividade seja elevada;

(6b)- Procuramos homens. A criatividade dos homens seja elevada.

Em (6b), *dos homens* é adjunto adnominal de *criatividade*. Portanto, em (6a), o pronome *cuja*, ocupando o lugar de *dos homens*, funciona como um adjunto adnominal de *criatividade*. Esses exemplos são de subordinadas adjetivas na forma desenvolvida, que geralmente são introduzidas por um pronome relativo. Há ainda as adjetivas reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, que comentarei mais a frente.

Quanto à classificação encontrada nas gramáticas normativas, podemos separar as subordinadas adjetivas em dois grupos, o das restritivas e o das explicativas.

Em Nicola (2004) encontrei alguns comentários sobre as características de cada período composto por subordinação, como nos exemplos de (7a) e (7b) extraídos de (NICOLA, 2004, p. 324).

(7a)- Enviei um livro ao meu irmão que mora em Recife;

(7b)- Enviei um livro ao meu irmão, que mora em Recife.

Com relação ao exemplo (7a), Nicola explica:

A semelhança sintática entre esses períodos é evidente. Há, no entanto, uma profunda diferença, capaz de modificar completamente o sentido do que estamos declarando. O primeiro período, temos uma oração subordinada adjetiva ligada diretamente ao termo *irmão* e a oração que a ela se liga. Dessa maneira, percebemos que a oração que mora no Recife delimita o sentido da palavra *irmão*, restringindo-lhe a significação. O livro enviado ao irmão que mora em Recife, não a outro! A esse tipo de oração adjetiva chamamos restritiva, pois restringe, delimita e especializa o sentido do antecedente (NICOLA, 2004, p 324-325)

Para o exemplo (7b) o autor faz as seguintes ponderações.

No segundo período, também temos uma oração subordinada adjetiva que se refere a irmão. Dessa vez, porém, há uma pausa entre esse termo e a oração que mora no Recife. Essa pausa indica que a informação contida na oração é uma simples “informação adicional sobre um ser que se acha suficientemente definido”. Ou seja: nesse segundo período quero dizer que enviei um livro ao meu irmão, o único irmão que tenho e de que já é sabido morar em Recife. O sentido da palavra irmão não é mais delimitado ou especializado pela oração adjetiva; isso é desnecessário, pois possuo apenas um irmão. A oração subordinada é agora uma simples explicação ou pormenor do antecedente, é chamada oração subordinada adjetiva explicativa (NICOLA, 2004, p. 325)

De acordo com Nicola (2004), as orações restritivas particularizam o seu antecedente e na fala são proferidas sem pausa acentuada, como podemos perceber em (8a) e (8b):

(8a)- Os homens que conhecem a si mesmos entendem melhor os outros homens;

(8b)- As nações cujas economias estão atravessando um período problemático deveriam solidarizar-se.

Em (8a) o entendimento restringe-se apenas aos homens que conhecem a si mesmos enquanto em (8b) a solidariedade deve existir apenas entre as nações cujas economias estão em um período problemático.

Já as subordinadas adjetivas explicativas sobrepõem um aspecto do seu antecedente que já é definido. Na fala têm pausa acentuada, adquirindo a função de aposto, como em (9a) e (9b).

(9a)- O mundo, onde quero estar ao seu lado, impõe-nos rígidas condições;

(9b)- As nações do terceiro mundo, cujas economias estão constantemente enfrentando problemas, deveriam solidarizar-se.

As orações adjetivas, com relação à forma, são classificadas em desenvolvidas, como nos exemplos (9a) e (9b), e reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio como em (10a), (10b) e (10c), respectivamente.

(10a) O vento, *a soprar*, conduzia folhas, sonhos e olhares;

(10b) Um bêbado, *cambaleando*, atravessou lentamente a madrugada urbana;

(10c) Os livros *pouco valorizados pelos homens*, contêm muitas vezes deleitosas soluções para os problemas humanos.

Dizemos que as orações subordinadas estão na forma reduzida quando apresentam o seu verbo principal ou auxiliar (em locuções verbais) no infinitivo, gerúndio ou particípio. Estas orações geralmente são desprovidas do transpositor *que* e podem desdobrar-se em orações desenvolvidas e vice-versa, como em (11a) e (11b) de (BECHARA, 2006, p. 398).

(11a) Livro contendo gravuras;

(11b) Livro que contém gravuras.

Os dois períodos são equivalentes; em (11a), temos uma oração reduzida de gerúndio e em (11b) a sua forma desenvolvida com a presença do transpositor *que*. Nos exemplos (12a) e (12b), a seguir temos uma oração desenvolvida e outra reduzida de participípio.

(12a) O aluno que estuda vence na vida;

(12b) O aluno estudado vence na vida.

Bechara (2006) nomeia as adjetivas desenvolvidas como em (12a), de orações de relativo por terem o transpositor *que* como um dos componentes. O autor faz as seguintes considerações sobre o pronome relativo:

O transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente que passa a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno*, tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida*. Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é subordinada adjetiva. O transpositor relativo, na oração subordinada, reintroduz o antecedente a que se refere e acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta. Trata-se de um caso de antitaxe<sup>1</sup>. (BECHARA, 2006, p. 341)

Segundo o mesmo autor, a função desempenhada pelo pronome relativo é a antitaxe ou substituição. Isto ocorre quando um estrato gramatical já presente na sentença é retomado ou antecipado por outro constituinte gramatical, como em (13):

(13) O livro de que gostas está esgotado.

O relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*. *Livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas*. Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo marcado por um índice preposicional, e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo. (BECHARA, 2006, p.342).

Para Nicola (2004), o relativo *que* pode ser chamado de universal, por ter um emprego amplo, substituindo antecedentes animados ou inanimados, humanos ou não humanos e desempenhar as diversas funções sintáticas conforme nos exemplos de (14a) a (14g).

<sup>1</sup> De acordo com Bechara (2006) a função desempenhada pelo pronome relativo é nomeada de antitaxe, que tem o mesmo conceito da palavra substituição, pois o relativo retoma o lugar, ou seja, substitui um constituinte na sentença subordinada.

- (14a) Certas canções *que* ouço cabem tão dentro de mim; (Objeto direto)
- (14b) O homem *que* conhece a si mesmo conhece melhor aos outros homens;  
( sujeito)
- (14c) As coisas *de que* gostamos são muitas; (objeto indireto);
- (14d) O sujeito sensível *que* ele era tornou-se um cético; (predicativo do sujeito)
- (14e) O problema *a que* fizeste referência foi resolvido; (complemento nominal)
- (14f) A cobra *por que* ele foi mordido não era venenosa; (agente da passiva)
- (14g) A caneta *com que* escrevi estas páginas desapareceu; (adjunto adverbial)

O estudo das orações adjetivas está intimamente ligado ao emprego dos pronomes relativos e às diferentes funções sintáticas desempenhadas por este constituinte. Em Luft (2000:58) encontrei uma simplificação para a subdivisão das orações adjetivas em restritivas ou explicativas. O autor define as restritivas como aquelas que delimitam o sentido do antecedente (nome ou pronome) e que são caracterizadas de forma elocutiva, pois não são precedidas de pausas (e não possuem vírgula na escrita). As orações explicativas foram definidas como sendo justapostas a um substantivo (nome ou pronome). Este substantivo que se justapõe à adjetiva geralmente é um substantivo próprio, definido pelo discurso ou pelo contexto. Isso pode contribuir para que as orações explicativas, caso sejam eliminadas da sentença, não prejudiquem o sentido do antecedente. As adjetivas explicativas apresentam função estilística, são enfáticas e caracterizadas de forma elocutiva como as marcadas por pausa (e possuem vírgula na escrita).

Conforme apresentei nesta seção, a gramática normativa classifica as orações relativas em dois tipos: as restritivas e as explicativas. As primeiras estreitam o sentido do termo que modificam e são indispensáveis para o entendimento da oração. Já as explicativas, por modificarem um termo de sentido genérico, destacando suas características, vêm sempre entre vírgulas, na escrita, marcando as instâncias de enunciação entre o termo modificado e o resto da oração principal.

Nesta seção, foram apresentados exemplos e formas gramaticais de orações adjetivas para a realização da língua escrita, pois a gramática normativa, não apresenta informações sobre a fala. A variedade da língua falada é tratada como um desvio da norma padrão e sem prestígio social.

De encontro com esta concepção de que a fala apresenta ocorrências gramaticais sem prestígio, está a Teoria da Variação, que tem como objeto de estudo a variação linguística existente na fala.

Sem considerar as regras da língua escrita, essa Teoria considera as alternâncias linguísticas, como objetos passíveis de serem analisados e descritos. As gramáticas descritivas apontam exemplos e conceitos sobre essas alternâncias gramaticais da fala. Na próxima seção, apresento as concepções de orações adjetivas segundo as gramáticas descritivas.

## 2.2 As orações relativas na perspectiva das gramáticas descritivas

A perspectiva abordada nesta seção está de acordo com as proposições de Peres (1995), Perini (2003) e Perini (2010), distanciando da perspectiva da gramática normativa, mencionada na seção 2.1. A gramática descritiva realiza um estudo, descrevendo os fenômenos linguísticos que acontecem na fala e também na escrita. A descrição linguística está associada à observação dos fatos e das formas da língua, que permitem a interpretação e a explicação de regras reguladoras de um fenômeno linguístico.

Perini (2003) considera as orações adjetivas como sendo aquelas estruturas sintáticas introduzidas por relativos e que têm sempre a função de modificador externo, ou seja, pertencem à classe dos sintagmas adjetivos<sup>2</sup>. Estas sentenças apresentam estrutura peculiar e são fáceis de identificar, pois têm em sua composição um nominal seguido de um pronome relativo, acompanhado de uma estrutura oracional incompleta, como no exemplo (15a) retirado de (PERINI, 2010, p.189).

(15a)- A bobagem que o cara disse me deixou irritado.

O enunciado sublinhado é uma estrutura relativa, que funciona sintaticamente como sujeito do verbo *deixou* e é um SN, pois apresenta um constituinte nominal acompanhado de um determinante (a bobagem). Logo em seguida temos o pronome relativo (que) e, ao final, uma estrutura incompleta (o cara disse). Esta estrutura incompleta, segundo Perini (2010), deveria ser inaceitável semanticamente, por não apresentar a <sup>3</sup>valência do verbo (*dizer*). O verbo determina a sintaxe de uma oração, o número e o tipo de complementos sintáticos que

<sup>2</sup> Sintagmas são constituintes que desempenham funções sintáticas em uma sentença de acordo com o seus núcleos sintagmáticos. Podem ser sintagmas verbais, sintagmas nominais, sintagmas adjetivos, etc.

<sup>3</sup> De acordo com Bechara (2006), o verbo determina o número e os tipos de complementos obrigatórios. Esta capacidade é denominada de valência verbal.

deverão aparecer em uma sentença. Esta possibilidade verbal de exigir vários complementos é denominada, pela linguística, de valência. Como a estrutura incompleta, mencionada acima, compõe uma sentença relativa, não houve incompletude semântica devido à valência verbal aparecer na sentença de maneira diferente, deslocada para o início da oração relativa. No caso, a estrutura relativa também poderia ser construída como em (15b) retirado de Perini (2010, p. 191).

(15b) O cara que disse uma bobagem me deixou irritado.

Como visto nos exemplos de (15a) e (15b) as sentenças relativas possibilitam o deslocamento dos constituintes sintáticos de forma que esses fiquem em evidência e passem a tópicos da sentença. Na primeira oração o que está em evidência é *a bobagem*, enquanto na segunda sentença, o destaque recai sobre *o cara*. A topicalização de alguns constituintes é comum na oralidade. Em Perini (2010, p.191), há uma ressalva sobre as construções relativas da oralidade apresentarem uma diversidade na topicalização dos constituintes, conforme os exemplos de (16a) e (16b).

(16a) O funcionário que você falou dele é esse aí?

(16b) O funcionário que você falou é esse aí?

Nos exemplos anteriores, os sintagmas nominais deveriam ser relativizados com a introdução de uma preposição. Contudo, não foi o que ocorreu, pois exemplos como esses fazem parte da sintaxe do português falado no Brasil. Perini (2010) não distingue estas construções como orações não padrão, mas, apenas apresenta os exemplos e comenta, mais uma vez, sobre a valência verbal que, em (16b) foi desrespeitada, sem alterar o entendimento da oração.

É possível também relativizar sintagmas adverbiais com o uso do pronome relativo *onde*, como no exemplo (17) extraído de Perini (2010, p.192).

(17)- A casa velha onde eu morei já foi demolida.

Neste exemplo, o pronome (*onde*) corresponde ao antecedente (a casa velha), que corresponde a um sintagma adverbial.



Nos próximos parágrafos, apresento os comentários de Peres (1995) sobre as relativas. Um dos aspectos das orações adjetivas comentado por este autor é o fato de a adjetiva possuir, em sua composição, um constituinte inicial que, em si próprio, não tem significado. Este constituinte é o pronome relativo, que depende semanticamente de uma expressão lexical da frase matriz, o antecedente. Este último pode ser de natureza nominal ou uma estrutura frásica, como nos exemplos de (18a) e (18b) retirados de Peres (1995, p. 269-70).

(18a)- Os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, *o que constitui um fato muito positivo.*

(18b)- Os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, *fato que é muito positivo.*

Peres (1995, p. 270-1) classifica em duas grandes subclasses as orações relativas: a subclasse das relativas de frase, como no exemplo (18a), e a subclasse das relativas com nome, como no exemplo (18b). Sobre esta classificação, o autor comenta:

Se bem que se possa dizer que as duas frases têm o mesmo significado, a sua sintaxe é bastante diversa. Na realidade, a estrutura *fato que é muito positivo* constitui um aposto nominal à oração precedente (os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas), de tal modo que a oração relativa aí presente (que é muito positivo) não é uma oração relativa de frase, mas sim uma oração relativa de nome fato. Assim tanto a oração relativa de frase como a oração relativa contida no aposto nominal exprimem uma propriedade acerca da oração principal junto da qual ocorrem, com a fundamental diferença de que a primeira o faz de modo direto, através da simples relação de pronome relativo e antecedente, ao passo que a segunda o faz indiretamente, através de uma cadeia mais complexa formada pelo pronome relativo, pelo antecedente nominal e pela estrutura frásica precedente. (PERES, 1995, p. 270)

Com relação ao antecedente ser expresso ou não, Peres (1995) atribui esta particularidade às orações relativas livres ou sem antecedente expresso. Geralmente, são relativas restritivas e o contexto em que foram empregadas não apresenta um constituinte que sirva de antecedente para o pronome relativo. Apesar desta particularidade, não há dúvida quanto ao sentido e ao que está sendo mencionado nas sentenças, conforme os exemplos de (19a) e (19b) de Peres (1995, p. 273).

(19a) Quem casa quer casa;

(19b) Onde há um fumo há fogo.

Os exemplos (19a) e (19b) são considerados como estruturas com relativos que incorporaram um nome nulo. Em uma representação abstrata possuem traços [+ humano], como em (19a) e [+lugar], como em (19b). Esses traços são combinados à representação abstrata do pronome relativo, resultando assim, na forma concreta dos pronomes *quem* e *onde* conforme nos exemplos em (19a) e (19b) de Peres (1995, p. 273).

Para encerrar esta parte de definição das orações relativas, segundo as gramáticas descritivas, apresento as funções sintáticas desempenhadas pelo relativo e mencionadas por Peres (1995), em seu texto.

O modo como o pronome relativo se relaciona com o restante da sentença é o que permite associá-lo a uma posição na estrutura relativa. O movimento que este constituinte relativo faz no interior da estrutura permite que o mesmo desempenhe diferentes funções sintáticas. Vejamos nos exemplos de (20) até (20e) algumas dessas funções.

(20a)- O médico que operou a Ana formou-se em Coimbra; (Sujeito)

(20b)- O último filme que eu vi era do Fellini; (Objeto direto)

(20c)- O escritor a quem foi atribuído o primeiro prêmio não compareceu à cerimônia;  
(Objeto indireto)

(20d)- Os livros devem ser arrumados no sítio de onde foram tirados; (complemento oblíquo)

(20e)- Não consigo lembrar-me da loja onde comprei esta caneta; (complemento circunstancial)

Em todos os exemplos de (20) a função do constituinte relativo advém da relação que este constituinte tem com uma posição no interior do domínio frásico da sentença relativa (PERES, 1995, p. 284).

Neste capítulo, apresentei o objeto de estudo de minha pesquisa, as orações relativas, de acordo com as definições estabelecidas pela gramática normativa e pela gramática descritiva. Foi necessário apresentar os conceitos e exemplos de cada perspectiva, pois os dois tipos de gramática trouxeram contribuições ao estudo das orações relativas, mas com objetivos distintos.

A gramática normativa faz uma prescrição das regras, define as orações relativas como estruturas introduzidas pelo pronome *que* e as subclassifica como orações restritivas (não contém vírgulas) e orações explicativas (contém vírgulas).

A gramática descritiva conceitua a oração relativa como uma estrutura modificadora de uma sentença incompleta. Isso é possível porque a oração relativa pertence à classe dos sintagmas adjetivos, modificadores de sintagmas nominais, que têm como constituinte principal um nome de natureza substantiva ou que desempenha a função de um nome na sentença.

Na gramática descritiva encontrei exemplos e definições do que seria uma oração relativa, além de explicações abrangentes sobre a topicalização de alguns constituintes sintáticos dentro da sentença relativa. Este movimento de constituintes é frequente em orações da modalidade falada da língua, conforme os exemplos (15a), (15b), (16a) e (16b) da seção anterior.

### 3 AS ORAÇÕES RELATIVAS NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

As orações relativas encontradas na modalidade falada do português do Brasil são três: a padrão, estratégia de prestígio e as duas estratégias não padrão, relativa resumptiva e a relativa cortadora.

A estratégia padrão é uma estrutura que ocorre na modalidade escrita e na modalidade falada do português, apresentando em sua estrutura as funções sintáticas de sujeito, de objetos e de outros complementos. Essas funções sintáticas foram exemplificadas em (21a) até (21d) retirados do corpus deste estudo. Outro exemplo de sentença padrão seria a relativa com verbo de ligação, como em (21e).

#### **Sujeito**

(21a)- Eu que quis fugir então tenho que aguentar

#### **Objeto direto**

(21b)- Tudo que ele falava eu quero comprar isso eu quero ter

#### **Objeto indireto**

(21c)- Eu busco os valores, eu acredito nas coisas que a minha mãe ensinava

#### **Outros (adjunto adverbial)**

(21d)- Até que não fez não, porque tem pouco tempo que ela fez

#### **Relativa com verbo de ligação**

(21e)- Todos formaram em curso superior que era o meu sonho

As orações de (22a) e (22b) exemplificam a estratégia cortadora. Esta estratégia parece ser mais comum na fala, apresentando em sua estrutura um sintagma preposicionado. As funções sintáticas identificadas em relativas cortadoras estão nos exemplos a seguir.

#### **Sujeito**

(22a)- Os meus melhores amigos são os meninos que trabalham comigo aqui

### **adjunto adverbial**

(22b)- Um dia que esqueci de... pus sabão e... ah, fiquei louco

A relativa resumptiva é a estratégia que apresenta um pronome cópia e assim como a estratégia padrão, pode apresentar em sua estrutura, as posições sintáticas de sujeito, objetos e do grupo de complementos/adjuntos, como no exemplo (23a), (23b), (23c) e (23d). No corpus deste estudo não foi encontrada a ocorrência de verbo de ligação para a relativa resumptiva.

### **Sujeito**

(23a)- Tinha solteira que ela contava coisas que ela fazia com o namorado

### **Objeto direto**

(23b)- Eu vou olhar as datas certas dos meus diplomas que eu tenho eles

### **Objeto indireto**

(23c)- Sempre foi uma pessoa assim que os amigos gostavam muito dele

### **Complementos/ adjuntos**

(23d)- Tem certas pessoas que você sabe do que você conversa com elas

Assim como na pesquisa feita por Tarallo (1983), nesta dissertação escolhi as orações relativas como meu objeto de estudo. A seguir apresento uma revisão da análise feita pelo autor, no ano de 1983, sobre o fenômeno de variação linguística, no qual estão inseridas as estruturas relativas do português falado.

Tarallo (1983) tomou como base alguns teóricos como (CHAO 1981 apud TARALLO, 1983, p. 38); (MOLLICA, 1977 apud TARALLO, 1983, p.18); (WHEELER, 1982 apud TARALLO, 198, p. 38), para analisar o processo de variação em orações relativas na cidade de São Paulo. A partir das premissas teóricas criadas por (LABOV, 1975 apud Tarallo, 1983, p.66), Tarallo (1983) verificou a existência de dois sistemas de relativização concorrentes no PB, um sistema padrão e um sistema não padrão. Este fenômeno de relativização, segundo Tarallo (1983), já havia sido atribuído a diferentes análises, dentre elas a de (GUIRAUD, 1966 apud TARALLO, 1983, p.38) e a de (LEMLE, 1978 apud

TARALLO, 1983, p. 38), que apontaram dois sistemas de relativização concorrentes, diferenciados em termo de processo. A estratégia padrão derivaria de uma regra de movimento, enquanto as estratégias não padrão derivariam de uma regra de exclusão do componente da relativa.

Com a constatação de que a relativização no PB é originada a partir de dois processos distintos, o movimento e o apagamento, Tarallo analisou as orações relativas faladas no português do Brasil. A comunidade de fala escolhida foi a cidade de São Paulo devido à duas circunstâncias: a familiaridade que o pesquisador tinha com a cidade, onde residiu desde a adolescência e estabeleceu-se profissionalmente, e a escassez de trabalhos sociolinguísticos publicados na época. Tornou-se evidente, então, a necessidade de se desenvolver um trabalho de cunho linguístico, sincrônico e, em particular, sobre a sintaxe das relativas.

As técnicas utilizadas para coletar os dados foram as desenvolvidas por (LABOV, 1966 apud TARALLO, 1983, p. 58), (SANKOFF, 1974 apud TARALLO, 1983, p. 58) e (CEDERGREN & SANKOFF, 1974 apud TARALLO, 1983, p. 58). O programa de Sankoff & Cedergren, VARBRUL 2, foi a ferramenta básica para realização da análise quantitativa.

Tarallo enfatiza que para entender a variação existente no presente foi necessário analisar e reconstituir também a linguagem do passado. Por isso trabalhou com dados diacrônicos do PB. Utilizando-se de dados de documentos em prosa datados dos séculos 18 e 19. Tarallo dividiu esses dois séculos em 4 períodos de 50 anos cada. Desta forma, ele pode comparar e verificar a ocorrência das diferentes estruturas relativas, pois os textos eram o que melhor refletiam a “fala natural”. Com isso, a pesquisa passou a apresentar também uma vertente diacrônica e uma melhor percepção do desenvolvimento da linguagem cotidiana e dos fatores que contribuíram para a sua formação atual.

### **3.1 Quadro de análise de Tarallo (1983)**

Tarallo (1983) descreveu os diversos fatores responsáveis pelo fenômeno da variação nas estruturas relativas, dentre os quais há os que favoreceram ou inibiram o aparecimento do pronome lembrete nas sentenças.

Dentre os vários trabalhos consultados, Tarallo (1983) menciona ser o de (MOLICA, 1977 apud TARALLO, 198, p.18) o único a apresentar hipóteses sobre o condicionamento do pronome lembrete em uma relativa não padrão assim como sobre os fatores ligados à configuração desta estrutura. Uma das razões que levariam o falante a “perder supostamente o caminho da estrutura relativa”, seria a distância existente entre o pronome relativo e seu

referente. Com este distanciamento, o falante emprega o pronome lembrete, sinalizando de forma redundante, ao ouvinte, o referente sintático.

Antes de definir o envelope da variação, os fatores linguísticos e não linguísticos que regem a escolha dos três tipos de orações relativas, o autor discorre sobre a existência de uma hierarquia de funções sintáticas desempenhadas pelo sintagma nominal da relativa, uma disposição das funções, que teriam maior e menor influência sobre o emprego do pronome lembrete e sobre a ocorrência das outras relativas. As funções sintáticas estariam em ordem decrescente de aparição nas sentenças da seguinte maneira: sujeito > objeto direto > objeto indireto > oblíquo > genitivo, como nos exemplos (24a) até (24e) de estratégia resumptiva retirados de Bastos (2008, p.47).

(24a)- A garota que ela gosta de você (sujeito)

(24b)- A garota que você beijou ela (objeto direto)

(24c)- A garota que você gosta dela (objeto indireto)

(24d)- A garota que você falou com ela (oblíquo)

(24e) A garota que os olhos dela são azuis (genitivo)

Após estabelecer essa ordem em que as funções sintáticas podem aparecer nas relativas, ficou definido que a função sintática da cabeça da relativa é relevante para o aparecimento do pronome lembrete, mas que não é fator condicionante para o uso do mesmo (TARALLO, 1983, p.75- 76). A partir desta constatação preliminar, foi necessária a realização de uma análise quantitativa.

O primeiro fator considerado na análise foi o de uma estrutura sintática ser classificada como equacional ou não. Uma estrutura equacional possui o verbo *ser* como um dos constituintes principais. De acordo com Amorim (2003), podemos identificar as estruturas equacionais a partir das seguintes características: as estruturas equacionais caracterizam-se por serem construídas apenas com o verbo *ser*, que funciona como uma espécie de eixo de simetria entre o constituinte com a função de sujeito e o constituinte com a função de predicado. São, portanto, construções que apresentam a propriedade de reversibilidade. Normalmente o elemento com a função de predicado, é de natureza nominal (AMORIM, 2003, p. 25).

Uma sentença (- equacional) é desfavorecedora do emprego do pronome lembrete, já uma sentença (+ equacional) favorece o seu emprego, conforme os exemplos em (25a) e (25b), retirados de Tarallo (1983, p. 76).

**(- equacional)**

(25a)- Tem um rapaz lá também que ele fica mais no pacote.

**(+ equacional)**

(25b)- Sou exatamente ao contrário do meu irmão mais novo, porque ele é o tipo de pessoa que ele adora ficar em casa lendo.

Segundo Amorim (2003), o importante é que o sujeito e o atributo tenham a mesma classe designadora. Do ponto de vista da semântica, ambos possuem o mesmo referente, ou seja, são equivalentes em termos de referência. Na sentença (+ equacional) exemplificada em (25b) acima, *meu irmão mais novo e tipo de pessoa adora ficar lendo* têm um mesmo referente resumptivo. Por isso podemos considerar a sentença como equacional. Do ponto de vista semântico as estruturas equacionais possuem um constituinte, que se pretende enfatizar, ligado através do verbo *ser* (AMORIM, 2003, p. 20). Do ponto de vista apresentado por Tarallo (1983), a estrutura classificada como (+equacional) é um fator linguístico que favorece o aparecimento do pronome lembrete na sentença relativa.

O segundo elemento analisado foi a posição sintática do sintagma nominal da cabeça da relativa. Neste fator, a função sintática de objeto direto favoreceu a ocorrência do pronome lembrete. Nesta parte do trabalho, apenas faço uma descrição dos fatores que apresentaram resultados significativos, em uma análise probabilística durante um pré- exame de dados feito por Tarallo (1983).

O terceiro fator seria a distância existente entre o sintagma nominal da cabeça e a relativa. Este distanciamento, bem como a existência de outros constituintes entre a sentença matriz e a relativa, tornaria difícil o processamento linguístico do falante. Este, então, optaria pelo uso do pronome lembrete, para facilitar “o caminho sintático”, conforme mencionei anteriormente.

A oração principal que precede a relativa também foi considerada um dos fatores relevantes para a retenção do pronome resumptivo. O fato de a oração principal apresentar um constituinte existencial e ser uma cláusula não restritiva tende a contribuir para o uso do pronome. Esta característica não restritiva levanta outra questão para a análise do pronome; o constituinte “que” funcionaria como um simples introdutor de uma segunda oração principal, influenciado pelo processo de pronominalização ocorrido no PB, ou seja, não seria um pronome, mas uma conjunção.



Os últimos fatores considerados relevantes para a ocorrência do pronome resumptivo foram os semânticos. Para que houvesse a retenção do pronome resumptivo na sentença relativa, o sintagma nominal da cabeça da relativa deveria apresentar os seguintes aspectos semânticos, (+ humano), (+ indefinido) e (singular), como no exemplo (26) retirado do corpus da minha pesquisa.

(26)- Aquele tipo de amigo que você tem para todos os momentos

Depois de listar os fatores considerados como favorecedores da presença do pronome lembrete, Tarallo (1983) realizou um levantamento dos marcadores relativos mais utilizados pelos falantes. Constatou-se a ausência de marcadores<sup>4</sup> considerados padrão pela gramática normativa, pois não foram utilizados no discurso na mesma proporção encontrada para o marcador *que*. Com este efeito, a relativização não padrão se enquadra mais próxima a um processo de exclusão de componentes do que de movimento, como o que ocorre na relativa padrão (TARALLO, 1983, p.88).

Após a descrição inicial dos elementos favorecedores da presença do pronome lembrete, foi realizada uma análise dos valores de peso relativo dos fatores semânticos associados às funções sintáticas. O primeiro fator favorecedor do uso do pronome resumptivo foi o sintagma nominal da cabeça apresentar um aspecto (+humano). Este fator semântico (+humano) estaria ligado a uma provável alteração existente na hierarquia de funções sintáticas.

A Ordem sintática encontrada de acordo com o peso relativo sobre o fator (+humano) foi a seguinte: G> OI> OBL> S= OD. As posições de genitivo e de objeto indireto do sintagma nominal da cabeça da relativa foram as posições sintáticas que apresentaram um peso significativo, quando correlacionadas ao fator (+ humano).

Os fatores *singular* e *plural* do sintagma da cabeça da relativa também tiveram seu peso relativo correlacionado ao efeito das funções sintáticas no uso do pronome lembrete. A posição sintática de genitivo do sintagma nominal da cabeça da relativa, correlacionada ao peso do fator *singular*, favoreceu o uso do pronome lembrete.

O fator semântico com menor influência no uso do pronome resumptivo foi o sintagma nominal da cabeça ser (+definido) ou (+indefinido). Segundo a descrição feita

---

<sup>4</sup> Os marcadores segundo a norma padrão da língua são o qual, a qual, cujo, cuja, quanto, quanta, onde, de quem, do qual, etc.

anteriormente, (+indefinidos) favorecem o emprego do pronome lembrete. Ao correlacionar esta característica com as posições sintáticas, verificamos um efeito maior de (+ indefinidos) somente nas posições de objeto indireto e oblíquo.

Com esta pré-análise, Tarallo (1983) deduz que, independente da função sintática, do sintagma nominal relativizado, os fatores (+humano) (singular) e (indefinido) favorecem o pronome lembrete e que as posições sintáticas mais baixas também favorecem, ao contrário das posições de sujeito e objeto direto, que inibem o pronome lembrete.

Após a análise, o autor conclui que a regra do pronome resumptivo é construída a partir de dois conjuntos independentes, os fatores semântico-pronominais e os sintáticos. No próximo parágrafo, apresento a análise de Tarallo sobre a influência do fator *classe social* na variação das orações relativas.

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Labov (1975), mencionados por Tarallo, revelam a crescente interferência de fatores não estruturais na configuração da gramática das comunidades de fala. Principalmente, a tênue relação existente entre linguagem e fatores como *classe social*, *estilo*, *gênero*, *etnia*, etc (TARALLO, 1983, p.123).

Segundo Tarallo (1983), a gramática não é uma ferramenta construída apenas por fatores linguísticos. Por isso, foi necessário verificar a atuação de fatores sociais na variação existente entre as três estratégias de relativização. Em uma primeira análise da influência do fator *classe social*, Tarallo (1983) constatou que a classe baixa, usou com frequência o pronome lembrete em orações relativas. Após este resultado, o autor comparou os valores percentuais das três classes: alta, média e baixa para o favorecimento do pronome lembrete. O resultado apresentou o uso do pronome lembrete pelas classes sociais em escala crescente, conforme a representação a seguir: Classe alta < Classe média < classe baixa. De acordo com a representação, a classe alta desfavorece o pronome lembrete, seguida pela classe média e, por fim, a classe que mais favorece o pronome lembrete é a classe baixa.

Em outra análise, os fatores correlacionados foram a posição sintática, a classe social e a estratégia de relativização. Ficou evidente que as funções de objeto indireto (OI), de pronome oblíquo (OBL) e de genitivo (G) não são posições sintáticas encontradas com tanta frequência na estratégia padrão, mas acessíveis às estratégias não padrão.

Entre as duas estratégias não padrão, a variante com pronome lembrete foi a predominante no discurso de falantes da classe baixa, o que a torna socialmente mais estigmatizada do que a relativa cortadora. O que ocorre entre as variantes não padrão é uma inversão de valores sociais, pois as duas estratégias apresentam valores crescentes da classe

mais baixa para a mais alta. Ainda assim, a estratégia cortadora está mais presente no discurso dos falantes do que a relativa com pronome lembrete.

Outro fator, o estilo de fala, também pode implicar no aparecimento do pronome lembrete. Os estilos considerados foram: *espontâneo* (uma conversa, um bate papo, uma narrativa) e *entrevista* (uma estrutura mais rígida de perguntas e respostas).

A partir desta classificação, Tarallo analisou a ocorrência das três estratégias de relativização nos estilos mencionados, em conjunto com a classe social dos informantes. Ficou constatado o efeito do estilo no uso das duas variantes não padrão e um predomínio da variante cortadora sobre a resumptiva. O que ocorreu foi um aumento da variante cortadora da classe baixa para a classe alta no estilo entrevista, um caso de possível mudança em progresso desta estrutura sobre as demais, que percentualmente decresceram.

A pesquisa de Tarallo (1983) retomou o que ficou proposto por (LABOV, 1968 apud TARALLO, 1983). Segundo Labov, a variação existente na língua não ocorre de forma aleatória; os fatores extralinguísticos estão intimamente ligados a este processo. O fenômeno da variação linguística nas orações relativas foi analisado empiricamente por Tarallo e apresentou resultados que comprovam a atuação de fatores linguísticos e externos à língua, fatores estes responsáveis por um processo de variação que vem modificando as estruturas sintáticas do PB desde o século XVIII.

### **3.1.1 Relativização e Pronominalização**

No sexto capítulo de sua tese Tarallo classifica as orações relativas em restritivas e não restritivas. As orações restritivas são aquelas estruturas em que o sintagma nominal da cabeça recebe uma predicação, ou uma adjetivação, essencial para a especificação semântica do substantivo. Já aquelas classificadas como não restritivas funcionam como uma declaração sobre o substantivo do sintagma nominal.

As predicções que encontramos em cláusulas restritivas podem ser desempenhadas por pronomes da terceira pessoa (Ele/ela). Estes constituintes podem atuar no discurso como referenciadores redundantes (pronomes resumptivos) do substantivo ou podem ser excluídos das sentenças como no exemplo (27a), (27b) e (27c) de Tarallo (1983, p.162-3).

(27a)- Eu tenho uma amiga. Ela é toda cheia das frescuras.

(27b)- O café de lá é tão ruim. Eu não consegui tomar.

(27c)- Aí esse rapaz aí que eu conheci ele, ele estava lá na festa também.

No exemplo (27a) temos uma sentença que apresenta redundância pronominal fora da oração relativa; em (27b) o sintagma nominal *café* não foi referenciado por algum pronome na segunda sentença e temos aí um exemplo de exclusão pronominal, também conhecido como anáfora zero; em (27c) o sintagma nominal cabeça da relativa preenche a posição de objeto direto na sentença relativa e temos aí um exemplo de redundância pronominal.

Partindo dos exemplos anteriores em que o referente é um pronome, (27a), ou em que ocorre uma anáfora zero dos constituintes das sentenças, (27b), a investigação busca esclarecer a interferência que a pronominalização causa no processo de relativização no PB. Para esta nova análise, dados sincrônicos foram coletados e uma observação foi feita em casos de retenção pronominal ou exclusão.

O primeiro fator considerado para casos de retenção pronominal é o ambiente sintático. Segundo (GIVON, 1978, apud TARALLO, 1983, p.165) as cláusulas principais são os ambientes mais progressistas e inovadores na linguagem. Então, as mudanças ocorrem primeiro em orações principais para, depois, acontecerem em orações subordinadas. A exclusão do pronome aconteceria primeiramente em orações principais, dependendo da sua função sintática e dos fatores semânticos. A hipótese trabalhada pelo autor é a de que os fatores (+humano), (singular) e (definido) favoreceriam a retenção do pronome pela cláusula principal.

Segundo a análise sincrônica feita por Tarallo (1983), com dados das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, os pronomes clíticos estariam sendo trocados por pronomes tônicos. Este fator histórico de “morte dos clíticos” estaria ligado ao surgimento da variante cortadora na história do português do Brasil. Não aconteceria, então, em cláusulas relativas, a retenção e correferência pronominal.

A relativa cortadora não está ligada aos processos cognitivos ou de memória de curto prazo, como acontece com a resumptiva. Ela seria uma estratégia proveniente de alterações na língua. Esta alteração no sistema de relativização teve início no século XIX. Em sua análise diacrônica, o autor teve acesso a cartas e peças escritas neste século. Como estes documentos pertencem à língua escrita, o uso do pronome lembrete foi menor, pois as regras da gramática padrão estariam mais transparentes para quem escreveu as cartas.

O objetivo principal desta análise diacrônica foi obter a mesma explicação para o baixo uso do pronome lembrete na análise sincrônica feita pelo autor e, conseqüentemente,

investigar a reestruturação ocorrida no século XIX no sistema pronominal. Para isso, foram considerados os seguintes fatores:

- A função sintática do sintagma nominal cabeça;
- A função sintática do sintagma nominal relativa
- Sintagma cabeça (+ humano);
- Sintagma cabeça (+definido);
- Sintagma cabeça (singular).

Os fatores linguísticos mencionados acima foram os mais significativos para a retenção do pronome resumptivo na análise feita por Tarallo (1983).

Com relação à estratégia cortadora, Tarallo mostra que ela começou a se destacar a partir do século XIX devido às alterações ocorridas no idioma do PB. Para a descrição diacrônica do fenômeno, Tarallo (1983) utilizou dados da modalidade escrita do português, porque eram os registros que mais se aproximavam da fala da época. Foram utilizadas como fonte de dados cartas de mercadores e peças de teatro datadas desde a primeira metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX.

Tarallo separou os dados em quatro períodos com intervalos de aproximadamente 50 anos.

- I (primeira metade do século XVIII);
- II (a segunda metade do século XVIII);
- III (primeira metade do século XIX);
- IV (segunda metade do século XIX).

Após esta divisão dos períodos e da análise dos dados diacrônicos, ficou constatado que até o período III, correspondente à primeira metade do século XIX, havia no PB o predomínio do uso de duas estratégias relativas: a padrão e a resumptiva. A partir do período IV, correspondente a segunda metade do século XIX, houve uma diminuição da estratégia padrão, um considerável aumento da estratégia cortadora e, por último, em menor frequência, a ocorrência da estratégia resumptiva.

De acordo com a análise de Tarallo (1983), a relativa cortadora, surgiu em um momento em que os pronomes clíticos foram substituídos por anáforas zero nas construções

sintáticas, passando a competir com a estratégia mais frequente, a relativa com o pronome lembrete.

Na próxima seção, apresento outras pesquisas sobre a variação existente entre as estruturas relativas do português realizadas por Lessa (2006), Bastos (2008) e Silva (2011). Estes trabalhos são as pesquisas mais recentes sobre o processo de variação existente entre as estruturas relativas e todos têm como referência a pesquisa de doutorado de Tarallo (1983). Análises contemporâneas como estas complementam o trabalho de (1983) e apresentam outras perspectivas de análise das orações relativas.

### **3.2 Silva (2011), uma abordagem variacionista**

A pesquisa de Silva (2011) foi feita no quadro teórico da sociolinguística variacionista. A autora apresentou, como objetivo principal, a investigação dos fatores condicionadores da variação existente entre as três estratégias relativas. Para o desenvolvimento da análise, foram utilizados 343 dados, retirados de entrevistas realizadas com 21 informantes: 11 homens e 10 mulheres. A comunidade de fala escolhida pela autora, assim como a da minha dissertação, foi a cidade de Belo Horizonte. Silva (2011) optou pela cidade por ser natural de Belo Horizonte e por conhecer bem o dialeto falado nesta região do estado de Minas Gerais.

Para a análise, as seguintes variáveis estruturais foram observadas:

- a) A função sintática do sintagma nominal cabeça e da oração relativa;
- b) A distância entre o sintagma nominal e a oração relativa;
- c) A posição de lacuna da oração relativa;
- d) O caráter de existencialidade e não-restritivismo das orações.

A escolha das variáveis por Silva (2011) não foi aleatória. Na tese de Tarallo (1983), essas variáveis já haviam influenciado o fenômeno das orações relativas. Silva (2011), partindo do que ficou estabelecido por Tarallo, levantou hipóteses de que essas variáveis favorecem o aparecimento do pronome lembrete e de que as orações relativas não restritivas, por apresentarem estruturas mais “soltas/livres”, favorecem o uso do pronome relativo *que*.

Após a definição dos fatores linguísticos, a análise das funções sintáticas foi baseada na Hierarquia de Acessibilidade proposta por (KEENAN & COMRIE, 1977 apud SILVA, 2011), segundo a qual as funções sintáticas desempenhadas pelos sintagmas nominais seguem

uma ordem de posições. De acordo com a hierarquia, a função sintática mais recorrente é a posição de sujeito; em segundo, a posição de objeto direto; em terceiro, a posição de objeto indireto. As posições de pronome oblíquo e genitivo ocupam o quarto e quinto lugares, respectivamente.

Os exemplos de (28a) até (28d), a seguir, são orações que foram separadas de acordo com a função desempenhada pelo sintagma nominal da oração principal e do termo relativizado. As funções encontradas na cabeça da relativa padrão foram:

(28a)- Posição de Sujeito

As empresas que contratam bandidos... botam roupa e dão alguma orientação de segurança... e eles são programados pra roubar.

(28b)- Posição de Objeto direto

[...] nisso vinham dois elementos assim e limpava o sujeito que tava no chão e corria.

(28c)- Posição de Objeto indireto

É normal você lembrar hoje de coisa que te aconteceu no passado.

(28d)- Posição de Oblíquo

[...] toma cuidado com essas meninas que fica paquerando os homens lá. (SILVA, 2011, p.58-59)

Nos dados analisados por Silva (2011) foram encontrados exemplos de relativas com verbo de ligação. A autora denominou esses dados como “termo de sentença com verbo de ligação”, pois, segundo ela, são expressões em que não podemos afirmar qual o componente da oração desempenha a função de sujeito. No exemplo (28e), abaixo, a função de sujeito pode ser realizada pela expressão “todos os seguranças” ou por pelo termo “bandidos”.

(28e)-Todos os seguranças são bandidos que se apresentam [...]

Os exemplos em (29a), (29b), (29c) e (29d) apresentam as funções da cabeça da relativa encontradas em relativas cortadoras (SILVA, 2011, p. 61):

(29a)- Posição de Sujeito

A única coisa que eu não gosto quando eu vô meu avô... é que quando eu vô pra lá [...]

(29b)- Objeto direto

[...] eu tinha uma tia que eu gostava muito, né?

(29c)- Posição de Objeto indireto

[...] porque hoje eu estou gostando demais desse assunto que nós estamos falando aqui, sabe?

(29d)- Posição de Oblíquo

[...] aliás no lugar que eu nasci tinha umas vinte casas igual.

As orações em (30a) e (30b), apresentam as funções sintáticas da estratégia com pronome lembrete (SILVA, 2011, p. 61):

(30a)- Posição de Objeto direto

Tem uma menina na 501 que ela foi da minha sala na quarta série.

(30b)- Posição de Oblíquo

Depois eu vim aqui pra rua Calcedônia que ela passa aqui atrás.

Para o fator função sintática da relativa, as mesmas posições da cabeça foram analisadas, conforme as estruturas exemplificadas em (31), (32) e (33) de (SILVA, 2011, p. 60- 61):

### **Variante padrão**

(31a)- Posição de Sujeito

Então, isso eu acho que é um privilégio imenso de ver tantas pessoas que contam que lutou pra criar os filhos, lutou pra isso, né?

(31b)- Posição de Objeto direto



[...] teve 3 testes psicotécnicos... depois teve as provas... tinha 3 matérias que eu nunca tinha visto.

### **Variante cortadora**

(32a)- Objeto indireto

[...] acho que em mil, uma era mais assanhada, tinha coragem de fazer isso que eu estou falando né?

(32b)- Posição de Oblíquo

[...] tem uma menina da 502... que eu comecei a saí esse ano... não tinha começado as aulas não.

### **Variante resumptiva**

(33a)- Posição de Sujeito

[...] eu tinha uma tia que ela morava lá na barraginha, né?

(33b)- Posição de Oblíquo

[...] tem um parque aqui perto que eu vô nele nos feriados da minha mãe. (SILVA, 2011, p. 60-61)

Segundo Silva (2011), é importante ressaltar, mesmo antes da análise estatística, que, com o aumento no número de relativas cortadoras, há um aumento de funções sintáticas preposicionadas como as de objeto indireto e oblíquo, e uma diminuição na posição de genitivo, desfavorecendo, assim, a estratégia com pronome lembrete. Já as funções de sujeito e objeto direto são favorecidas pela ocorrência da variante padrão, visto que estas funções são mais recorrentes nesta estratégia. Estas afirmações só reforçam o que Tarallo (1983) já havia mencionado em seu estudo sobre a relevância das posições sintáticas para a ocorrência das estratégias relativas.

Os outros fatores linguísticos analisados por Silva (2011) não estão inseridos nos grupos de fatores escolhidos em minha análise e, por isso, não trouxe exemplos. O primeiro fator é a posição em que ocorre a oração relativa, o que pode favorecer ou desfavorecer a estratégia com pronome lembrete. O segundo fator é a distância entre o sintagma nominal da

cabeça e a oração relativa. Segundo Silva, ambos os fatores podem contribuir para a escolha de determinada estratégia relativa pelo falante.

A posição de lacuna da oração relativa, segundo Silva (2011), não é considerada relevante para o uso pronome lembrete, pois não são estruturas comuns no Português como nos exemplos (34a) e (34b) de Silva (2011, p. 65).

### **Oração relativa com lacuna interior**

(34a)-[...] são poucas pessoas que sabem disso...

### **Oração relativa com lacuna periférica**

(34b)-[...] teve 3 testes psicotécnicos... depois teve as provas... tinha 3 matérias que eu nunca tinha visto.

A autora analisou também um fator denominado oração existencial ou não existencial que pode contribuir para a retenção ou inibição do pronome lembrete como nos exemplos (35a) e (35b) de Silva (2011, p. 65).

### **Oração existencial**

(35)-Tem muitas pessoas que eu conheço, que moravam em outros bairros até distantes.

### **Oração não existencial**

(35b)-Alguns que eu conheci na faculdade também moram aqui.

Para Silva (2011) o pronome resumptivo restabelece o sentido de uma sentença precedida por uma matriz existencial, prepara um tópico conversacional, quando o discurso está em andamento. O pronome retoma o referente e contribui para que o falante não perca a “linha sintática”, retomando a forma canônica da sentença proferida. Com isso, é possível afirmar, hipoteticamente, a presença de um maior número de pronomes lembretes em orações existenciais.

Com relação à sentença ser restritiva ou não restritiva, a autora faz menção aos resultados encontrados por Tarallo (1983). Segundo Tarallo, as orações não restritivas

favorecem o uso do pronome lembrete. O que define a oração em restritiva ou não restritiva é a estrutura sintática, o aspecto semântico e pragmático desta sentença. Por exemplo, as orações não restritivas apresentam estruturas sintáticas mais livres, o pronome relativo é mais frequente e funciona, sintaticamente, como uma conjunção, introduzindo outra oração, e não como um pronome relativo.

Os fatores semânticos listados a seguir foram analisados por Tarallo (1983) e por Silva (2011) como fatores linguísticos favorecedores da retenção do pronome lembrete na sentença:

- a) + humano ou – humano;
- b) Singular ou plural;
- c) Definido ou indefinido;
- d) Animado ou inanimado;
- e) Genérico ou específico.

Silva (2011) comenta que os fatores *animado* ou *inanimado* e *genérico* ou *específico* não foram analisados por Tarallo (1983), mas podem apresentar efeito sobre o fenômeno linguístico, quando analisados juntamente com os fatores sintáticos.

A sociolinguística, além de estudar as variáveis linguísticas, destaca também o papel de fatores sociais, extralinguísticos, na escolha das estratégias relativas. Os fatores considerados relevantes para Silva (2011) foram:

- a) Gênero;
- b) Faixa etária;
- c) Escolaridade;
- d) Classe social;
- e) Estilo.

De acordo com Silva (2011):

Em pesquisas na área da sociolinguística, interessa separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores em uma variável linguística, lembrando que os fatores condicionantes da variação podem ser sociais e/ou linguísticos (SILVA, 2011, p. 79).

Partindo deste pressuposto, apresento, a seguir, os resultados encontrados pela autora em sua pesquisa.

A etapa em que Silva (2011) contrapôs as ocorrências das estratégias padrão e não padrão trouxe resultados semelhantes aos de Tarallo (1983):

- a) A estratégia padrão mostrou-se superior a outras estratégias, ou seja, apresentou uma frequência significativa nos dados analisados;
- b) Houve uma frequência maior da estratégia cortadora com relação à estratégia resumptiva.

Dos dezoito fatores analisados pelo programa estatístico Varbrul, sobressaíram os de caráter sintático. A autora afirma que Tarallo (1983) já havia mencionado os aspectos estruturais como um dos principais responsáveis pela variação existente neste fenômeno de relativização. Segue abaixo a lista de fatores linguísticos em ordem de relevância:

- a) Função sintática do sintagma nominal da cabeça;
- b) Função sintática do sintagma nominal da relativa;
- c) Existencialidade;
- d) Sintagma nominal (nome) singular ou plural.

Os resultados encontrados por Silva (2011) para as funções sintáticas validam ainda mais as pesquisas de Tarallo (1983), pois os resultados encontrados são bem parecidos. Como já esperado, atribuiu-se às posições sintáticas de sujeito e objeto direto o favorecimento da relativa padrão; as posições sintáticas de objeto indireto e oblíquo favoreceram a estratégia cortadora e a função de genitivo possibilitou o aparecimento da relativa resumptiva. Silva (2011) não encontrou resultados expressivos desta última estratégia relativa em sua amostra. Um das explicações encontradas para a baixa ocorrência consiste no fato de as posições de sujeito e objeto direto não favorecerem a resumptiva, visto que foram as funções predominantes no corpus da pesquisa.

Averiguando a atuação de fatores estruturais, para a verificação da ocorrência da relativa padrão x cortadora, Silva (2011) observou que:

- a) O fator lacuna na posição periférica da relativa favorece a estratégia cortadora. Isso ocorreu devido ao favorecimento dessa estratégia pelas locuções prepositivas, que são apagadas da posição periférica, deixando uma lacuna no lugar de origem.

- b) O fator existencialidade favoreceu o aparecimento da relativa cortadora, assim como o fator singular do sintagma nominal.

Esses fatores favoreceram o aparecimento da estratégia cortadora ao passo que inibiram a estratégia padrão. A autora não apresentou os fatores promovedores da relativa resumptiva, pois, como já comentado, esta estratégia foi menos expressiva em sua amostra. Apesar disso, ela comenta os fatores estruturais destacados com maior amplitude por Tarallo (1983) como incentivadores da estratégia com pronome lembrete.

- a) Sintagma nominal da cabeça (+humano), no *singular, indefinido, distante da oração relativa*;
- b) Oração relativa à direita da matriz, funcionando como complemento sentencial;
- c) A oração principal (matriz) deve ser restritiva e apresentar aspecto semântico existencial

É notável que tanto os resultados encontrados por Tarallo (1983), como os encontrados por Silva (2011), tornam mais interessante o estudo com as relativas. Estudo instigante, devido à estruturação sintática que essas orações apresentam, o modo como são elaboradas pelos falantes e o modo como são analisadas ou observadas em estudos atuais, como os de Silva (2011).

A proximidade dos resultados da autora com os de Tarallo (1983) reforça a concorrência linguística existente entre as estratégias relativas; a superioridade da padrão sobre as não padrão e a relevância da estratégia cortadora quando comparada à padrão, pois a relativa cortadora, para o falante, apresenta uma estrutura sintática mais coerente e próxima da padrão.

O baixo índice da estratégia resumptiva encontrado nos dados analisados por Silva (2011) é justificado devido à estigmatização dessa estratégia pelos falantes de maior escolaridade e por exigir um maior esforço na elaboração da mesma. Já a estratégia cortadora exige um menor esforço do falante, além de ser beneficiada pelas funções sintáticas mais acessíveis, pela inovação linguística e pelo caráter menos estigmatizado.

Em seguida apresento as contribuições dos estudos feitos por Lessa (2006) para o desenvolvimento dos estudos no âmbito das orações relativas.

### 3.3. Refinamentos à proposta de Tarallo (1983)

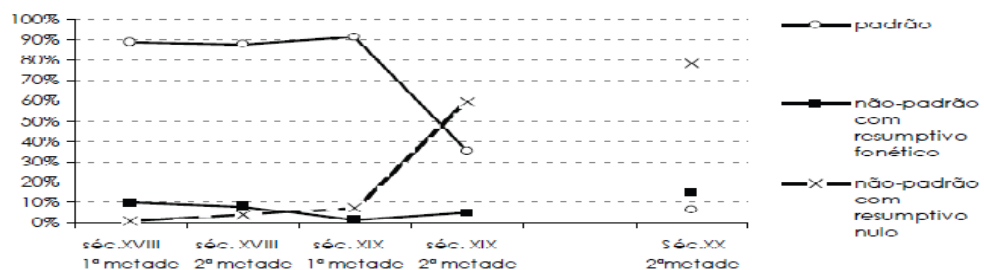
Lessa (2006) atestou em seu estudo a profunda mudança ocorrida no sistema de relativização, mencionada por Tarallo (1983). A partir de dados retirados de cartas de mercadores do século XVIII e de dados diacrônicos do século XX (peças de teatro), a autora discutiu o fenômeno de mudança no sistema de relativização do Português do Brasil.

A princípio, Lessa (2006) faz uma síntese do aparecimento da estratégia cortadora no Português:

A origem da relativa cortadora em PB é, para Tarallo (1983), decorrente do apagamento da preposição na relativa resumptiva após o apagamento do pronome lembrete. Ou seja, a origem da cortadora, em PB, é analisada como o resultado de uma mudança drástica no sistema pronominal no século XIX, período em que os pronomes teriam começado a aparecer como nulos nas orações principais, das posições mais altas (sujeito (S) e objeto direto (OD)) para as mais baixas (objeto indireto (OI), objeto oblíquo (Obl) e genitivo (G)). E esse fenômeno teria sido estendido às relativas e a outras sentenças subordinadas. Assim, o autor relaciona a origem da relativa cortadora a alguns fatos sintáticos: o clítico teria dado lugar à anáfora nula, e teria passado a acontecer apagamento de sintagmas preposicionais, não permitido anteriormente. Esse apagamento teria ocorrido em duas etapas: primeiro o objeto pronominal da preposição é apagado, depois a própria preposição é apagada para evitar a violação contra a restrição das preposições órfãs. (LESSA, 2006, p.138).

Logo em seguida, a autora apresentou um gráfico da pesquisa de Tarallo (1983), que mostra a mudança abrupta ocorrida no sistema de relativização do português brasileiro durante a segunda metade do século XIX, momento em que a estratégia cortadora começou a se destacar das demais orações (LESSA, 2006, p.139).

**Gráfico 1: Frequência das estratégias de relativização em PB nas funções de OI, Obl e G, do século XVIII ao século XX**



Fonte: Adaptado de Lessa (2006)

O Gráfico 1 vem ilustrar o que vinha ocorrendo em meados do século XIX: o fortalecimento da estratégia cortadora, o enfraquecimento da estratégia com pronome lembrete e a predominância da estratégia padrão.

Os comentários da autora a respeito da relativa resumptiva e o declínio desta estratégia durante aproximadamente três séculos, remetem ao que foi estipulado por Tarallo (1983):

- a) A relativa resumptiva seria uma estratégia muito antiga;
- b) A existência ou não desta oração não faria diferença nas línguas;
- c) A baixa frequência, durante certo período de tempo, poderia indicar a especificidade desta estrutura na língua;
- d) Funcionaria como um recurso que talvez desfizesse a ambiguidade sintática;
- e) Devido à baixa frequência em séculos passados, não estaria em competição com outras estratégias.

Os aspectos ressaltados acima, dentre outros tantos já mencionados sobre a resumptiva, fazem com que novos estudos tenham um olhar crítico sobre a função desta estratégia no português brasileiro.

Segundo Lessa (2006), a relativa resumptiva proferida na contemporaneidade, não seria a mesma da primeira metade dos séculos XVIII e XIX. Houve uma mudança no tipo de pronome utilizado como lembrete. Inicialmente, a função de pronome lembrete era dos clíticos (-o) e, em alguns casos, do (-lhe). Atualmente, o tônico (ele) desempenha a função de cópia do referente relativizado no português brasileiro.

Outra diferença atestada por Lessa (2006), nas cartas de mercadores, foi o uso do pronome possessivo (seu), atualmente, substituído pela forma (dele). A partir dessas mudanças, houve um alinhamento do tipo de pronome presente nas posições sintáticas mais baixas da resumptiva. O tônico (ele) apareceu com maior frequência, possibilitando também o favorecimento da posição de sujeito em detrimento da posição de objeto direto. Este favorecimento ou inibição da resumptiva está atrelado à mudança ocorrida no sistema pronominal, que resultou no crescimento do preenchimento fonético da posição de sujeito e no não preenchimento fonético da posição de objeto direto.

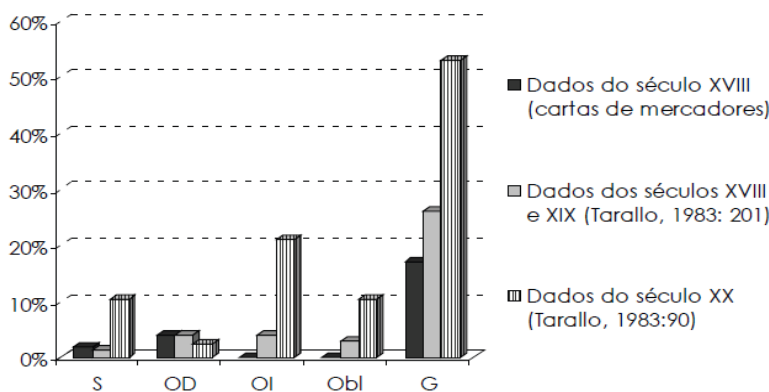
Na opinião de Lessa (2006), indícios como os citados acima, foram um dos impulsionadores da mudança no sistema de relativização e aparecimento da relativa cortadora.

Nos dados do século XX analisados por Lessa (2006), o clítico (lhe) não foi encontrado em resumptivas de objeto indireto. Assim como a resumptiva de genitivo, a

resumptiva de objeto indireto passou a ter um pronome pessoal na posição de pronome lembrete. Segundo Lessa (2006), este alinhamento do pronome pessoal, como pronome lembrete em todas as posições sintáticas, distancia o português atual do português europeu que traz os clíticos como pronomes resumptivos e é semelhante ao português dos séculos XVIII e XIX.

No Gráfico<sup>5</sup> 2, a seguir, Lessa (2006) apresenta o aumento da ocorrência do pronome lembrete do século XIX para o século XX.

**Gráfico 2: Frequência das relativas com resumptivo realizado por posição sintática**



Fonte: adaptado de Lessa (2006, p.143)

Segundo Lessa (2006), as informações trazidas pelo gráfico correspondem à frequência da relativa resumptiva em cada posição sintática. Ao analisarmos o gráfico, percebemos que a posição de objeto direto não apresenta aumento da frequência ao longo dos séculos. É notável também que no século XX houve um aumento da relativa de resumptivo nas posições de sujeito, objeto indireto, oblíquo e principalmente de genitivo.

Conforme foi descrito por (GALVES, 1986, p. 52; 1989, p. 74 apud LESSA, 2006, p. 145), no português brasileiro contemporâneo o pronome pessoal (ele) em posição de sujeito, sem valor particular, é usado como sujeito nulo e o objeto nulo é frequente na modalidade oral assim, como na língua escrita. Nos séculos XVIII e XIX o português foi descrito como uma língua de sujeito nulo e objeto foneticamente realizado. Houve, então, uma inversão das funções de sujeito, favorecedora do pronome resumptivo, e da função de objeto direto, desfavorecedora da retenção pronominal, conforme o Gráfico 2.

Lessa explica que a inversão das funções ocorreu devido à mudança no sistema de relativização; o aumento da ocorrência da relativa cortadora promoveu a substituição da

<sup>5</sup> O Gráfico 2 adaptado de Lessa (2006, p. 143) e apresenta os valores de frequência da oração resumptiva de acordo com a posição sintática.



relativa padrão por esta. A outra hipótese, sobre a qual a autora não faz mais comentários, refere-se à alteração na estrutura da relativa resumptiva do século XX, quando comparada com as relativas resumptivas da primeira metade do século XVIII e XIX.

Em seu trabalho, Lessa (2006), além de analisar a vertente escrita da língua portuguesa de séculos anteriores, discutiu e reavaliou os resultados encontrados por Tarallo (1983) sobre o fenômeno pelo qual as orações relativas vêm passando. A partir das duas análises, Lessa concluiu que:

- a) a relativa resumptiva é considerada como último recurso entre as relativas;
- b) a mudança no sistema pronominal do português do século XX favoreceu a frequência da resumptiva;
- c) a substituição dos clíticos pelos pronomes pessoais, como pronome lembrete, altera todo o sistema de relativização e as posições sintáticas favorecedoras da resumptiva.

Na seção a seguir, apresento o trabalho desenvolvido por Bastos (2008) sobre o fenômeno das relativas numa perspectiva formalista.

### **3.4 Bastos (2008)**

O trabalho de Bastos (2008) está relacionado à pesquisa de Tarallo (1983), assim como o de Silva (2011) e o de Lessa (2006). Para este autor, a variação existente entre as orações relativas é um tema que dificilmente se esgotará. Apesar da extensa literatura que existe sobre este fenômeno linguístico, as orações relativas são estruturas sintáticas, que possibilitam discussões e análises estruturais e semânticas, dentre outros aspectos da área da linguagem.

Conforme descrito por Tarallo (1983), e rediscutido por Bastos (2008), para formação da variante padrão haveria um movimento da partícula (que) da periferia direita para a periferia esquerda da sentença. Já para formação da variante não padrão, a relativa cortadora, haveria o apagamento do referente preposicionado da oração relativa. Com relação à segunda relativa não padrão, a copiadora, a lacuna deixada na relativa, no processo de apagamento, seria preenchida por um pronome cópia. Esta estrutura, segundo dados de documentos medievais, seria a mais antiga das três estratégias, havendo registros do uso do pronome lembrete desde o latim.

Bastos (2008) comenta que para Tarallo (1983), o processo de relativização estaria inserido em um processo de apagamento, denominado pro-drop, e associado ao processo de pronominalização. O primeiro aconteceria devido à alternância do pronome e da lacuna em orações principais ocorrer da mesma forma em orações relativas não padrão.

Os fatores linguísticos, que favorecem a produtividade da relativa copiadora, segundo Bastos (2008), já foram mencionados por Tarallo (1983) e seriam os seguintes:

- a) A distância existente entre o núcleo nominal e a relativa;
- b) O tipo de relativa, como as restritivas favorecendo o uso do pronome cópia;
- c) Os traços semânticos, humanos, singular e indefinido;
- d) A posição da relativa com relação à sentença matriz.

Sobre a relativa cortadora menciona-se, mais uma vez, a superioridade desta estratégia sobre a relativa copiadora. Esta última, por apresentar retenção pronominal, seria estigmatizada e marginalizada socialmente. Já a origem da relativa cortadora estaria ligada à mudança no sistema de pronominalização, ao desaparecimento dos pronomes clíticos do português brasileiro e a exclusão das posições de sujeito e objeto direto das sentenças, visto que a relativa cortadora relativiza apenas constituintes preposicionados como já foi dito por Bastos (2008, p. 81).

Bastos, em seu texto, faz referência aos estudos formalistas desenvolvidos por Kato (1996). Nos próximos parágrafos, apresento os comentários do autor sobre o estudo de Kato sobre as relativas.

Segundo, (KATO, 1996, p. 303- 68 apud BASTOS, 2008, p. 82) as orações relativas, por conterem constituintes morfológicos da categoria de pronome relativo, fazem parte das construções-q. Esses pronomes, em muitas línguas, movem-se para o início da sentença, deixando em seu lugar de origem uma lacuna. Esta lacuna é interpretada sintaticamente como um vestígio (Vi) e, semanticamente, como um operador lógico do pronome que se moveu. Os exemplos (36a) e (36b) retirados de Bastos (2008, p. 83), ilustram este ponto:

(36a)- A cerveja de que Pedro gostava.

A sentença apresentada em (36a) contém um pronome relativo que funciona como um sintagma complementizador (CP); a oração relativa é um adjunto do nome que ela modifica; a sentença que é introduzida pelo operador-q é denominada sintagma flexional (IP). Veja no

exemplo (36b) como fica a representação da estrutura sintática de acordo com a visão formalista.

(36b)- A cerveja [<sub>CP</sub> de que [<sub>IP</sub> Pedro gostava  $v_i$  ] ]

O relativo move-se para o início da sentença, porque há uma ligação deste constituinte com ( $V_i$ ) que está em (IP). Esta ligação permite o movimento do pronome para o início da subordinada. Em casos como a relativa resumptiva, a posição ( $V_i$ ) é ocupada por um pronome cópia ou por um espaço vazio como ocorre em relativas cortadoras.

(KATO, 1996 apud BASTOS, 2008, p. 83) interpreta da seguinte maneira a formação das estratégias relativas: em relativas padrão o operador relativo-*q* está conectado à variável relativizada na posição canônica de sujeito, objeto direto, objeto indireto, alguns oblíquos e genitivos. Já nas estratégias não padrão, o operador-*q* está sempre sintaticamente ligado a uma posição vazia na sentença. Esta posição não canônica é denominada pelos estudos formalistas de *Left Dislocated* (LD), posição que está fora do (IP), mas que estabelece uma relação com uma posição sintática dentro do (IP).

Caso a posição correferente a (IP) possa ser preenchida por um pronome cópia, deve ser gerada na base da relativa. Nos casos em que o pronome é extraído de (LD), devido ao movimento-*q*, a posição de origem deve ficar vazia, pois a lacuna advinda do movimento não deve ser preenchida. As sentenças de (37a) e (37b) retiradas de Bastos (2008, p. 84) exemplificam as duas formas de relativização.

(37a)- A moça [<sub>CP</sub> com quem  $i$  [<sub>IP</sub> eu falei [ <sub>PP</sub>  $t_i$  ] ontem ] ]

(37b)- A moça [ <sub>CP</sub> que [<sub>LD</sub>  $t_i$  ] [ <sub>IP</sub> eu falei com ela  $i$  ] ontem ]

Para (KATO 1996 apud BASTOS, 2008, p.85), o constituinte *que* seria um pronome em caso acusativo em relativas não padrão, opondo-se à hipótese de Tarallo de que o constituinte seria um complementizador de estatuto conjuncional. O pronome está em caso acusativo para contribuir na realização fonológica do sintagma nominal em (LD), que necessita do caso para acontecer.

A partir do que foi pressuposto por (KATO, 1996 apud BASTOS 2008, p.84), a diferença entre as orações relativas acontece devido à relação que o operador-*q* estabelece com a posição (LD). Em relativas padrão, a relação entre (LD) e o operador-*q* é de ligação,

possibilitando, nestes casos, o movimento do constituinte relativo. Já em relativas não padrão, a relação entre (LD) e o operador-q é de correferência com pronomes distantes, como ocorrem em relativas copiadoras.

Na teoria, Kato propõe que a posição em (LD) permaneceria vazia. Contudo, existem sentenças com o preenchimento desta posição. A oração em (38) é um bom exemplo deste “engano teórico” retirado de (KATO, 1996 apud BASTOS 2008, p. 87).

(38)- “Esse país [CP que [LD o presidente [IP o povo não acredita mais nele]]] parece que saiu do marasmo.”

Considerando o exemplo acima, o que ocorre na sentença é a coindexação de (LD) (o presidente) ao antecedente (Esse país). Neste exemplo, temos um caso de genitivo que restringe e contribui para a realização morfológica do constituinte em (LD).

Bastos (2008) comenta que os três modelos de relativização: gramática normativa, os estudos de Tarallo (1983) e o de Kato (1996) consideram que há uma função sintática dentro da relativa em correferência com o sintagma da cabeça da relativa. Essa correferência faz parte da definição da própria estrutura de uma oração relativa. Em seu estudo, Bastos (2008), fez a descrição das estratégias relativas com anáfora ou sem anáfora e afirmou que nem sempre há uma posição sintática dentro da predicação a ser preenchida pelo sintagma nominal antecedente. Isso ocorre, porque a relação entre a predicação (oração relativa) e o sintagma antecedente ocorreria de forma semântica, pragmática e, não sintática. Sendo a relação entre oração relativa e o antecedente pragmática, a informação expressa pela relativa seria interpretada de acordo com a situação discursiva. Acredita-se que as expressões linguísticas devem ser explicadas de acordo com a constituição linguística e na interação verbal. (BASTOS, 2008, p.127-37).

Nesta seção apresentei as considerações de Bastos (2008) sobre a relativização no PB. Para ele a tese de Tarallo fez uma análise sociolinguística do fenômeno de relativização no PB, com elementos da gramática gerativa, recorrendo a conceitos formalistas para realizar a pesquisa variacionista. Isso na tentativa de apreender múltiplos aspectos do fenômeno linguístico. E em oposição à pesquisa de 1983, Bastos (2008), mencionou (KATO, 1996 apud BASTOS, 2008, p.19) que recontou a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, recorrendo a concepções da teoria gerativista, com a intenção de formular uma descrição inovadora da construção das relativas no PB.

Com relação ao fenômeno das orações relativas, Bastos (2008) conclui que o sistema de relativização é formado pela variante padrão e pela variante não padrão. A variante padrão é regulada e se diferencia em termos de gramaticalidade (estrutura sintática) e, a não padrão se diferencia em termos de coerência pragmática devido a fatores discursivos.

## 4. QUADRO TEÓRICO

No início do capítulo 4 são apresentadas as concepções teóricas desenvolvidas pelos modelos de análise estruturalista e gerativista, que antecederam a Teoria da Variação. A partir da seção 4.2 são mencionadas as considerações teóricas sobre a língua de acordo com a sociolinguística, desenvolvida por Labov na segunda metade do século XX.

### 4.1 Concepções teóricas do estudo da Linguagem

No início do século XX as orientações gerais para análise da língua partia do ponto de vista dado a conhecer por Ferdinand Saussure. Este teórico ficou conhecido pelos linguistas devido aos conceitos criados por ele; *langue*, parte social da língua e *parole*, a fala. Com Saussure inaugura-se o modelo estruturalista de análise linguística, com foco nas relações abstratas i. e., no sistema que sustenta a língua. Ficava de fora portanto, o estudo da fala pelas razões que Saussure enumera. Saussure acreditava haver uma dicotomia entre língua e fala, sendo a primeira caracterizada pelo compartilhamento de informações linguísticas e abstratas pelos membros de uma mesma comunidade de fala. A segunda, a *fala*, se caracterizaria por mecanismos idiossincráticos, particulares de cada falante, situando-se, pois fora do objeto central da linguística.

Essa abordagem sistêmica da linguagem ultrapassava os limites da sincronia, incidindo também na diacronia. A mudança linguística, p. ex., era vista como uma mudança no sistema, alavancada por fatores internos a ele. A variação linguística, por sua vez, se explica pela concomitância de vários dialetos diferentes, todos eles homogêneos, numa mesma comunidade de fala.

A dicotomia estabelecida por Saussure acabou sendo mantida no modelo gerativista, sob o rótulo de *competência e desempenho*. A *competência* linguística conforme caracterizada em (CHOMSKY, 1965 apud TARALLO, 1983, p. 13-17), não tinha caráter social da noção saussuriana de *langue*, mas indicava o controle nativo que os falantes tinham da gramática de sua língua, numa dimensão psicológica fundada na biologia. O *desempenho*, por sua vez, dependia de uma série de componentes, dentre eles a *competência* como objeto primeiro e legítimo da linguística, objeto esse de natureza homogênea que, eventualmente, se realizaria de maneira heterogênea no *desempenho*. O foco da análise linguística se localizava nas regras da gramática, tanto numa abordagem sincrônica quanto numa abordagem diacrônica. Assim a mudança linguística era vista como uma mudança nas regras da gramática, seja pela

eliminação de uma regra, pelo acréscimo de uma regra ou pela reordenação entre as regras. Essas regras eram de dois tipos, as categóricas e as opcionais. A variação linguística decorrida, então, da opcionalidade de algumas dessas regras, que poderiam gerar *outputs* diferenciados no *desempenho*. E, de novo, qualquer referência a fatores externos à língua era simplesmente ignorada.

Na proposta de Chomsky imaginava-se uma comunidade de fala em que a *competência* e o *desempenho* fossem idênticos, ou seja, tanto a comunidade linguística quanto seus membros eram idealizados.

A proposta do gerativismo é a de que a linguagem é inata à espécie humana, ou seja, ao invés de a aquisição da linguagem se dar por estímulos externos ela seria gerenciada por uma capacidade inata, comum a todos os seres humanos. A (capacidade para a) linguagem teria, assim, o status de um órgão. O saber linguístico do falante estaria implícito, internalizado, e seria regido pelo critério da universalidade (as línguas teriam os mesmos princípios de organização no começo do desenvolvimento). Essa universalidade seria traduzida em termos de uma Gramática Universal (GU), fundamento basilar para o arcabouço de todas as línguas e biologicamente inato à espécie humana.

Para os gerativistas, a GU, como base para as línguas, conteria princípios gramaticais similares para todas elas. Contudo, para a definição particular e gramatical de cada língua, existiriam parâmetros, propriedades gramaticais específicas de cada uma, que seriam fixados no decorrer do desenvolvimento mental/gramatical dos falantes.

Como apresentado em Silva (2011), o modelo gerativo considera que todo ser humano possui uma competência linguística colocada em prática durante o uso da língua, conhecida como desempenho ou performance. Este desempenho do falante é originado a partir de princípios regidos pela Língua- I (Língua interna), objeto de estudo da gramática gerativa. A língua- I está associada à mente do falante e possui os princípios norteadores das línguas naturais.

Além dos princípios, existiriam os parâmetros, leis gerais que diferenciam as gramáticas das línguas e que são fixados ao longo da aquisição da linguagem pelo falante. À medida que os princípios e os parâmetros são estabelecidos, as gramáticas das línguas vão sendo formadas.

Estas concepções teóricas formalistas de aquisição das línguas vão de encontro ao que é proposto pela corrente funcionalista da Linguística. Bastos (2008), como um dos representantes do funcionalismo, diz que os formalistas tendem a ver a língua como um

fenômeno mental, um sistema autônomo aos fatores externos de uma língua e não como um fenômeno social, como a corrente funcionalista.

Na linguística moderna encontramos mais de uma abordagem funcionalista<sup>6</sup>. Apesar desta diversidade, como menciona Bastos (2008), há algo unificador nas escolas funcionalistas, o fato de procurarem explicar a linguagem por meio da situação discursiva, no momento da interação verbal, interpretando os aspectos semânticos e pragmáticos da linguagem.

## 4.2 Teoria da Variação

Embora os modelos estruturalista e gerativista tenham deixado de lado, como objeto legítimo, quaisquer considerações sobre uma possível correlação entre língua e sociedade, no início da década de 1960, começaram a surgir estudos que buscavam investigar justamente essa correlação, com estudos da língua na sociedade. Esses estudos na sociedade caracterizam aquilo que usualmente se chama de sociolinguística. Contudo, convém deixar claro que esses estudos não têm os mesmos objetivos. Assim sendo, convém estabelecer aqui uma divisão que permita caracterizar o quadro teórico em que se situa esse trabalho. As áreas que tradicionalmente se situam sob o rótulo geral sociolinguística podem ser separadas em três grupos distintos: (a)- aquelas cujos objetivos são exclusivamente sociológicos, como a etnometodologia; (b)- aquelas cujos objetivos são parcialmente linguísticos e parcialmente sociológicos, como a etnografia da fala, a linguística antropológica, a sociologia da linguagem e a psicologia social da linguagem; e (c)- aquela cujos objetivos são exclusivamente linguísticos, como a teoria da variação (ou sociolinguística laboviana), desenvolvida a partir do trabalho de William Labov, na cidade de Nova Iorque, na década de 60. É dentro do quadro da teoria da variação que esse trabalho se situa. Assim sendo, o termo sociolinguística, aqui, deve ser entendido como equivalente a teoria da variação.

O objetivo de pesquisas sociolinguísticas é estudar os fenômenos da variação existentes na língua e os fatores que contribuem para esta diversificação na oralidade. Segundo Vieira (2007), a teoria da variação considera a língua falada como um sistema heterogêneo ordenado por um conjunto de regras variáveis. A escolha do falante por

---

<sup>6</sup> Em Bastos (2008) encontramos uma descrição sobre as diversas escolas funcionalistas, divididas em dois grandes grupos: os funcionalistas direcionados ao estudo abstrato da língua e outro direcionado ao estudo da língua em seu uso efetivo.



determinada variante linguística estaria sujeita à correlação existente entre fatores estruturais (linguísticos) e não estruturais (sociais).

De acordo com Mollica e Braga (2010), a sociolinguística procura investigar o grau de desenvolvimento ou estabilidade do fenômeno em variação; prever seu comportamento regular e sistemático; compreender que a variação e a mudança são contextualizadas e classificar a natureza dos fatores que emergem dentro ou fora do sistema linguístico. Devido à complexidade no condicionamento da variação, não é possível prever todos os fatores condicionadores do fenômeno variável. É necessário analisar um grupo de determinados fatores associados à língua e o grau de relevância sobre o fenômeno em questão, além de associá-los aos fatores inerentes ao falante, como gênero, escolaridade, classe social, etc. (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 9-11).

Todas as línguas são dinâmicas e heterogêneas. A sociolinguística é uma ciência que se faz presente no estudo desta heterogeneidade das línguas, correlacionando aspectos linguísticos às características sociais da comunidade de Fala.

A dinâmica existente na comunidade de fala permite um fenômeno variável. Este é um dos temas de investigação da sociolinguística e é considerado universal e passível de descrição e análise científica (MOLLICA e BRAGA, 2010).

De acordo com Meyerhoff (2006), o fenômeno variável tem diferentes realizações, as variantes sociolinguísticas, que são influenciadas por fatores linguísticos e não linguísticos. Um exemplo de fenômeno linguístico é o das estratégias de relativização. Essas estratégias constituem um fenômeno variável cuja realização linguística ocorre por meio de duas variantes a padrão e a não padrão. As variantes são as diferentes maneiras linguísticas de se expressar a mesma ideia. A ocorrência dessas variantes no mesmo ou em diferentes contextos é nomeada pela sociolinguística de variação linguística.

#### **4.2.1 Modelos de análise quantitativa**

Os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que a variação é restrita a fatores linguísticos e não linguísticos e, não <sup>7</sup>livre. Os falantes utilizam diferentes variantes de uma mesma língua com regularidade, em diferentes contextos e por diversas motivações. Isso ficou estabelecido a partir dos estudos feitos por Labov sobre a alteração na posição fonética

---

<sup>7</sup> De acordo com Meyerhoff (2006, p. 10), variação livre é o conceito de que as variantes de um fenômeno variável ocorreriam na fala sem quaisquer restrições linguísticas ou sociais. Não ocorreriam em contextos previsíveis ou seriam faladas por determinado grupo de falantes.

dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts.

Nesse estudo Labov gravou e observou a fala dos vineyardenses em contextos que a aproximavam da fala cotidiana. E investigou a correlação entre as variantes linguísticas (ay) e (aw) e um “leque” de fatores sociais. A amostra da comunidade apresentou um total de 69 falantes, 1% da população da ilha. Com o resultado dessas 69 entrevistas, obteve-se cerca de 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 ocorrências de (aw) (LABOV, 2008, p. 32- 33).

Utilizando um índice confiável para medir o grau de centralização das variantes em questão, Labov associou o grau de centralização a fatores, como a distribuição geográfica da população, o ambiente linguístico e a distribuição por idade. Partindo dessa associação, a análise apresentou como resultado a estratificação social da centralização dos ditongos.

A centralização dos ditongos pelos informantes foi classificada em três níveis:

- a) Positiva (exprime sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha's Vineyard);
- b) Neutra (expressa sentimentos nem positivos nem negativos acerca de Martha's Vineyard);
- c) Negativa (indica o desejo de ir viver em outro lugar)

A centralização dos ditongos realizada pela maior parte dos informantes apresentou características positivas, expressando sentimentos favoráveis a Martha's Vineyard; em segundo lugar, ficaram os informantes neutros, que expressaram sentimentos nem favoráveis e nem desfavoráveis à ilha e, por último, estão os informantes que tinham o desejo de viver em outro lugar e que realizaram pouca ou nenhuma centralização (LABOV, 2008, p. 59).

Para calcular a dimensão quantitativa da ocorrência de variantes em um fenômeno linguístico como o de Martha's Vineyard, Labov desenvolveu um modelo matemático (Modelo aditivo) com a seguinte formulação:

- a)  $f_i$  ( soma dos valores contextuais)
- b)  $n$  ( número total de categorias relevantes)
- c)  $f_0$  (média global de aplicação da variante sob estudo)

(NARO, 1981 apud MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 20) utilizou o modelo matemático de Labov em uma pesquisa sobre a concordância verbal e encontrou os números que estão representados na Tabela 1 a seguir.

**Tabela 1<sup>8</sup>: concordância verbal na fala de alfabetizandos adultos na cidade do Rio de Janeiro**

|       | bebe/ bebem | Bebeu/beberam |                   |
|-------|-------------|---------------|-------------------|
| $f_0$ | 47,6%       | 47,6%         | Média global      |
| $f_1$ | -33,7%      | 25,5%         | Tipo morfológico  |
| $f_2$ | 3,3%        | 3,3%          | Sujeito anteposto |
| Total | 17,2%       | 76,4%         |                   |

Fonte: Tabela adaptada (NARO, 1981, apud MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 20)

A média global serve como ponto de referência para os fatores, que podem ter efeito positivo ou negativo, interferindo na frequência da variante no contexto. O estudo da concordância verbal, mostrado na Tabela 1 é interpretado da seguinte forma:

- a) a variante marcada para o plural tem uma tendência de 47,6% de acontecer no contexto de um sujeito plural, mas a possibilidade de um sujeito anteposto aumenta o total em 3,3%;
- b) se o verbo for da categoria bebe/bebem diminui o total em 33,7% e o fato de o verbo ser da categoria bebeu/beberam aumenta o total em 25,5% (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 20).

O modelo matemático desenvolvido por Labov não apresentou uma sustentação técnica confiável, por isso foi substituído por um modelo matemático proposto por Sankoff & Cedergren em 1974 rotulado de *aplicativo de multiplicação*.

Esse modelo matemático substituiu a frequência pela probabilidade, apresentou uma função de atuação conjunta de fatores e substituiu o  $f$  por  $p$ , que será *produto* e, não mais *soma*, como no modelo anterior. A seguinte equação representa a ideia matemática contida no modelo probabilístico de Cedergren & Sankoff:

<sup>8</sup> A Tabela 1 foi adaptada (NARO, 1981, apud MOLLICA e BRAGA, 2010, p.20).

$$P_t = p_0 \times p_1 \times p_2 \times \dots \times p_n$$

Depois dessa formulação, ficou proposto que o efeito conjunto de dois fatores altamente favoráveis, para uma regra ser aplicada, era menor do que o efeito dos fatores vistos isoladamente. Se  $p$  refere-se à probabilidade de ocorrência de um evento, o contrário poderá ser calculado, utilizando  $1-p$  (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 20-21).

Partindo do pressuposto de que  $1-p$  é a probabilidade de não ocorrência, cada termo da equação deveria ser subtraído por  $1$ , alterando a formulação e o nome do modelo para *multiplicativo de não aplicação*, conforme a equação a seguir:

$$(1-p_t) = (1-p_0) \times (1-p_1) \times (1-p_2) \times \dots \times (1-p_n).$$

Sobre o uso dos modelos multiplicativos, (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 21) fazem as seguintes considerações:

A conclusão a que chegamos é que cada modelo tem uma área em que funciona satisfatoriamente: o modelo multiplicativo da aplicação é apropriado à coatuação de fatores desfavorecedores, enquanto o modelo multiplicação de não aplicação é apropriado para fatores favorecedores. Em qualquer um dos casos, estamos longe da função que procuramos. Em face de uma massa de dados linguísticos reais, não há nenhum meio rigoroso de decidir sobre qual modelo utilizar; além do que, ainda que fosse possível escolher, a contínua troca de modelo à procura do melhor para cada caso resultaria num tratamento *ad hoc* dos dados em busca de “bons resultados” (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 21-22).

Em 1978, Rousseau & Sankoff introduziram um quarto modelo de análise que englobou algumas propriedades dos modelos anteriores. Esse modelo normalmente denominado de logístico e destinado à áreas, como a Biologia, foi utilizado com o intuito de dar conta da desvinculação dos fatores. Ao contrário dos modelos anteriores, no modelo logístico não foi utilizado o termo *probabilidade* para o elemento  $p$ . O termo utilizado foi “peso relativo”, definido, por convenção, ser equivalente a 0,5 (MOLLICA e BRAGA, 2010). Os pesos relativos foram interpretados como favoráveis à regra, se apresentassem valores superiores a 0,5; como neutros, se o valor fosse igual a 0,5 e, como desfavorecedores, se inferiores a 0,5.

A partir da justificativa de que o modelo logístico funcionava satisfatoriamente bem na descrição da variação e de que havia uma solução numérica (peso relativo) para os valores de cada grupo de fatores, ficou estabelecido que esse modelo seria capaz de resolver os

problemas de análise não resolvidos pelos modelos matemáticos anteriores (MOLLICA e BRAGA, 2010, p. 24-25).

#### 4.2.2 Mudança linguística

Labov descreveu que o fenômeno da variação dos ditongos em Martha's Vineyard estava associado às questões sociais relevantes para os moradores da ilha, como por exemplo, a mudança na base da economia, a dinâmica demográfica que era alterada ao longo do ano, a identidade local e um fato que não poderia deixar de ser destacado, o efeito da idade sobre a centralização dos ditongos.

Esse efeito estava associado a uma mudança linguística em curso, como Labov observou ao comparar dados dos informantes mais velhos com dados de informantes mais novos, conforme apresentado na Tabela 2 retirada de Labov (2008, p.41).

**Tabela 2: valores para centralização do ditongo associado a faixa etária**

| <b>Idade</b>      | <b>(ay)</b> | <b>(aw)</b> |
|-------------------|-------------|-------------|
| 75 anos em diante | 25          | 22          |
| 61 até 75 anos    | 35          | 37          |
| 46 até 60 anos    | 62          | 44          |
| 31 até 45 anos    | 81          | 88          |
| 14 até 30 anos    | 37          | 46          |

**Fonte: (LABOV, 2008, p. 41)**

A partir da correlação das variantes com a variável idade, pode-se presumir que a centralização dos ditongos aumentou de forma gradual em faixas etárias sucessivas e apresentou um aumento considerável no grupo de 31 até 45 anos. Comparando esse grupo com uma geração mais velha, 75 anos em diante, em que a centralização dos ditongos foi inibida, temos um exemplo do que a sociolinguística denomina de mudança em curso ou mudança em tempo aparente. Essa mudança ocorre, quando indivíduos adultos utilizam variantes antigas e os mais jovens, formas linguísticas inovadoras (MOLLICA e BRAGA, 2010, p.180-181).

Para a sociolinguística a forma mais eficaz para o estudo da mudança em progresso seria confrontar os dados do tempo real com o do tempo aparente. Estes tipos de evidência são

as que ocorrem: ao longo da vida de um indivíduo, variação estável (tempo real) e a de forma gradual, em diferentes gerações (tempo aparente).

Determinados aspectos linguísticos só podem ser tratados através da interpretação e comparação do comportamento linguístico diacrônico (variação que ocorre ao longo do tempo) e sincrônico (variação que ocorre em um tempo menor, fixo) de um fenômeno variável (MOLLICA e BRAGA, 2010, p.185-186).

### **4.3 Marcadores sociais**

A descrição linguística trata a língua como um conjunto de normas sociais. Como norma social compartilhada entre uma comunidade de fala, a língua está associada a elementos construídos a partir do grau de consciência linguística dos falantes. Esses elementos são classificados como:

- a) estereótipos (traços que definem socialmente o grau de prestígio ou de estigmatização de uma variante);
- b) marcadores ( traços relacionados à variação social e à estilística de uma variante);
- c) indicadores ( traços relacionados à variação etária e à estilística de uma variante).

Esses elementos foram conceituados a partir da consciência linguística (ou a falta dela) pelos membros de uma comunidade de fala.

De acordo com a avaliação e a diferenciação que o falante faz de determinada variante linguística na sociedade, podemos caracterizá-la, como uma forma linguística de prestígio ou sem prestígio (estereótipo); uma forma linguística usada de maneira inconsciente e com traços linguísticos de estratificação social (marcadores) e, por último, como uma forma sobre a qual há pouca avaliação, mas ocorrendo uma diferenciação no uso da variante de acordo com a faixa etária (indicadores). Uma vez determinada a significação social de uma variante, é possível descrever o mecanismo da evolução linguística e as características da comunidade de fala (LABOV, 2008, p.148-150).

No próximo capítulo apresento o contexto histórico no qual está inserida a comunidade de fala de Belo Horizonte, cidade onde Silva (2011) também desenvolveu a pesquisa sobre o fenômeno das orações relativas.

## 5 A Comunidade de fala de Belo Horizonte

Neste capítulo apresento a comunidade de fala escolhida para a coleta dos dados; a história do desenvolvimento da capital de mineira de arraial à grande metrópole; a dinâmica demográfica de BH e da Região Metropolitana; efetivos populacionais; as causas de redistribuição demográfica da capital para a Região Metropolitana; as variáveis sociais e demográficas que influenciam a distribuição populacional.

A cidade de Belo Horizonte foi escolhida para a realização da pesquisa, porque o meu estudo sociolinguístico faz parte de um projeto mais amplo denominado *Descrição Sócio histórica do Português de Belo Horizonte*, coordenado pelo Professor Dr. Marco Antônio de Oliveira. Esse projeto foi dividido em três campos linguísticos fonologia, morfologia e sintaxe, área em que o meu trabalho se insere.

### 5.1 A cidade de Belo Horizonte

<sup>9</sup>A cidade de Belo Horizonte está localizada na região central do segundo estado mais populoso do Brasil, Minas Gerais. Planejada para ser a sede do governo do estado mineiro, foi inaugurada no dia 12 de dezembro de 1897. A nova capital, por apresentar uma localização privilegiada e centralizada, teve sua urbanização inspirada no modelo norte-americano projetado para a cidade de Boston. Belo Horizonte é hoje, segundo dados do ano de 2010, apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a cidade mais populosa do estado, com aproximadamente, 2.375.151 habitantes. Há aproximadamente quatro anos, foi intitulada pelo *Population Crisis* <sup>10</sup>*Committee* da ONU como a cidade com a melhor qualidade de vida da América Latina e um dos principais polos econômicos e culturais do Brasil.

---

<sup>9</sup><http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> acesso em 02 de janeiro de 2014

<sup>10</sup><http://www.turismo.mg.gov.br/component/content/article/41/291-belo-horizonte> acesso em 02 de janeiro de 2014

Outro motivo que permitiu a escolha da cidade como comunidade de fala deste trabalho foi a diversidade apresentada na composição do português falado por seus habitantes e já constatada em trabalhos anteriores, como o de Silva (2011).

O Português de Belo Horizonte possui características singulares, quer seja pelo estágio de seu desenvolvimento (por volta de 110 anos), quer seja por sua composição social (pessoas vindas do interior do estado e também de outros países, principalmente Itália e Portugal). Até 1945, a população nativa de Belo Horizonte era minoritária. Não temos, em Belo Horizonte, como é o caso de São Paulo, muitas pessoas vindas de outros estados, principalmente na fase de sua implantação, início do século XX. Nessa época, a cidade não oferecia tantos atrativos como agora pode oferecer. (SILVA, 2011, p.30).

<sup>11</sup>Belo horizonte, área cercada pela Serra do Curral, abrange 331 km<sup>2</sup> de extensão, da qual faz parte uma região metropolitana formada por 34 municípios e 148 bairros, alguns nacionalmente conhecidos como a Savassi e a Pampulha. A metrópole está dividida em nove administrações regionais, criadas em 1983 para melhor atender às necessidades populacionais e manutenção municipal de determinadas áreas da capital mineira. Estas regiões foram denominadas de acordo com a posição geográfica e história de ocupação de cada uma delas como Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

**Mapa 1: mapa das regionais administrativas e região metropolitana**



**Fonte: Belotur**

A cidade de Belo Horizonte passou por diversas mudanças até torna-se a capital mineira. Essas mudanças começaram quando a cidade ainda era reconhecida como um arraial, na época em que a mineração era uma das atividades mais lucrativas do Brasil.

<sup>11</sup> [http://www.achetudoeregiao.com.br/MG/belo\\_horizonte/localizacao.htm](http://www.achetudoeregiao.com.br/MG/belo_horizonte/localizacao.htm) acesso em 02 de janeiro de 2014.



### 5.1.1 História da cidade: de arraial a capital mineira

<sup>12</sup>Em meados do século XVII, a descoberta do ouro continuava atraindo pessoas para as regiões de Goiás e Minas Gerais. Entradas e bandeiras desbravavam os caminhos das minas em busca de riqueza e demarcação do território, para além de tratados e acordos de fronteiras. Em 1701 o bandeirante João Leite da Silva Ortiz, impressionado com a topografia da paisagem, com o clima ameno e a fertilidade do solo na imensa planície que se estendia logo após a Serra do Curral, resolveu construir a fazenda arraial de Curral del Rei. Ao longo dos anos, a fazenda foi sendo expandida territorialmente com um número considerável de pessoas responsáveis pelo desenvolvimento de diversas atividades econômicas, como a criação de gado, a fundição de ferro e a extração de granito e calcário.

Após a proclamação da República, em 1889, iniciaram-se as discussões para a transferência da capital de Minas Gerais de Vila Rica, que mais tarde viria a se chamar Ouro Preto, para Curral Del Rei. Coube ao então governador da época, Augusto de Lima, encaminhar ao Congresso a decisão da transferência da capital.

Após a homologação da mudança, surgiu a lei nº. 3 adicional à Constituição, que autorizava a construção da nova capital em terras do arraial de Belo Horizonte, extinto Curral Del Rei.

Em sua inauguração, em 1897, Belo Horizonte contava com cerca de 10.000 habitantes. Nos primeiros anos houve pouca evolução e recessão econômica devido aos efeitos de duas crises em 1912, de abrangência nacional, e em 1914, ocasionada pelos impactos econômicos e sociais gerados pela Primeira Guerra Mundial.

A partir da década de 20 a cidade experimentou grande progresso. Em 1941 foi inaugurada a Cidade Industrial, um marco fundamental para o processo de industrialização da região metropolitana da capital. Em 1952, no governo de Juscelino Kubitschek, cria-se a CEMIG e em 1956, no mandato do presidente Getúlio Vargas, houve a fundação da Companhia Siderúrgica Mannesman.

Nos anos 70 uma nova transformação impulsionaria a economia mineira, com a vinda de empresas multinacionais, dentre elas a fábrica italiana de automóveis, a FIAT. Instalada no município de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte. A FIAT foi a primeira montadora de automóveis instalada no Brasil fora do eixo Rio Janeiro - São Paulo.

---

<sup>12</sup> As informações sobre a história da cidade de Belo Horizonte foram retiradas do site <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/belohorizonte.pdf> acesso em 31 de março de 2014.

A criação das regiões metropolitanas ocorreu a partir do crescimento demográfico desordenado da cidade, com aproximadamente um milhão de habitantes e, devido ao processo de verticalização, houve, então, a necessidade de expansão da população para as cidades vizinhas da capital, que compõem a grande Belo Horizonte (GONÇALVES, 2013).

As décadas de 80 e 90 foram marcadas pela estagnação econômica; a população passou a exigir melhor qualidade de vida e projetos de preservação do meio ambiente. Foi neste cenário que a centenária Belo Horizonte se constituiu como um dos mais importantes polos industriais do país.

### 5.1.2 A dinâmica demográfica de Belo Horizonte e da Região Metropolitana

Desde a década de 70 não se dispõe de espaços propícios à ocupação urbana na cidade de <sup>13</sup>Belo Horizonte devido aos altos índices de saturação urbana horizontal em seu espaço físico. Este fator e o baixo poder aquisitivo para a aquisição imobiliária fez com que uma alta parcela da população se expandisse para as regiões metropolitanas de Belo Horizonte (RMBH), criadas pelo Governo Federal em 1973.

O fenômeno da expansão demográfica das regiões metropolitanas nem sempre reflete a pobreza e a estagnação econômica, como inicialmente pode parecer. Pode indicar a implantação de práticas de saneamento e saúde pública capazes de reduzir os níveis de fecundidade e mortalidade e políticas de oferta imobiliária mais acessível.

Algumas regiões mineiras, menos inclinadas à ascensão econômica, como Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, Vale do Mucurí e Zona da Mata, vem apresentando baixos índices de expansão demográfica. Contudo, outras regiões de Minas Gerais, consideradas dinâmicas economicamente, não têm apresentado forte expansão populacional. Entre 1980 a 2000, apenas a RMBH apresentou índices de crescimento demográfico superiores a média estadual, conforme a <sup>14</sup>Tabela 3, retirada do Anuário Estatístico de Belo Horizonte (2003).

---

<sup>13</sup> As informações de natureza estatística, geográfica e histórica da cidade foram disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Planejamentos em um documento oficial intitulado como Anuário Estatístico de Belo Horizonte Volume I 2003.

A criação deste documento teve como objetivo a sistematização e divulgação das informações de gestão administrativa e facilidade de acesso da população aos dados e informações sobre a cidade. Disponível em [http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB\\_P011/ANUARIO%202003\\_VOL\\_01.pdf](http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB_P011/ANUARIO%202003_VOL_01.pdf) acesso em 01 de abril de 2014.

<sup>14</sup> A tabela foi retirada do Anuário Estatístico de Belo Horizonte disponível em

[http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB\\_P011/ANUARIO%202003\\_VOL\\_01.pdf](http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB_P011/ANUARIO%202003_VOL_01.pdf),

cujas fontes mencionadas, para a divulgação dos dados foi SIDRA/IBGE. Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000.

**Tabela 3: efetivos populacionais e participação efetiva das mesorregiões de Minas Gerais-1980,1991 e 2000**

| Mesorregiões geográficas         | 1980       |       | 1991       |       | 2000       |       |
|----------------------------------|------------|-------|------------|-------|------------|-------|
|                                  | Nº abs.    | %     | Nº abs.    | %     | Nº abs.    | %     |
| Metropolitana de Belo Horizonte  | 3.598.468  | 26,89 | 4.620.624  | 29,35 | 5.587.808  | 31,23 |
| Sul/Sudoeste de Minas            | 1.667.651  | 12,46 | 1.961.401  | 12,46 | 2.250.178  | 12,58 |
| Zona da Mata                     | 1.638.966  | 12,25 | 1.847.158  | 11,73 | 2.030.856  | 11,35 |
| Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba | 1.337.305  | 9,99  | 1.595.648  | 10,14 | 1.869.886  | 10,45 |
| Vale do Rio Doce                 | 1.394.262  | 10,42 | 1.461.404  | 9,28  | 1.534.268  | 8,58  |
| Norte de Minas                   | 1.127.127  | 8,42  | 1.359.049  | 8,63  | 1.492.715  | 8,34  |
| Oeste de Minas                   | 618.946    | 4,63  | 726.059    | 4,61  | 839.104    | 4,69  |
| Jequitinhonha                    | 604.176    | 4,52  | 658.238    | 4,18  | 678.872    | 3,79  |
| Campo das Vertentes              | 413.851    | 3,09  | 464.983    | 2,95  | 511.571    | 2,86  |
| Vale do Mucuri                   | 387.772    | 2,9   | 394.988    | 2,51  | 380.735    | 2,13  |
| Central Mineira                  | 312.667    | 2,34  | 348.315    | 2,21  | 380.992    | 2,13  |
| Noroeste de Minas                | 278.914    | 2,08  | 305.285    | 1,94  | 334.509    | 1,87  |
| Total                            | 13.380.105 | 100   | 15.743.152 | 100   | 17.891.494 | 100   |

**Fonte: Anuário Estatístico de Belo Horizonte/MG (2003)**

Os dados da Tabela 3 mostram que a expansão demográfica das regiões mais prósperas do estado apresentaram índices muito baixos nos últimos 20 anos. O Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba cresceu de 10,0% em 1980 para 10,5% no ano 2000; o Sul/Sudoeste de Minas, de 12,4% foi para 12,6% e o Oeste, de 4,6% aumentou para 4,7%. A região metropolitana de Belo Horizonte apresentou uma média de crescimento de (2,22 a.a.). As outras regiões com as médias mais altas foram: Triângulo Mineiro/ Paranaíba (1,69%); Oeste de Minas (1,53%) e Sul/ Sudoeste (1,51%).

De acordo com Anuário Estatístico de Belo Horizonte (2003), não se pode ignorar o fato de a fecundidade estar em declínio no Brasil há mais de 30 anos. Esse declínio foi impactante para diversas áreas do país. Dessa forma o crescimento demográfico positivo das regiões mineiras foi ocasionado pelo crescente movimento migratório.

Nos anos 80, o alto índice de dispersão populacional pelos municípios da RMBH aumentou consideravelmente com relação aos anos 70. Além de Contagem e Ribeirão das Neves, outros municípios tornaram-se receptores populacionais, como Santa Luzia, Sabará, Ibirité, Betim e Vespasiano. A forte expansão está relacionada também à oferta de loteamentos de tipo popular, ao predomínio de grandes instalações industriais e de serviços, além dos assentamentos residenciais.

Até os anos 70 a população disponível à migração era relativamente muito expressiva, composta por jovens vindos do interior, que passavam por Belo Horizonte em busca de emprego, mas com pouca qualificação para os trabalhos formais.

Atualmente, o número de jovens que se fixam em Belo Horizonte é pequeno, uma vez que preferem outros centros geradores de emprego na RMBH. Esta saída de suas áreas de destino proporcionou um aumento no contingente populacional natural e/ou procedente de Belo Horizonte em busca de novas oportunidades na RMBH.

Os fluxos migratórios originados de Belo Horizonte devem ter características específicas com relação à migração existente entre as regiões metropolitanas, em termos de mobilidade, devido às fusões territoriais derivadas da conurbação ocorrida nos últimos 30 anos.

Com o passar do tempo, o imigrante proveniente de Belo Horizonte, Contagem ou Betim, possuirá características semelhantes. São indivíduos que passam a morar fora do município central, mas mantendo com eles vínculos formais ou informais, de tipo profissional, de educação e de trabalho.

A conclusão que se chega ao se analisarem as informações sobre a dinâmica migratória de Belo Horizonte é a de que o município vem perdendo população desde a década de 70 para áreas conurbadas da RMBH e para uma extensa periferia localizada da região central do estado. Belo Horizonte não só funciona como área de entrada e saída de migrantes, como apresenta, também, baixa taxa de permanência no município.

Este declínio da atratividade de pessoas para a Capital mineira torna possível a existência de populações menos ativas do que as existentes na RMBH.

### **5.1.3 As causas da redistribuição demográfica da Capital para a Região Metropolitana**

De acordo com as informações disponibilizadas no Anuário Estatístico de Belo Horizonte (2003), as causas responsáveis pela distribuição e redistribuição demográfica são diversas. Frequentemente estão ligadas à oferta do mercado imobiliário, que gera a fragmentação populacional. A conurbação da região central com os municípios vizinhos também favoreceu esta dinâmica populacional, porque ambas as regiões apresentam superfícies territoriais relativamente modestas, que permitem a integração das áreas urbanas.

<sup>15</sup>Os fatores específicos responsáveis pela dispersão da população oriunda de Belo Horizonte são de natureza econômica, social e demográfica; foram observados e analisados a

---

<sup>15</sup> O estudo dos fatores impulsionadores da dispersão populacional de Belo Horizonte, para a região metropolitana foi disponibilizado pelo Documento Anuário Estatístico de Belo Horizonte (2003) disponível em [http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB\\_P011/ANUARIO%202003\\_VOL\\_01.pdf](http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB_P011/ANUARIO%202003_VOL_01.pdf) acesso em 31 de março de 2014.

partir de considerações que procuraram evoluir do município central para a região metropolitana.

Conclui-se que o primeiro fator estaria associado à intensa urbanização e à grande especulação do mercado imobiliário. Entre 1980 e 1981, a forte presença de imóveis de alto padrão na área central de Belo Horizonte multiplicou-se, ocasionando a mobilidade das pessoas de baixa renda, oriundos das áreas centrais, para as regiões periféricas.

Nos últimos 20 anos, a instauração de eixos viários, de grandes projetos urbanos e da construção de prédios residenciais nas áreas centrais foram os responsáveis pela remoção de habitações mais precárias, no enobrecimento e esvaziamento de bairros centrais.

O terceiro fator estaria relacionado à redução da população economicamente ativa (PEA). As exigências do mercado de trabalho urbano e a rigorosa seleção da mão de obra qualificada resultaram em uma mobilidade social ascendente para as áreas periféricas.

O penúltimo fator estaria associado ao crescimento demográfico negativo de Belo Horizonte. Esta evidência é explicada pela baixa taxa de fecundidade e pela saída de uma grande parcela da população para a região metropolitana. A cidade perdeu a população por emigração. Neste processo houve um predomínio da saída de famílias de baixa renda, não obstante a presença expressiva de uma parcela da população de renda média e alta. Esta dispersão estaria ligada ao último fator, a expansão imobiliária, que continua sendo expressiva na oferta de loteamentos em formas de condomínios fechados em regiões como Nova Lima, Lagoa Santa, Esmeraldas, Brumadinho, dentre outras.

#### **5.1.4 As variáveis sociais e demográficas de Belo Horizonte e Região Metropolitana**

As <sup>16</sup>variáveis são conceitos, características da população, que influenciam e retratam o seu desenvolvimento e a distribuição espacial dos indivíduos com o passar do tempo.

O planejamento urbano para o desenvolvimento da cidade de Belo Horizonte não pode excluir os municípios do entorno da capital, cuja população, juntamente com a população de Belo Horizonte, desconhece as fronteiras municipais e interage no cotidiano como se fosse uma só organização. Este processo de interação diário entre as populações trás vantagens e desvantagens à economia do município. Para um melhor controle do desenvolvimento econômico e social da capital e da região metropolitana, os setores de gestão e planejamento

---

<sup>16</sup> As informações sobre as variáveis demográficas do município de Belo Horizonte e da região metropolitana foram disponibilizadas pelo documento Anuário Estatístico de Belo Horizonte (2003) disponível em [http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB\\_P011/ANUARIO%202003\\_VOL\\_01.pdf](http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB_P011/ANUARIO%202003_VOL_01.pdf) acesso em 31 de março de 2014.

extraíram dados censitários do Censo Demográfico de 1991 e 2000. Estes dados referem-se à distribuição espacial da população: sua evolução no tempo, a pirâmide etária, índice de analfabetismo, além das informações sobre <sup>17</sup>fecundidade e mortalidade.

Entre os anos de 1991 e 2000 a taxa de crescimento da população das regiões metropolitanas brasileiras aumentou num percentual anual médio de 1,9%, enquanto o Brasil apresentou índice de crescimento populacional numa média de 1,6%.

A RMBH expandiu, em termos percentuais, acima da média das regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre devido, principalmente, às taxas de crescimento dos municípios da RMBH. Somente as periferias de Belém, Distrito Federal e Curitiba apresentaram índices superiores aos da RMBH. O crescimento da RMBH acontece de forma bastante desigual no espaço. Enquanto Belo Horizonte cresce 1,1% ao ano, os outros municípios da região crescem 3,9% ao ano.

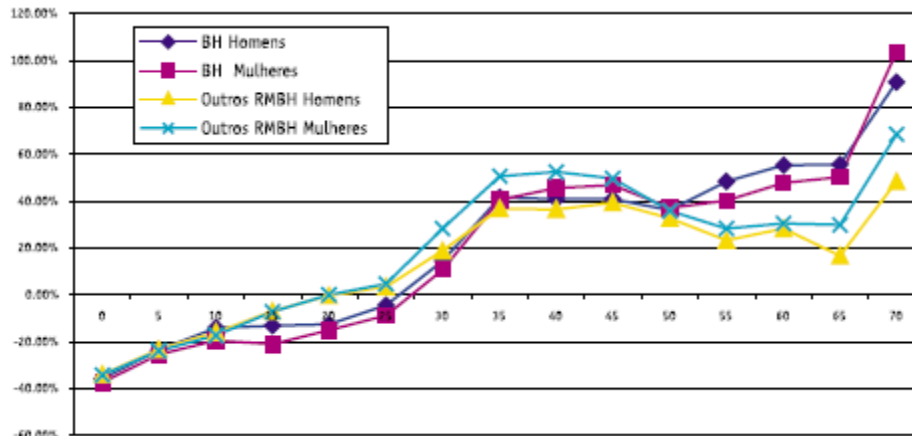
Com relação à composição etária da população, os índices censitários mostram que a queda da fecundidade e o aumento da expectativa de vida ocorridos nos últimos 20 anos, na RMBH e em Belo Horizonte, segue uma tendência geral ocorrida em todo o território nacional. A conjugação destes dois fatores acarreta no envelhecimento da população, ou seja, um estreitamento da base da pirâmide etária, resultando na diminuição dos nascimentos e numa expansão do topo da pirâmide. Este alargamento do topo da pirâmide ocorre quando as pessoas vivem mais ou porque os indivíduos que nasceram antes da queda da taxa de fecundidade, por volta de 1965, já estejam chegando às idades mais avançadas.

<sup>18</sup>O Gráfico 3, a seguir, apresenta a variação percentual de participação de cada grupo etário entre os censos de 1980 e 2000. São apresentadas as variações ocorridas em Belo Horizonte e nos municípios da RMBH. Enquanto o grupo etário de 0 a 4 anos perde quase 40% de participação relativa, o grupo mais avançado, ganha entre 50% a 100% de participação censitária. Estes números evidenciam um envelhecimento da população de Belo Horizonte, principalmente, entre as mulheres no período de realização do censo.

---

<sup>17</sup> As informações referentes à fecundidade e mortalidade, para os anos de 1991 e 2000, disponíveis no Anuário Estatístico de Belo Horizonte, foram fornecidas pelos relatórios da Fundação João Pinheiro.

<sup>18</sup> O Gráfico 3 corresponde aos dados fornecidos pelo IBGE entre os anos de 1980-2000.

**Gráfico 3: variação percentual do grupo etário 1980/2000**

Fonte: IBGE

No ano de 2000 a população jovem era expressiva na RMBH devido ao aumento da taxa de fecundidade nesta região e ao processo migratório intrametropolitano que também contribuiu para o aumento de outros grupos etários, principalmente entre 20 a 34 anos (GONÇALVES, 2013).

A pesquisa sobre os índices sociais da população urbana de Belo Horizonte e RMBH, realizada pelo Cedeplar/UFMG, constatou que existe um número expressivo de indivíduos com escolaridade média inferior a quatro anos de estudo, aqueles caracterizados como analfabetos funcionais. (CAETANO, 2008 apud GONÇALVES, 2013, p. 81).

Os indicadores educacionais da Capital também apresentaram um avanço significativo do município, ao contrário das regiões periféricas, que sempre apresentaram níveis de escolaridades inferiores. Esse nível abaixo da média só não se aplica às séries iniciais do Ensino Fundamental, de 7 a 14 anos, devido à faixa etária em questão apresentar menores índices de evasão escolar. Em contrapartida, a taxa de repetência no Ensino Fundamental é expressiva. Já no ensino médio, por apresentar uma cobertura carente, geralmente em áreas de menor assistência social e econômica, as lacunas no processo educacional são maiores (CAETANO, 2008 e RIANI, 2004 apud GONÇALVES, 2013, p. 81).

Com relação aos índices de mortalidade e fecundidade<sup>19</sup>, entre os anos de 1991 a 2000, estes dois processos confirmam o envelhecimento da população. Houve um decréscimo da taxa de fecundidade e a expectativa de vida aumentou consideravelmente na capital e em toda a RMBH. Deve-se destacar que os baixos índices de fecundidade a médio e longo prazo

<sup>19</sup> Os índices sobre as taxas de fecundidade e mortalidade foram retiradas no Anuário Estatístico de Belo Horizonte (2003).

fazem com que a população diminua. Dados demográficos dos anos de 2000 a 2010 mostraram um modesto aumento da população total de uma década para outra. No ano de 2000 a população era de 2.238.528, aumentando para 2.375.151. De acordo com o IBGE, este avanço começou com indivíduos entre 19 a 25 anos e de 30 a 34 anos, concentrando-se mais tarde em indivíduos mais velhos entre 40 e 100 anos ou até um pouco mais de 100 anos (GONÇALVES, 2013).

As mudanças urbanas e sociais ocorridas desde a fundação da cidade até a atualidade possibilitaram um dinamismo da população em relação aos aspectos sociais, demográficos e econômicos. A partir destes indicadores sociais, foi possível caracterizar a comunidade de fala e ressaltar os principais aspectos da formação e heterogeneidade do português falado na cidade desde sua fundação até os dias atuais.

Os fatores não linguísticos escolhidos para a análise da variação existente entre as orações relativas foram definidos a partir dos dados sociais da comunidade de fala.

## **6. METODOLOGIA**

Neste capítulo apresento a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa: a coleta dos dados, a realização da coleta dos dados, as características sociais dos entrevistados, as variáveis independentes escolhidas e as informações sobre o pacote estatístico utilizado para realizar a análise quantitativa dos dados.

### **6.1 A entrevista sociolinguística**

Após traçado o perfil da comunidade de fala, a questão que se coloca é a seguinte: como constituir um *corpus* para análise? O método escolhido foi o da entrevista sociolinguística estruturada, amplamente utilizada nas pesquisas em variação linguística.

A entrevista é um método que visa a coleta de dados num contexto de fala casual, o mais próximo possível do vernáculo. O vernáculo é a fala usada em situações informais, em que o falante não está sendo monitorado. Por outro lado, o pesquisador precisa observar a fala de seus informantes, o que nos conduz ao paradoxo do observador. Na tentativa de minimizar os efeitos dessa observação, Labov criou estratégias que pudessem conduzir à produção da chamada fala casual. A fala casual não é vernáculo, mas dele se aproxima, ainda que numa situação formal de entrevista na qual o informante entrevistado tem diante de si um elemento estranho (o pesquisador) e um gravador de voz. Assim, durante a gravação, o pesquisador deve conduzir a entrevista de modo a fazer com que o falante sinta-se à vontade e não se



preocupe com o modo como está falando ou sinta-se inibido com a presença do gravador. Deve também modificar o conteúdo, introduzindo temas que façam com que o informante envolva-se emocionalmente com os relatos. Dessa forma, o pesquisador obterá um discurso mais natural e menos monitorado (MILROY e GORDON, 2003, p. 64).

Milroy e Gordon (2003) mencionam outra estratégia, a gravação de entrevistas em grupo, utilizada por Labov em uma de suas pesquisas. Ficou constatado que durante essas entrevistas os participantes conversavam uns com os outros e não adotavam o papel de entrevistados. A entrevista adquiria um formato diferente de uma entrevista habitual e os falantes estavam mais propensos à fala cotidiana e vernacular.

Estratégias como as mencionadas acima minimizam o efeito produzido quando o entrevistado identifica a situação de entrevista e responde apenas ao que é perguntado. Não há uma “fórmula”, que evite isso e, assim sendo, é necessário que o pesquisador tente adaptar as técnicas sugeridas por Labov ao momento da entrevista, ou tente improvisar, minimizando o surgimento de um grande volume de fala monitorada por parte do entrevistado.

A entrevista sociolinguística tem que estar próxima da conversa casual. Para isso, as perguntas devem estar agrupadas em módulos temáticos. Esses tópicos podem ser de interesse da comunidade e devem ser projetados para diminuir o grau de atenção que os informantes possam dar a sua própria fala durante a coleta dos dados.

Os dados utilizados em minha pesquisa são oriundos de duas fontes: (a) de um acervo de gravações pertencentes ao projeto *Descrição Sócio Histórica do Português de Belo Horizonte* e (b) de entrevistas realizadas nos anos de 2012, 2013 e 2014. Nestas gravações, pude constatar a presença de fala espontânea e de fala cuidada por parte dos informantes. Foram selecionados 24 informantes, 12 homens e 12 mulheres, escolhidos de forma aleatória. A única restrição imposta foi a de que todos os informantes fossem naturais da comunidade de fala de Belo Horizonte, pois estariam compartilhando de características e regras linguísticas comuns.

Em trabalhos sociolinguísticos não é possível delimitar e analisar os dados de todos os integrantes de uma grande comunidade de fala. Por isso a análise foi feita com uma amostragem representativa, um subconjunto formado por membros que representassem a comunidade de fala e seus padrões sociolinguísticos.

Os informantes selecionados foram avisados de que participariam de uma pesquisa em que deveriam relatar fatos sobre a infância, sobre o período em que estudaram ou fatos do cotidiano relacionados a familiares. Procurei conversar com estas pessoas e mencionar, para alguns, que a história pessoal muitas vezes está ligada à história de desenvolvimento e de

crescimento do lugar onde moram, visto que alguns residem há mais de vinte anos em Belo Horizonte e, certamente, muitos teriam o que contar sobre a cidade. Este simples comentário fez com que alguns informantes se sentissem mais à vontade para participar da pesquisa. Informe também que as entrevistas seriam gravadas, pois não me lembraria de todos os fatos descritos e narrados. Durante as entrevistas, foi utilizado um gravador da marca Sony modelo ICD-P620 lançado no ano de 2008.

Em pesquisas feitas no âmbito da sociolinguística é necessário, para a análise da variável em estudo, a gravação da fala casual dos informantes. Este modo de falar foi definido pela Teoria da variação como o mais próximo da fala natural, corriqueira e cotidiana das pessoas, devido às regras presentes na gramática do vernáculo serem regulares e empregadas com mais frequência do que as constatadas em estilos monitorados, como o padrão culto da língua. Para Schilling-Estes (2007), o pesquisador, durante a gravação, deve tentar criar para o entrevistado um ambiente de entrevista em que o informante fale de maneira espontânea, sem preocupação com o modo como fala. Ele deve preocupar-se apenas com as informações e relatos que estão sendo repassados e gravados.

Após as gravações, iniciei o período de transcrição do material e, posteriormente, selecionei as ocorrências das orações relativas. De posse desses dados, passei a codificá-los em termos das variáveis independentes escolhidas, estruturais e não estruturais.

## 6.2 Variáveis estruturais

Conforme mencionado no capítulo 4, um fenômeno linguístico é influenciado por variáveis estruturais e não estruturais (sociais). Nesta seção apresento as variáveis estruturais, que são de natureza linguística (sintática e semântica), motivadoras ou inibidoras do fenômeno linguístico. O primeiro conjunto de variáveis linguísticas é sintático e formado por dois grupos: *função sintática do sintagma nominal da cabeça* e a *função sintática do sintagma da relativa*.

O primeiro grupo de fatores é a *função sintática do sintagma nominal da cabeça* formado pelas seguintes funções: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto* e outro fator formado pelas funções de *adjunto adverbial*, *adjunto adnominal* e *complemento nominal*, *dentre outras*) e, por último, *relativa com verbo de ligação*. O Quadro 1, a seguir, apresenta a codificação para este primeiro grupo:

**Quadro 1: função sintática da cabeça da relativa**

| <b>Função sintática</b>       | <b>Codificação</b> |
|-------------------------------|--------------------|
| Sujeito                       | S                  |
| Objeto direto                 | O                  |
| Objeto indireto               | G                  |
| Adjuntos/ complementos        | P                  |
| Relativa com verbo de ligação | 3                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

O segundo grupo de fatores é a *função sintática do sintagma nominal da relativa*, em que foram consideradas as mesmas funções do primeiro grupo: *sujeito, objeto direto, objeto indireto, complementos/ adjuntos* e a *relativa com verbo de ligação*, conforme Quadro 2.

**Quadro 2: função sintática do sintagma nominal da relativa**

| <b>Função sintática</b>       | <b>Codificação</b> |
|-------------------------------|--------------------|
| Sujeito                       | H                  |
| Objeto direto                 | N                  |
| Objeto indireto               | Q                  |
| complementos/adjuntos         | X                  |
| Relativa com verbo de ligação | C                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

As orações em (39a), (39b), (39c) (40a), (40b), (40c), (41a), (41b) e (41c) são exemplos de relativas com as funções sintáticas, consideradas como fatores estruturais em estratégias padrão e não padrão.

### **Estratégia padrão**

(39a)- Eu que quis fugir então tenho que aguentar (**A função sintática de sujeito ocorre na sentença principal assim, como na relativa**)

(39b)-Tudo que ia fazer eu desperdiçava (**A função de objeto direto ocorre na sentença principal, assim como na relativa**)

(39c)- Acreditar em Jesus ele que cura (**A função sintática de objeto indireto ocorre na sentença principal e a de sujeito na relativa**)

### **Estratégia não padrão/cortadora**

(40a)-Era essas coisas que não tinha mas hoje já tem **(O verbo de ligação ocorre na sentença principal e a de sujeito ocorre na relativa).**

(40b)- Eu nem me lembro mais o horário que ela estudava **(A função de objeto indireto ocorre na sentença principal e a de adjunto adverbial na relativa)**

(40c)- Eu era uma pessoa que ele deve ter pensado o marido não estudou... Ele era muito inteligente sabe, mas ele estudou até **(A função de sujeito ocorre na sentença principal e a de objeto indireto na sentença relativa).**

### **Estratégia não padrão/ resumptiva**

(41a)- Tem uma colega minha que eu vou até pedir ela um favor **(A função de objeto direto ocorre na sentença principal e a de objeto indireto na relativa).**

(41b)- Nesse dia que a gente foi, foi eu a Dani e a minha prima que eu costumo sair com ela **(A função de sujeito ocorre na sentença principal e a de objeto indireto na relativa).**

(41c)- Tirano essas pessoas que te seguram ou cê segue elas né **(A função de objeto direto ocorre na sentença principal e a de sujeito na relativa).**

A escolha dos fatores sintáticos foi feita com base na teoria de (KEENAM & COMRIE, 1977 apud TARALLO, 1983, p.101), que considera as funções sintáticas como possíveis motivadoras do fenômeno da variação das relativas, especificamente, o da retenção do pronome resumptivo em sentenças não padrão. Além de considerar que, algumas funções sintáticas são mais relativizáveis do que outras, por isso estão em uma hierarquia de acessibilidade. Como as funções menos relativizáveis favorecem a estratégia resumptiva, a princípio, essas funções foram reunidas em um mesmo fator *complementos/adjuntos* com intuito de contribuir para um aumento do casos da estratégia com pronome lembrete.

O segundo conjunto de variáveis linguísticas é formado por três grupos de fatores semânticos: *animacidade*, *humano* e *definitude*. Esses grupos foram analisados de acordo com o sintagma nominal da cabeça da relativa.

De acordo com Tarallo (1983, p.66), uma forma tradicional de analisar o fenômeno linguístico é observar e comparar as formas linguísticas do passado com as do presente. Por isso, os fatores semânticos: humano e definitude não foram escolhidos de forma aleatória.

Foram escolhidos, conforme a tese de Tarallo de que esses fatores associados à função sintática do sintagma da cabeça são favoráveis à retenção do pronome resumptivo.

O fator semântico *animacidade* não foi analisado por Tarallo. Mas, Silva (2011) considerou como um grupo favorável ao fenômeno das estratégias relativas. Para Mollica e Braga, (2010), o traço de animacidade é muito difundido em estudos da variação pelo fato de favorecer a anáfora pronominal. A codificação para os três grupos de fatores semânticos (animacidade, definitude e humano) é apresentada nos Quadros 3, 4 e 5.

**Quadro 3: fator semântico animacidade**

| <b>Fator semântico: animacidade</b> | <b>Codificação</b> |
|-------------------------------------|--------------------|
| Animado                             | B                  |
| Inanimado                           | R                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

Exemplos para o fator animacidade, conforme os exemplos (42a) e (42b).

(42a)- Tudo que as pessoas me falam eu tento fazer (**Traço inanimado**)

(42b)- Olha eu tenho um sonho de ser uma pessoa que consiga realizar meus objetivos (**Traço animado**)

**Quadro 4: fator semântico definitude**

| <b>Fator semântico: definitude</b> | <b>Codificação</b> |
|------------------------------------|--------------------|
| Definido                           | U                  |
| Indefinido                         | T                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

Exemplos para o fator definitude, conforme, os exemplos (43a) e (43b).

(43a)- A vida da gente é uma história que pode ser contada (**Traço definido**)

(43b)- Com cada um que você conversa você aprende, num é (**Traço indefinido**)

**Quadro 5: fator semântico humano**

| <b>Fator semântico: humano</b> | <b>Codificação</b> |
|--------------------------------|--------------------|
| Humano                         | A                  |

|            |   |
|------------|---|
| Não humano | M |
|------------|---|

**Fonte: Ramos (2015)**

Exemplos para o fator humano, conforme os exemplos (44a) e (44b).

(44a) Num tem ninguém que quis mudar do prado (**Traço humano**)

(44b)- Tinha igreja que tava que eu te falei (**Traço não humano**)

### 6.3 Variáveis não estruturais

Neste trabalho as variáveis não estruturais consideradas serão a *faixa etária*, o *gênero*, a *escolaridade* e o *estilo de fala* dos informantes. Na perspectiva do quadro teórico adotado precisamos investigar se as variáveis sociais (não estruturais) influenciam na variação encontrada. De acordo com Tarallo (1983) as variáveis sociais também configuram a fala da comunidade, o emprego das regras linguísticas é frequentemente repetido pelos informantes, conforme a idade, o gênero, a escolaridade, a classe social, etc (TARALLO, 1983 p. 123).

#### 6.3.1 Faixa etária

Segundo Chambers (1995) a fala das pessoas é um revelador de idade, constatada por nós, através das mudanças advindas com o tempo. Ao longo do envelhecimento, ocorrem alterações no tônus muscular do indivíduo, um relaxamento das pregas vocais que ocasionará uma má qualidade do som produzido. O que observamos em alguns indivíduos é uma voz trêmula e falha. Ainda segundo Chambers (1995, p.153) a fala dos adolescentes se aproxima do modo como os adultos falam. Porém há uma diferença nas marcas utilizadas por cada fase da vida de um indivíduo.

Com relação à faixa etária, Labov (2008) destaca que a presença de mudança linguística em progresso pode ser detectada nas diferenças encontradas na fala de diferentes gerações. Assim sendo, o exame do comportamento linguístico encontrado em diferentes faixas etárias pode apontar para uma progressiva diminuição, ou um progressivo aumento, na ocorrência de alguma das variantes, ou pode apontar para uma situação de estabilidade.

A classificação etária utilizada seguiu as informações disponibilizadas pelo IBGE. A partir dessas informações, a divisão das faixas etárias ficou da seguinte maneira: a população jovem é composta por indivíduos com até 19 anos; os adultos são indivíduos com 20 até os 59 anos, sendo os idosos indivíduos com 60 anos ou mais.

Nas últimas décadas, houve um aumento no número de adultos, de pessoas da terceira idade e uma diminuição no número de jovens brasileiros. Isso ocorreu devido à diminuição nas taxas de natalidade, de mortalidade e do aumento da expectativa de vida. Apesar disso, o Brasil é considerado um país jovem, porque as pessoas com até 19 anos são a maioria da população. O Quadro 6, a seguir, apresenta a codificação escolhida para cada grupo etário.

**Quadro 6: variável faixa etária**

| Faixa etária                             | Codificação |
|--|-------------|
| Homens e mulheres de até 22 anos         | E           |
| Homens e mulheres de 23 anos até 59 anos | K           |
| Homens e mulheres de 60 anos em diante   | Z           |

**Fonte: Ramos (2015)**

### 6.3.2 Gênero

Segundo Labov (2008), o fator gênero colabora para a afirmação de que o papel social desempenhado por homens e pelas mulheres contribui para a escolha de determinada forma linguística.

As mulheres apresentam um padrão linguístico sensível às formas de prestígio. Este comportamento influencia o mecanismo de mudança linguística, porque os pais, sobretudo as mães, influenciam as crianças no período em que estão formando as regras linguísticas. Devido à educação e ao contato diário com os filhos, a mulher pode estabelecer padrões linguísticos que serão assimilados pelas crianças com mais eficácia. Já os homens, lideram formas inovadoras e informais nas situações cotidianas.

O fator gênero não é o único responsável pelo progresso na variação linguística. É um fator que assim como outros, precisa ser analisado de acordo com o contexto social, a rede de comunicação e o papel que cada gênero desempenha na sociedade. A diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística e depende da variação dos padrões de interação social na vida diária dos falantes (LABOV, 2008, p. 348).

Estudos recentes trouxeram contribuições importantes sobre a variação linguística existente entre os sexos. A autora Meyerhoff (2006) destaca a troca da terminologia *sexo* por *gênero*, utilizada anteriormente em pesquisas de diversas áreas. Em estudos contemporâneos

da linguagem, não utilizamos mais a palavra *sexo* para diferenciar homens e mulheres; empregamos, em vez disso, a palavra *gênero*. A nova terminologia possibilitou a distinção dos grupos sociais já reconhecidos pela sociolinguística, pois *gênero* é uma categoria social, culturalmente estudada enquanto *sexo* é uma característica biologicamente intrínseca aos seres humanos.

Para a sociolinguística, o *gênero* é um fator social adquirido com o passar do tempo e com o contato do falante com a sociedade ao seu entorno. *Sexo* é cientificamente definido por um fator X (cromossomo) durante a fecundação da espécie humana.

Para Meyerhoff (2006), a relação entre variação e gênero é complexa e o pesquisador deve ter um olhar atento à social variação linguística existente e ao contexto originador.

A diferenciação entre feminino e masculino está muito além de termos gramaticais que carregam um traço [+ feminino] ou [+ masculino]. A distinção e a variação emblemáticas entre os gêneros ocorrem de acordo com a ocupação, o papel que homens e mulheres ocupam nas comunidades em que estão inseridos. Para a sociolinguística, mais do que atestar a probabilidade de algumas expressões faladas por homens ou mulheres, cabe atestar o que faz com que os gêneros construam identidades diferentes em suas falas. Por isso, é necessário destacar em estudos de variação a influência exercida pela variável *gênero* na escolha de uma determinada variante cf.(LABOV, 1990 apud RUMEU, 2008, p. 90).

Nos processos de variação, as mulheres tendem a usar as formas consideradas de prestígio, evitando as formas socialmente estigmatizadas. Este desempenho do gênero feminino foi constatado desde análises fonéticas pioneiras, como a competição entre as pronúncias velar (padrão) ou dental (não padrão) do sufixo-*ing* em formas verbais de gerúndio (*walking* e *breaking*) do inglês. As mulheres optaram pela forma padrão do gerúndio, considerada socialmente de prestígio cf.(FISCHER, 1958 apud RUMEU, 2008, p. 90).

(PAIVA e PINTO, 1989 apud RUMEU, 2008, p.91) analisaram a exclusão da variável vibrante em grupos consonantais (problema/pobrema). De acordo com o resultado da análise, as mulheres também optaram pela realização da forma vibrante no interior dos grupos consonantais, como nas formas de prestígio (problema e proprietário). Apesar de os resultados de algumas pesquisas evidenciarem o gênero feminino como o precursor da forma de prestígio, nem sempre é possível identificar com clareza a distinção entre o comportamento linguístico de homens e mulheres. O que ocorre é o “paradoxo do gênero”: no processo de variação, as mulheres tendem a optar pela forma padrão, evitando as formas estigmatizadas; já em processos de mudança linguística, o gênero feminino tende a introduzir a forma não padrão, demonstrando-se mais inovadoras do que o gênero masculino (LABOV, 1990 apud



RUMEU, 2008, p. 91-92). A inversão nas escolhas linguísticas de cada gênero torna-se possível porque este fator pode estar associado a outros fatores, como a idade, a ocupação e o estilo de fala. É esta correlação de fatores que possibilita a categorização de homens e de mulheres com modos de falar e de se posicionar discursivamente diferentes. Devido à cultura, à história e à função desempenhada por ambos dentro da sociedade, há a possibilidade do uso ou do não uso de determinada variante linguística. Para a variável gênero foi estabelecida a seguinte codificação.

**Quadro 7: variável gênero**

| <b>Gênero</b> | <b>Codificação</b> |
|---------------|--------------------|
| Homem         | W                  |
| Mulher        | V                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

### **6.3.3 Escolaridade**

A relevância da variável escolaridade em uma análise linguística está associada à influência que essa variável exerce na fala e na escrita dos falantes. Segundo Mollica e Braga (2010, p. 51-55), a escola é um elemento atuante na variação linguística, preservando as formas de prestígio e resistindo à mudança. A escola evita a descrição de formas estigmatizadas, como *framengo* e *pobrema* ou a ocorrência de novos parâmetros de regência, como *entregar em domicílio*, *assistir o jogo* e formas redundantes, como *há anos atrás*.

O ensino da língua supõe a aquisição de formas de prestígio, deixando as formas sem prestígio social com pouca ou nenhuma explicação. Esta distinção ocorre, porque o ensino prioriza a prescrição de regras gramaticais, incorporadas como um “valor social” pelos falantes. A descrição dos fenômenos linguísticos que ocorrem na escrita e na fala não é prioridade no processo de escolarização.

Para Mollica e Braga (2010), o grau de escolarização está associado a fatores, como *status* econômico e notoriedade social, os usuários das formas linguísticas de prestígio são considerados superiores economicamente em oposição aos falantes de menos prestígio social. Essas formas de prestígio ocorrem em contextos mais formais e elitizados e constituem as formas linguísticas que compõem as gramáticas prescritivas, regras da língua escrita ensinadas ao longo do processo escolar.

A escola deveria conscientizar os alunos da existência da variação linguística, de que existem formas diferentes de dizer a mesma informação ou ideia. Agindo dessa maneira, a

escola diminuiria o desrespeito linguístico e social, as habilidades sociolinguísticas seriam desenvolvidas nos alunos e o *rótulo* de que existem formas linguísticas *certas* e *erradas* seria inibido da sociedade.

Em situações de comunicação, alguns fatores interferem no monitoramento da fala pelo falante como: uma situação formal de entrevista, a presença de uma pessoa mais velha, de uma pessoa mais culta, o grau de emoção colocado na fala, o contexto em que o falante está inserido, etc. Associada a esses fatores a escolaridade influencia de forma indireta o desempenho do falante, tenha ele maior ou menor domínio da vertente culta da língua.

De acordo com Silva (2011) a variável escolaridade influencia as estratégias relativas. Informantes de maior escolaridade optariam pela estratégia padrão em contextos como o da entrevista sociolinguística:

Normalmente, espera-se que a variável culta seja usada principalmente pelos informantes de maior escolaridade. Muitos estudos sociolinguísticos mostram que há predominância da forma linguística padrão entre falantes de maior nível de escolarização. No que diz respeito às orações relativas, uma boa instrução nem sempre privilegia a forma padrão. Em alguns ambientes linguísticos (locuções preposicionadas), por exemplo, a forma cortadora parece ser favorecida em detrimento da padrão. O mesmo não ocorre em relação às resumptivas, uma vez que, entre falantes de maior escolarização, o uso dessa estratégia parece ser sensivelmente menor (SILVA, 2011, p. 73-74).

O Quadro 8, a seguir, traz a codificação utilizada para a variável escolaridade.

**Quadro 8: variável escolaridade**

| <b>Escolaridade</b> | <b>Codificação</b> |
|---------------------|--------------------|
| Ensino básico       | L                  |
| Ensino Superior     | Y                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

### **6.3.4 Estilo de fala**

Em uma pesquisa sociolinguística, é preciso coletar os dados da fala natural o mais próximo possível do vernáculo. Labov (2008) propôs técnicas para orientar o entrevistador sobre a ocorrência deste estilo de fala. A primeira abordagem feita por Labov foi a de gravar a linguagem das ruas ou realizar a observação aleatória e anônima de conversas em lojas de departamento. Dessa forma, o pesquisador poderia comparar e medir com sucesso os dados coletados em suas entrevistas.

As técnicas utilizadas por Labov foram importantes para a inserção do fator *estilo* em pesquisas sociolinguísticas, porque a variação estilística, a princípio não foi tratada por técnicas que fossem capazes de medir a extensão do fator *estilo* sobre o fenômeno da variação linguística. Esta variável independente, para muitos linguistas, era considerada como desinteressante. Acreditavam ser meramente estatístico o condicionamento desse fator sobre o comportamento linguístico (LABOV, 2008, p.92). Labov (2008), contudo, em seu estudo na cidade de Nova Iorque, identificou uma correlação regular entre estilos diferentes e percentuais de ocorrência de uma determinada variante.

A fala monitorada ficou definida como o estilo mais fácil de ser identificado. Geralmente ocorre quando um falante está respondendo a perguntas. Nesta situação de entrevista, o falante estabelece um grau de formalidade de fala maior do que numa conversa casual entre amigos, e menor do que numa entrevista de emprego (LABOV, 2008, p.103).

É fundamental que o entrevistador ultrapasse a situação de entrevista e consiga apreender a fala casual. Para alcançar este objetivo, Labov (2008) propõe a identificação ou reconhecimento dos estilos, realizando gravações anônimas e aleatórias em contextos informais. É necessário que se estabeleçam situações menos formais, em que a presença do pesquisador torne-se nula e a situação de entrevista apresente uma estrutura de conversa cotidiana (LABOV, 2008, p.111).

Para uma investigação mais precisa sobre o estilo de fala, o pesquisador deverá distinguir os contextos onde ocorre cada estilo. Em minha pesquisa identifiquei dois contextos: o primeiro contexto, a entrevista, e o segundo contexto, que denominei de relato pessoal.

Durante a entrevista, a fala monitorada é o estilo mais simples de ser reconhecido; o falante apresenta um grau de atenção maior à fala, elabora respostas objetivas e curtas, demonstra um comportamento mais formal e uma seriedade ao elaborar as respostas. No segundo contexto, o relato pessoal<sup>20</sup>, o falante além de responder à pergunta, acrescenta informações pessoais, relatando, brevemente, sobre uma parte da sua história ou algum fato marcante durante alguma fase de sua vida. No Quadro 9, a seguir, apresento a codificação para a variável *estilo*.

---

<sup>20</sup> Em minha análise, defini o relato pessoal, como um contexto inserido dentro do contexto da entrevista, por isso pode ser considerado como um subcontexto.

**Quadro 9: variável estilo de fala**

| <b>Contexto</b> | <b>Estilo</b> | <b>Codificação</b> |
|-----------------|---------------|--------------------|
| Entrevista      | Monitorado    | m                  |
| Relato pessoal  | Casual        | c                  |

**Fonte: Ramos (2015)**

### 6.3.5 Quadro de informantes

Os informantes selecionados são oriundos da cidade de Belo Horizonte e foram classificados no Quadro 10, a seguir, conforme as variáveis não estruturais: *gênero, faixa etária e escolaridade*.

Os nomes dos informantes foram alterados. Utilizei iniciais maiúsculas para manter preservada identidade dos mesmos.

**Quadro 10: informantes de acordo com o gênero, a faixa etária e a escolaridade**

| Gênero/Faixa etária         | Informantes/ Ensino Básico | Informantes/ Curso Superior |
|-----------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| Mulher até 22 anos          | B.R<br>A.C                 | C.L<br>D.R                  |
| Mulher de 23 até 59 anos    | A.G<br>C.L                 | A.B<br>R.F                  |
| Mulher de 60 anos em diante | C.T<br>D.G                 | O.L<br>J.P                  |
| Homem até 22 anos           | J.C<br>L.E.                | P.D.<br>R.D.                |
| Homem de 23 até 59 anos     | A.X<br>A.N.T               | J.P.<br>G.S.                |
| Homem de 60 anos em diante  | E.L<br>C.L.                | F.D.<br>W.R.                |

**Fonte: Ramos (2015)**

O Quadro 10 apresenta, como se pode ver, dois informantes por célula, num total de 24 informantes, 12 homens e 12 mulheres, igualmente distribuídos por faixa etária e escolaridade.

Uma vez estabelecidos os dados para a análise, passamos, na próxima seção, para a apresentação do software utilizado na análise quantitativa da variável em foco, o Varbrul 2001.

## **6.4 A análise quantitativa**

De acordo com Guy e Zilles (2007, p.20-25), cada vez mais, a pesquisa na área da sociolinguística vem se amparando na metodologia quantitativa, incluindo o uso de tabelas e gráficos para a apresentação de resultados, utilizando medidas estatísticas que permitem realizar inferências sobre os dados, realizando testes de significância e garantindo assim, a confiabilidade das técnicas quantitativas utilizadas na pesquisa. Neste trabalho a análise quantitativa foi importante, porque o método possibilitou a exploração do complexo mapeamento entre língua e alguns fatores da sociedade.

Neste capítulo, apresentei as variáveis estruturais e não estruturais. Para analisar o efeito dessas variáveis sobre o fenômeno das orações relativas, foi necessário utilizar um programa de análise multivariada sobre o qual escrevo na próxima seção.

### **6.4.1 Varbrul**

O Varbrul (2001) é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, estruturado para acomodar os dados da pesquisa sociolinguística. A análise realizada pelo Varbrul (2001) é multivariada, porque possibilita a investigação da influência concomitante dos fatores linguísticos e não linguísticos sobre um fenômeno em estudo. Basicamente, o que o Varbrul (2001) faz é uma regressão linear múltipla.

O programa permite ao pesquisador a investigação dos efeitos de fatores independentes sobre a ocorrência da variável dependente. De modo geral, o uso do Varbrul (2001) oferece ao pesquisador uma visão geral do comportamento quantitativo de uma <sup>21</sup>regra variável, a variação linguística que ocorre regularmente em determinados ambientes linguísticos ou que predomina na fala de determinados grupos sociais ou estilos de fala.

---

<sup>21</sup> Regra variável foi desenvolvida na linguística como uma forma de dar conta da variação estruturada, governada por regras durante o uso da língua. (GUY e ZILLES, 2007, p. 48).

O objetivo da análise é descrever adequadamente e esclarecer a natureza, e a extensão dos condicionadores da variação de determinado fenômeno linguístico. A partir disso é possível “prever” probabilisticamente por meio do pacote estatístico, a taxa aproximada de uso de uma variável linguística em uma amostra de dados de uma comunidade de fala (GUY e ZILLES, 2007, p. 48).

O Varbrul (2001) é uma ferramenta extremamente útil para a análise linguística, é uma tentativa numérica de medir o peso e a direção de “várias forças” sobre o fenômeno em estudo. Por isso é multivariada, pois abarca e intersecciona uma gama de fatores independentes que podem influenciar a variação.

A influência é medida com base na análise de um corpus linguístico onde a variável se realiza em vários contextos de forma controlada, permitindo ao pesquisador fazer generalizações e comparações entre os vários contextos em que a variável aparece.

Cada contexto de aplicação da variável é denominado *grupo de fatores*. Por exemplo, *faixa etária* e *estilo de fala* são dois grupos de fatores. Cada grupo é formado por um conjunto de fatores e cada combinação desses fatores no Varbrul constitui uma célula.

Durante a análise do Varbrul (2001), cada fator recebe um <sup>22</sup>“peso”, um valor probabilístico. Quanto mais alto o valor, maior é a chance de a regra se aplicar quando este fator estiver presente no contexto (GUY e ZILLES, 2007, p. 51).

De acordo com Guy e Zilles (2007), uma função matemática executada pelo programa, combina valores dos fatores ao <sup>23</sup>*input*, para encontrar os índices de aplicação da regra variável em cada célula.

Os autores comentam que o Varbrul (2001) possibilita a realização do teste de significância dentro dos grupos de fatores por meio de dois procedimentos analíticos: *step-up* e *step down*.

Esses procedimentos fazem um refinamento analítico dentro dos grupos de fatores, distinguindo o que é relevante do que não é relevante para a aplicação da regra. Partindo desta diferenciação, eliminamos o que não contribui com a análise. Esta exclusão é conhecida como “navalha de Occam”, um dogma científico que consiste em minimizar o número de princípios explanatórios (GUY e ZILLES, 2007, p.63).

É importante dizer que a análise quantitativa não substitui a análise qualitativa, ambas caminham juntas mediante aos resultados apresentados pelo Varbrul (2001), que apenas

---

<sup>22</sup> “Peso” é definido por Guy e Zilles (2007) como um número entre 0 e 1, que caracteriza o efeito do fator sobre a regra variável em questão (GUY e ZILLES, p. 51, 2007).

<sup>23</sup> *Input* é denominado valor probabilístico de um conjunto total de dados aplicados a uma regra (GUY e ZILLES, p. 51, 2007).

realiza alguns procedimentos matemáticos sobre um conjunto de fatores. O programa não faz análises linguísticas para o pesquisador, apenas apresenta resultados numéricos sobre os dados codificados.

## 7 ANÁLISE

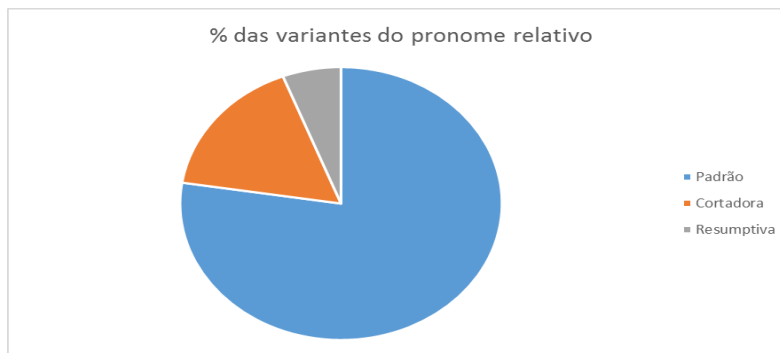
A princípio, optou-se por trabalhar com um arquivo de dados codificados, denominado *arquivo mãe*, o qual continha a variante *padrão x às não padrão* (cortadora e resumptiva). Nesse arquivo foram codificadas as representações referentes à variável dependente: (P) para padrão e (N) para não padrão.

A estratégia era a de trabalhar com arquivos diferentes, opondo primeiro a estratégia padrão às não padrão (cortadora e resumptiva) para, depois, comparar as não padrão de forma isolada. A decisão de trabalhar com três arquivos foi tomada, porque o método analítico utilizado em sociolinguística pressupõe uma análise bem-sucedida quando trabalhamos com formas linguísticas binárias (duas variantes). Isso possibilita a apresentação de resultados precisos e eficientes sobre a distribuição ou a não distribuição das variantes linguísticas e segue o que ficou estabelecido pela “regra variável”, que relaciona um par de variantes como *x* e *y*, de modo que quando a regra é aplicada, ocorre *x* e, quando a regra não se aplica, ocorre *y*, conforme mencionado por Guy e Zilles (2007, p.51).

Após as etapas de codificação e checagem dos dados (à procura de eventuais erros), os primeiros resultados foram gerados pelo *Results*, onde temos os percentuais de aplicação da estratégia não padrão nos grupos de fatores. Cabe lembrar, que o valor de aplicação é referente ao código da variante não padrão, uma vez que ela está sendo observada e analisada. Assim, os resultados giram em torno do cálculo para a variante não padrão (N).

Os valores percentuais nos permitem observar o número total de determinada estratégia relativa em contextos específicos, ou seja, a porcentagem apresenta a proporção da estratégia não padrão em cada fator. No geral, obtivemos as porcentagens de 79% de ocorrências padrão, 17% de variante cortadora e 6% de forma resumptiva. Veja:

**Gráfico 4: distribuição percentual das variantes padrão e não padrão (cortadora e resumptiva)**



**Fonte: Ramos (2015)**

Na próxima seção, são apresentados os resultados percentuais obtidos para cada arquivo de *tokens* trabalhado.

### 7.1 Resultado percentual padrão x não padrão

No arquivo *padrão x não padrão* havia 9 grupos de fatores, totalizando 25 fatores. Nos primeiros resultados apresentaram um total de 394 casos (*tokens*), sendo 20% de aplicação da regra da variante não padrão (82 casos/tokens) e 79% (312 casos/tokens) de não aplicação da regra – variante padrão. Vejamos na Tabela 4 os resultados percentuais iniciais:

**Tabela 4: percentual de aplicação da estratégia não padrão (resumptiva e cortadora)**

| <b>Funções Sintáticas/Cabeça da Relativa</b> | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|--|---------------------|-----------------|
| Sujeito (S)                                  | 16                  | 83              |
| Objeto direto (O)                            | 13                  | 86              |
| Objeto indireto (G)                          | 31                  | 68              |
| Complementos nominais/adjuntos (P)           | 38                  | 61              |
| Verbo de ligação (3)                         | 18                  | 82              |

| <b>Funções Sintáticas da Relativa</b> | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|---------------------------------------|---------------------|-----------------|
| Sujeito (H)                           | 6                   | 93              |
| Objeto direto (N)                     | 8                   | 91              |
| Objeto indireto (Q)                   | 96                  | 3               |
| Complementos nominais/adjuntos (X)    | 65                  | 34              |



|                      |    |    |
|----------------------|----|----|
| Verbo de ligação (C) | 10 | 89 |
|----------------------|----|----|

| <b>Fatores Semânticos</b> | % Não padrão | % Padrão |
|---------------------------|--------------|----------|
| Animado (B)               | 15           | 84       |
| Inanimado (R)             | 26           | 73       |
| Humano (A)                | 15           | 84       |
| Não humano (M)            | 25           | 74       |
| Definido (U)              | 21           | 78       |
| Indefinido (T)            | 17           | 82       |

| <b>Faixa Etária</b>   | % Não padrão | % Padrão |
|-----------------------|--------------|----------|
| Até 22 anos (E)       | 24           | 75       |
| De 23 até 59 anos (Z) | 24           | 75       |
| 60 anos em diante (K) | 16           | 83       |

| <b>Gênero</b> | % Não padrão | % Padrão |
|---------------|--------------|----------|
| Masculino (W) | 17           | 82       |
| Feminino (V)  | 23           | 76       |

| <b>Escolaridade</b>    | % Não padrão | % Padrão |
|------------------------|--------------|----------|
| Ensino Fundamental (L) | 27           | 72       |
| Ensino Superior (Y)    | 14           | 85       |

| <b>Estilo</b>  | % Não padrão | % Padrão |
|----------------|--------------|----------|
| Casual (c)     | 26           | 73       |
| Monitorado (m) | 19           | 80       |

**Fonte: Ramos (2015)**

No arquivo *padrão x não padrão* não houve <sup>24</sup>*Knock Outs*; assim, os dados ficaram bem distribuídos em cada contexto específico de aplicação ou não aplicação da estratégia não padrão.

Como foi dito, foi feito em primeira instância, um arquivo mãe (*padrão x não-padrão*). Após isso, as contraposições entre os arquivos *padrão x cortadora* e *padrão x resumptiva* foram realizadas. Nas seções 7.1.1 e 7.1.2, os resultados percentuais, opondo a estratégia padrão às não padrão separadas serão apresentados.

### 7.1.1 Resultado percentual padrão x cortadora

<sup>24</sup> De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 158) *Knock Outs* é um fator que em determinado momento da análise, apresenta uma frequência de 0% ou de 100% para um dos valores a variável dependente.

Para o arquivo *padrão x cortadora*, foram obtidos 376 casos (tokens), sendo que 17% (64 casos) deles aplicaram a regra, tratando-se da variante não padrão. Já 82% (312 casos) não aplicaram a regra, sendo, portanto a variante padrão. Encontramos os seguintes percentuais para cada fator:

**Tabela 5: percentual de aplicação da estratégia cortadora**

| <b>Função sintática/cabeça da relativa</b> | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|--|---------------------|-----------------|
| Sujeito (S)                                | 10                  | 89              |
| Objeto direto (O)                          | 19                  | 90              |
| Objeto indireto (G)                        | 27                  | 72              |
| Complementos/ adjuntos (P)                 | 36                  | 63              |
| Verbo de ligação (3)                       | 14                  | 85              |

| <b>Função sintática da relativa</b> | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|-------------------------------------|---------------------|-----------------|
| Sujeito (H)                         | 1                   | 98              |
| Objeto direto (N)                   | 7                   | 92              |
| Objeto indireto (Q)                 | 93                  | 3               |
| Complementos/adjuntos (X)           | 62                  | 37              |
| Verbo de ligação (C)                | 10                  | 98              |

| <b>Fatores semânticos</b> | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|---------------------------|---------------------|-----------------|
| Animado (B)               | 9                   | 90              |
| Inanimado (R)             | 23                  | 76              |
| Humano (A)                | 9                   | 90              |
| Não humano (M)            | 23                  | 76              |
| Definido (U)              | 16                  | 83              |
| Indefinido (T)            | 17                  | 82              |

| <b>Faixa etária</b>   | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|-----------------------|---------------------|-----------------|
| Até 22 anos (E)       | 21                  | 78              |
| De 23 até 59 anos (Z) | 19                  | 80              |
| 60 anos em diante (K) | 13                  | 86              |

| <b>Gênero</b> | <b>% Não padrão</b> | <b>% Padrão</b> |
|---------------|---------------------|-----------------|
| Masculino (W) | 14                  | 85              |
| Feminino (V)  | 19                  | 80              |

| <b>Escolaridade</b>    | % Não padrão | % Padrão |
|------------------------|--------------|----------|
| Ensino Fundamental (L) | 22           | 77       |
| Ensino Superior (Y)    | 11           | 88       |

| <b>Estilo</b>  | % Não padrão | % Padrão |
|----------------|--------------|----------|
| Casual (c )    | 22           | 77       |
| Monitorado (m) | 15           | 84       |

**Fonte: Ramos (2015)**

### 7.1.2 Resultado percentual padrão x resumptiva

Já no arquivo *padrão x resumptiva*, obtivemos 330 casos, sendo 6% (18 casos) de variante não padrão – aplicação da regra, e 93% (312 casos) de variante padrão – não aplicação da regra. Os resultados percentuais individuais foram:

**Tabela 6: percentual de aplicação da estratégia resumptiva**

| <b>Funções sintáticas/Cabeça da Relativa</b> | % Não padrão | % Padrão |
|--|--------------|----------|
| Sujeito (S)                                  | 7            | 92       |
| Objeto direto (O)                            | 5            | 94       |
| Objeto indireto (G)                          | 7            | 92       |
| Complementos/ adjuntos (P)                   | 10           | 90       |
| Verbo de ligação (3)                         | 4            | 95       |

| <b>Funções Sintáticas da Relativa</b> | % Não padrão | % Padrão |
|---------------------------------------|--------------|----------|
| Sujeito (H)                           | 4            | 95       |
| Objeto direto (N)                     | 1            | 98       |
| Objeto indireto (Q)                   | 80           | 20       |
| Complementos/ adjuntos (X)            | 33           | 66       |
| Verbo de ligação (C )                 | 0            | 100      |

| <b>Fatores Semânticos</b> | % Não padrão | % Padrão |
|---------------------------|--------------|----------|
| Animado (B)               | 7            | 92       |
| Inanimado (R )            | 5            | 94       |
| Humano (A)                | 7            | 92       |
| Não humano (M)            | 5            | 94       |
| Definido (U)              | 7            | 92       |
| Indefinido (T)            | 1            | 98       |

| <b>Faixa Etária</b>   | % Não padrão | % Padrão |
|-----------------------|--------------|----------|
| Até 22 anos (E )      | 7            | 92       |
| De 23 até 59 anos (Z) | 6            | 93       |
| 60 anos em diante (K) | 6            | 93       |

| <b>Gênero</b> | % Não padrão | % Padrão |
|---------------|--------------|----------|
| Masculino (W) | 6            | 93       |
| Feminino (V)  | 6            | 93       |

| <b>Escolaridade</b>    | % Não padrão | % Padrão |
|------------------------|--------------|----------|
| Ensino Fundamental (L) | 9            | 90       |
| Ensino Superior (Y)    | 3            | 96       |

| <b>Estilo</b>  | % Não padrão | % Padrão |
|----------------|--------------|----------|
| Casual (c )    | 4            | 95       |
| Monitorado (m) | 7            | 92       |

**Fonte: Ramos (2015)**

Neste arquivo houve *Knock Out* na variável *função sintática*. Havia 0% de casos de *verbos de ligação*; sendo que, 17 casos estavam concentrados na não aplicação da regra, e 0 casos na aplicação, ou seja, havia apenas casos de variante padrão. Assim, o efeito da não aplicação se sobressairia a qualquer efeito da aplicação. Dessa forma, o fator *verbo de ligação* foi excluído deste arquivo, pois para <sup>25</sup>amalgamá-lo a outro grupo de fatores deveria haver alguma relação teórica e linguística (desempenhar função sintática semelhante) entre esse fator e os demais.

Para melhor efeito de análise, após os resultados percentuais (que ampliam a visão do pesquisador sobre o tamanho da dispersão dos resultados), o arquivo de *células* foi gerado. Isso é feito por meio do *step up* e *step down*, onde iremos encontrar as medidas probabilísticas, os “pesos relativos”, os quais se tratam de valores de uma análise multivariada, ou seja, são contabilizados levando em conta a interação de todos os grupos de fatores. O percentual informa os valores proporcionais à aplicação ou não aplicação da regra em um contexto específico e o peso relativo é um valor entre 0 e 1 que caracteriza o efeito de um fator sobre a regra variável, é um teste de significância probabilística. Veremos esses valores detalhados na análise dos dados.

<sup>25</sup> Amalgamar na análise do Varbrul seria combinar o fator com *Knock Out* a outro grupo de fatores.

## 7.2 Análise dos dados

Ao realizar a minha análise, Ramos (2015), utilizei a pesquisa de Silva (2011) para estabelecer comparações com os resultados que obtive. É importante dizer que houve algumas diferenças, das quais faço as descrições a seguir:

1º - Silva (2011) analisou a presença, ou, a variante padrão. Ramos (2015) analisou a presença, ou, a variante não padrão;

2º - Na pesquisa de Silva (2011), a variável gênero favoreceu a estratégia não padrão/resumptiva. Em Ramos (2015), as variáveis sociais relevantes foram: idade e escolaridade;

3º - Na variável função sintática do NP, Silva (2011) considerou 3 fatores: 1) sujeito – 2) objetos (direto e indireto) – 3) oblíquo. Como a autora não encontrou casos de objeto direto diante da variante não padrão (o que acarretou em um *Knock Out*), ela amalgamou os objetos. Ramos (2015) trabalhou com: 1) sujeito - 2) objeto direto – 3) objeto indireto – 4) complementos/adjuntos – 5) verbos de ligação. O fator oblíquo não foi analisado por Ramos (2015), optou-se por trabalhar com o fator em que as funções com menor frequência de relativização, como complementos, adjuntos e oblíquos fossem tratadas com uma só variante. A influência da sentença com o verbo de ligação foi analisada, pois é uma estrutura sintática, onde o verbo funciona como um eixo de simetria entre os sintagmas da oração, não é possível classificar os sintagmas em sujeito, objetos, etc.

4º - Cabe ressaltar que o grupo (variável sintática) acima só pode ser comparado entre as pesquisas com relação ao arquivo *padrão x não padrão*, uma vez que ambos apareceram (selecionados pelo Varbrul), de igual maneira em Silva (2011) que diz :

É necessário relatar que, após a análise do primeiro resultado, ficou claro que o grupo 3 (posição sintática do NP relativizado) deveria ser retirado; já que, diante de locuções prepositivas (oblíquos e objetos indiretos), só ocorria a forma não padrão, ou seja, não havia variação, o ambiente era categórico. (SILVA, 2011, p. 86).

Desta forma, nos arquivos - *padrão x cortadora e padrão x resumptiva* - não há comparações entre as pesquisas de Silva (2011) e Ramos (2015).

Para análise dos dados, como já foi dito, existem 3 arquivos, os quais serão comentados em seções diferentes:

- 1) Para o arquivo *Padrão x não padrão*, os grupos considerados foram:

Estruturais:

- 1 - Função sintática da cabeça da relativa
- 2 - Função sintática da relativa
- 3 - Referente (+/- animado)
- 4 - Referente (+/- humano)
- 5 - Referente (+/- definido)

Não estruturais:

- 6 - Faixa etária
- 7 - Gênero
- 8 - Escolaridade
- 9 – Estilo

O Varbrul (2001) selecionou como mais relevantes os grupos (estão em ordem de seleção):

- 2 - Função sintática da relativa
- 8 - Escolaridade
- 6 - Faixa etária

2) Para o arquivo *padrão x cortadora*, os grupos trabalhados foram:

Estruturais:

- 1 - Função sintática da cabeça da relativa
- 2 - Função sintática da relativa
- 3 - Referente (+/- animado)
- 4 - Referente (+/- humano)
- 5 - Referente (+/- definido)

Não estruturais:

- 6 - Faixa etária
- 7 - Gênero
- 8 - Escolaridade

9 – Estilo

Variáveis selecionadas pelo Varbrul (em ordem de seleção):

2 - Função sintática da relativa

6 - Faixa etária

8 - Escolaridade

3) Para o arquivo *padrão x resumptiva*, os grupos trabalhados foram:

Estruturais:

1 - Função sintática da cabeça da relativa

2 - Função sintática da relativa

3 - Referente (+/- animado)

4 - Referente (+/- humano)

5 - Referente (+/- definido)

Não estruturais:

6 - Faixa etária

7 - Gênero

8 - Escolaridade

9 – Estilo

Grupos escolhidos, em ordem de relevância, pelo programa:

2 - Função sintática da relativa

4 - Referente (+/- humano)

Como o Varbrul (2001) seleciona as variáveis (ou os grupos) mais relevantes para a análise, o comportamento de cada grupo foi descrito e analisado, enquanto condicionadores do fenômeno.

### **7.2.1 Padrão x não padrão- Função sintática**

Encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 7: valores para o grupo função sintática da relativa**

| Funções Sintáticas        | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|---------------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Sujeito (H)               | 13/214            | 6          | .25                 |
| Objeto direto (N)         | 07/84             | 8          | .29                 |
| Objeto indireto (Q)       | 30/31             | 96         | .99                 |
| Complementos/adjuntos (X) | 30/46             | 65         | .95                 |
| Verbo de ligação ( C)     | 02/19             | 10         | .51                 |
| <b>Total</b>              | <b>82/394</b>     | <b>20</b>  | <b>input: 0,118</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Conforme a Tabela 7, o fator *objeto indireto* (.99.) é o que mais influencia na aplicação da regra. Já o fator *sujeito* (.25.) é o que menos influencia. O fator *verbo de ligação* (.51.) apresentou comportamento neutro.

Vejam os alguns exemplos dessas funções sintáticas.

### **Variante Padrão**

#### **Sujeito**

(45a)- Todo mundo que tá lá é novo e é diferente.

#### **Objeto direto**

(45b)- Tinha um papagaio assim que ele odiava o papagaio.

#### **Objeto indireto**

(45c)- Eu busco os valores que eu acredito das coisas que a minha mãe me ensinava.

#### **Complemento/ adjunto**

(45d)- Todos foram criados aqui nessa casa estudaram aqui no Bernardo Monteiro que era muito bom.

#### **Verbo de ligação**

(45e)- Colesterol tem uma parte que é genética

### **Variante Cortadora**

#### **Sujeito**

(46a)- Eu tava me punindo por causa de uma coisa que podia ter acontecido com qualquer uma.

#### **Objeto direto**

(46b)- Pra acreditar nesse Deus que vocês sirvam para a minha fica ficar curada

#### **Objeto indireto**



(46c)- O filme que eu mais gosto chama as dez coisas que odeio em você

**Complemento/adjunto**

(46d)- Um cozinha grande onde eu trabalhei aqui nessa casa até 1970

**Verbo de ligação**

(46e)- Tem cozinha industrial que é pra fazer comida do cliente

**Variante Resumptiva**

**Sujeito**

(47a)- Tinha solteira que ela contava coisas que ela fazia com o namorado.

**Objeto direto**

(47b)- Eu vou olhar as datas certas dos meus diplomas que eu tenho eles

**Objeto indireto**

(47c)- Sempre foi uma pessoa assim que os amigos gostavam muito dele

**Complemento/ adjunto**

(47d)- Um curso que eu planejo colher bons frutos dele

Silva (2011) chegou aos seguintes resultados com relação a variante padrão:

<sup>26</sup>**Tabela 8: função sintática do NP relativizado em relação à variante padrão**

| Funções Sintáticas           | Ocorrências/Total | Percentual | PR  |
|------------------------------|-------------------|------------|-----|
| Sujeito (s)                  | 208/219           | 94         | .75 |
| Objeto direto e indireto (3) | 75/118            | 6          | .18 |
| Oblíquo (o)                  | 01/16             | 69         | .01 |

Fonte: Silva (2011, p.83)

Vejam os que a função de *sujeito* é a que favorece a variante padrão (.75). As demais funções desfavorecem a aplicação da regra. Comparando ambas as análises, conforme a Tabela 9, que contrapõe os resultados obtidos por Silva (2011) e por Ramos (2015).

<sup>26</sup> A Tabela 8 foi adaptada de Silva (2011, p. 83).

**Tabela 9: Função sintática da relativa- Silva (2011) e Ramos (2015)**

| Pesquisas                 | Ramos (2015) | Silva (2011) |
|---------------------------|--------------|--------------|
| Funções Sintáticas        | PR           | PR           |
| Sujeito (H)               | .25          | .75          |
| Objeto direto (N)         | .29          | .18          |
| Objeto indireto (Q)       | .99          | .18          |
| complementos/adjuntos (X) | .95          | xxx          |
| Oblíquo (o)               | xxx          | .01          |
| Verbo de ligação          | .51          | xxx          |

**Fonte: Silva (2011) e Ramos (2015)**

### **Função - Sujeito:**

De acordo com a Tabela 7 a *função sintática de sujeito* não condicionou a variante não padrão, pois teve o peso relativo (.25). Já em Silva (2011), vemos a *função de sujeito* favorecer a variante padrão, conforme a Tabela 8.

Uma tentativa de explicação para o fato de a *função de sujeito* influenciar mais a forma padrão é com relação ao movimento do termo *que*.

A variante padrão se diferencia da variante não padrão pelo movimento do termo *que* (da direita da oração à esquerda), o qual não ocorre nas variantes não padrão. Como ficou pressuposto por Tarallo (1983) e também por Silva (2011), esse movimento (ou a falta dele) fica nítido, quando temos uma locução prepositiva, uma vez que percebemos esse fato diante da presença ou não da preposição. A função de *sujeito* não é preposicionada, portanto, não se consegue saber, se houve ou não esse movimento/apagamento do constituinte *que*.

### **Função- objetos direto e indireto**

Com relação aos objetos (direto e indireto), vale lembrar que Silva (2011) não encontrou variante não padrão diante do *objeto direto*; portanto, ela amalgamou esse ao fator de *objetos indiretos*, formando um só grupo, os *objetos*.

Entretanto, com relação ao *objeto direto*, em minha análise, foram encontrados 07 casos dentro da variante não padrão, tendo peso de (.29), ou seja, desfavorecendo a ocorrência da variante não padrão. Já o objeto indireto tem 30 casos e aparece favorecendo a ocorrência da variante não padrão, com peso (.99). Em Silva (2011), ao amalgamar os *objetos*, a autora mostra que eles não condicionam a variante padrão, pois têm peso (.18).

Conforme atestado por Tarallo (1983, p. 174-175) a função de objeto indireto favorece a estratégia não padrão, especificamente a relativa cortadora. Essa se realiza diante de locuções prepositiva como a função de *objeto indireto*.

### Funções- Complementos e adjuntos

Percebemos que essas funções favorecem a forma não padrão, com peso (.95). Assim, como a função de *objeto indireto* outras funções sintáticas com locuções preposicionadas também favorecem a estratégia não padrão.

### Função- Verbo de ligação

O verbo de ligação teve peso (.51), ou seja, ele atua de forma neutra. Assim, ora ele pode condicionar a forma não padrão, ora desfavorece-a.

Diante dos resultados, o que percebíamos era que dois grandes grupos se delineavam: i) função sintática precedida de preposição e ii) função sintática sem preposição precedente. Desta foram decidimos fazer as seguintes amálgamas:

I) sujeito + objeto direto = função sem preposição;

II) objeto indireto + complementos e adjuntos = função com preposição e

III) função/verbo de ligação. Este fator não foi amalgamado, porque não apresenta semelhanças linguísticas com as outras funções sintáticas.

Os resultados obtidos estão na Tabela 10 a seguir:

**Tabela10: Funções sintáticas da relativa amalgamadas (variante não padrão)**

| Funções Sintáticas        | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|---------------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Função sem preposição (H) | 20/298            | 6          | .27                 |
| Função preposicionada (Q) | 60/77             | 77         | .97                 |
| Verbo de ligação ( C)     | 02/19             | 10         | .54                 |
| <b>Total</b>              | <b>82/394</b>     | <b>20</b>  | <b>input: 0,106</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Como já esperado, as funções sem preposição precedente desfavorecem a forma não padrão (.27), já as funções preposicionadas (objeto indireto, complementos e adjuntos) favorecem a forma não padrão com (.97). Os verbos de ligação ainda atuam de forma neutra.

### Funções- Sujeito e objeto

As funções de *sujeito* e *objeto direto* não favorecem a estratégia não padrão, motivando a ocorrência da estratégia padrão. Isso ocorre devido ao movimento do termo *que* da direita para a esquerda, deixando uma lacuna no lugar de origem. Na relativa padrão, o

movimento do termo *que* ocorre somente nas funções de *sujeito* e objeto direto. Em funções com locuções preposicionadas há um deslocamento do termo *que* e da preposição. Esse movimento ou deslocamento, de acordo com Silva (2011, p. 47) está associado à hierarquia de posições sintáticas mais relativizáveis. O movimento ou o deslocamento nas relativas não padrão só poderia ocorrer em posições mais baixas (funções com locuções preposicionadas) se ocorrerem primeiro em funções mais altas: *sujeito* e *objeto direto*.

### **Funções: Objeto indireto, complementos/adjuntos**

As funções que apresentam sintagmas preposicionados, como as de objeto indireto e complementos/adjuntos favorecem a estratégia não padrão devido ao processo de apagamento. Esse processo ocorre de duas formas: o apagamento do sintagma preposicionado na estratégia cortadora; o apagamento da variável relativizável e posterior preenchimento de um pronome cópia na estratégia resumptiva. Esse processo de apagamento, conforme atestado por Tarallo (1983) e rediscutido por Silva (2011) está ligado ao processo de retenção do sujeito na sentença e ao apagamento das funções de objeto.

### **7.2.2 Padrão x não padrão – Escolaridade**

Os seguintes resultados foram obtidos:

**Tabela 11: variável escolaridade- padrão x não padrão**

| Escolaridade        | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|---------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Ensino escolar (L)  | 54/206            | 26         | .67                 |
| Ensino superior (Y) | 29/205            | 14         | .32                 |
| <b>Total</b>        | <b>82/394</b>     | <b>20</b>  | <b>input: 0,118</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Quanto maior a escolaridade, menor uso da variante não padrão. Conforme a tabela 11, as pessoas que têm nível superior de escolaridade tiveram o valor de (.32), ou seja, elas não aplicam a regra, portanto, menor frequência da forma não padrão. As pessoas, que só têm os ensinos fundamental e/ou médio, apresentaram maior aplicação da regra, por isso, maior frequência da forma não padrão.

### 7.2.3 Padrão x não padrão- Faixa etária

Vejamos os resultados na Tabela 12:

**Tabela 12: variável faixa etária- padrão x não padrão**

| Faixa etária     | Ocorrências/Total | Percentual | PR                         |
|------------------|-------------------|------------|----------------------------|
| Até 22 anos (E)  | 23/93             | 24         | .61                        |
| 23 a 59 anos (Z) | 29/119            | 24         | .64                        |
| Acima de 60 (K)  | 30/182            | 16         | .34                        |
| <b>Total</b>     | <b>82/394</b>     | <b>20</b>  | <b><i>input: 0,118</i></b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Como percebido, a faixa etária de 60 anos em diante é a que desfavorece a aplicação da forma não padrão (.34). As outras faixas etárias favorecem-na.

A partir dos resultados da Tabela 12, as faixas etárias E (jovens até 22 anos) e Z (adultos 23 anos até 59 anos) foram amalgamadas. Isso foi feito, levando em consideração o pressuposto de Chambers (1995, p. 153), de que o padrão do adolescente tende a seguir o mesmo padrão do adulto. As pessoas envolvidas nestas faixas etárias têm contato por estarem atuantes no mercado de trabalho, na educação, na política, dentre outros.

Feitas as amálgamas, os resultados foram:

**Tabela 13: variável faixa etária amalgamada (variante não padrão)**

| Faixa etária         | Ocorrências/Total | Percentual | PR                         |
|----------------------|-------------------|------------|----------------------------|
| Até 22 e 23 a 59 (E) | 52/212            | 24         | .63                        |
| Acima de 60 (K)      | 30/182            | 16         | .34                        |
| <b>Total</b>         | <b>82/394</b>     | <b>20</b>  | <b><i>input: 0,118</i></b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

De acordo com a Tabela 13, grupo K desfavorece a variante não padrão (.34); e o grupo E favorece a variante não padrão (.63).

Segundo Chambers (1995) os “pesos relativos” confirmam a hipótese de que os mais jovens tendem a aproximar do padrão linguístico dos adultos devido à interação social, a idade economicamente ativa. Acreditamos que não se possa falar em mudança linguística (ocorrida ou ainda a ocorrer) nesse momento. Teríamos de fazer comparações com outras análises, comparando períodos de tempos diferentes. Entretanto, isso ficaria para estudos posteriores!

Sabemos que temos uma linguagem que é própria de jovens, e outra que é peculiar aos idosos. Isso é categórico, não indica mudança linguística. Na maioria das vezes, a variante de prestígio é aquela mais conservadora. Os idosos representam um grupo mais conservador, portanto é mais encontrado o uso da variante padrão. Em minha análise, esse grupo desfavoreceu a aplicação da variante não padrão, a qual é mais inovadora e menos prestigiada.

#### 7.2.4 Padrão X Cortadora –Função sintática da relativa

Vejamos os resultados:

**Tabela 14: função sintática- padrão x cortadora**

| Funções Sintáticas   | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|----------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Sujeito (H)          | 3/204             | 1          | .13                 |
| Objeto direto (N)    | 13/83             | 7          | .41                 |
| Objeto indireto (Q)  | 26/27             | 96         | .99                 |
| Compl./adjuntos (X)  | 27/43             | 62         | .99                 |
| Verbo de ligação (C) | 02/19             | 10         | .79                 |
| <b>Total</b>         | <b>64/376</b>     | <b>17</b>  | <b>input: 0,035</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Os grupos que favorecem a variante cortadora são: objeto indireto, (.99), complementos e adjuntos, (.99) e os verbos de ligação, (.79). Aqueles que não favorecem a variante cortadora são o sujeito, (.13) e o objeto direto, (.41).

O que percebemos, novamente, é que as funções sintáticas sem antecedente preposicionado não condicionam a variante não padrão. Ao contrário, as funções, geralmente, preposicionadas, influenciam a variante em questão.

Decidimos, pois, amalgamar os fatores em: *funções preposicionadas, não preposicionadas, e verbo de ligação*. Vejamos os resultados na Tabela 15:

**Tabela 15: funções sintáticas amalgamadas ( variante cortadora)**

| Funções Sintáticas              | Ocorrências/Total | Percentual | PR  |
|---------------------------------|-------------------|------------|-----|
| Funções não preposicionadas (H) | 9/287             | 3          | .21 |
| Funções preposicionadas (Q)     | 53/70             | 75         | .99 |

|                      |               |           |                     |
|----------------------|---------------|-----------|---------------------|
| Verbo de ligação (C) | 02/19         | 10        | .77                 |
| <b>Total</b>         | <b>64/376</b> | <b>17</b> | <b>input: 0,035</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Ao fazer a comparação entre a Tabela (10) e a (15), fica nítido que os mesmos fatores que favoreceram a estratégia padrão (função não preposicionada) desfavorecem a cortadora, ocorrendo também o contrário. O resultado para a função preposicionada deixa nítido o favorecimento da variante cortadora.

### 7.2.5 Padrão X Cortadora –Faixa etária

Vejamos os resultados os resultados na Tabela 16:

**Tabela 16: variável faixa etária- padrão x cortadora**

| Faixa Etária     | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Até 22 anos (E)  | 19/89             | 21         | .72                 |
| 23 a 59 anos (Z) | 22/112            | 19         | .77                 |
| Acima de 60 (K)  | 23/175            | 13         | .21                 |
| <b>Total</b>     | <b>64/376</b>     | <b>17</b>  | <b>input: 0,035</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

A faixa etária de 60 anos em diante é a que desfavorece a aplicação da forma não padrão (.21). As outras faixas etárias favorecem-na. Isso também pode ser visto no arquivo *padrão x não padrão*, Tabela 12.

As faixas etárias E (jovens até 22 anos) e Z (adultos 23 anos até 59 anos) foram amalgamadas, apresentando os resultados da Tabela 17:

**Tabela 17: variável faixa etária amalgamada (variante cortadora)**

| Faixa Etária         | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|----------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Até 22 e 23 a 59 (E) | 41/201            | 20         | .77                 |
| Acima de 60 (K)      | 23/175            | 13         | .20                 |
| <b>Total</b>         | <b>64/376</b>     | <b>17</b>  | <b>input: 0,040</b> |

**Fonte: Ramos (2015)**

Como visto, a Tabela 17 apresentou resultados parecidos com os da Tabela 13. Estamos diante da variação existente na fala de jovens e de idosos, a escolha por determinada variante linguística é própria da faixa etária de cada falante. Os mais jovens tendem a seguir o padrão linguístico dos adultos por questões sociais e os idosos optam pelas formas

conservadoras. Salientamos que ainda não se pode falar em mudança linguística; só depois de realizadas análises comparativas de épocas diferentes.

### 7.2.6 Padrão X Cortadora – Escolaridade

Os resultados foram:

**Tabela 18: Variável escolaridade- padrão x cortadora**

| Escolaridade        | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|---------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Ensino escolar (L)  | 42/185            | 22         | .71                 |
| Ensino superior (Y) | 22/191            | 11         | .29                 |
| <b>Total</b>        | <b>64/376</b>     | <b>17</b>  | <b>input: 0,035</b> |

Fonte: Ramos (2015)

Sabemos que as pessoas com maior contato com a língua culta, vão produzir mais variantes de prestígio, em nosso caso, a variante padrão. Assim, quanto maior a escolaridade, menor uso da variante cortadora.

A Tabela 18 apresentou um peso relativo de (.29.) de não aplicação da regra, portanto, menor frequência da cortadora. As pessoas, que só têm os ensinos fundamental e/ou médio, apresentaram maior aplicação da regra, por isso, maior frequência da cortadora.

### 7.2.7 Padrão x resumptiva- Função sintática

Vejamos os resultados:

**Tabela 19: função sintática- padrão x resumptiva**

| Funções Sintáticas  | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|---------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Sujeito (H)         | 9/212             | 4          | .43                 |
| Objeto direto (N)   | 01/79             | 1          | .35                 |
| Objeto indireto (Q) | 04/05             | 80         | .99                 |
| Compl./adjuntos (X) | 08/24             | 33         | .96                 |
| <b>Total</b>        | <b>22/320</b>     | <b>6%</b>  | <b>input: 0,032</b> |

Fonte: Ramos (2015)

Como percebemos, há dois fatores que desfavorecem a aplicação da regra; o sujeito (.43) e o objeto direto (.35). Já o objeto indireto e os complementos/adjuntos favorecem a



aplicação da regra com, respectivamente, (.99) e (.96.). Assim, quando as funções têm uma locução preposicionada favorecem a estratégia resumptiva.

Dessa forma, optamos por amalgamar (como já foi feito) dois grandes blocos: função não preposicionada (sujeito + objeto direto) e função preposicionada (complementos/adjuntos + objeto indireto).

**Tabela 20: Funções sintáticas da relativa amalgamadas (variante resumptiva)**

| Funções sintáticas             | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|--------------------------------|-------------------|------------|---------------------|
| Funções não preposicionadas(H) | 10/291            | 3          | .40                 |
| Funções preposicionadas (N)    | 12/29             | 41         | .97                 |
| <b>Total</b>                   | <b>22/320</b>     | <b>6%</b>  | <b>input: 0,031</b> |

Fonte: Ramos (2015)

Como vemos, de fato, as funções preposicionadas favorecem a estratégia resumptiva, (.97). Já a função não preposicionada desfavorece, (.40). Uma explicação para esta situação seria a baixa ocorrência da estratégia resumptiva no corpus analisado (18 casos).

As funções de *sujeito* e *objeto direto* (função não preposicionada), de acordo com a hierarquia de acessibilidade, são as funções mais relativizáveis e tiveram uma ocorrência maior no meu corpus (291 casos), desfavorecendo a estratégia resumptiva que é motivada pelas funções preposicionadas, menos propensas à relativização e que apareceram em menor número no corpus deste estudo (29 casos).

## 7.2.8 Padrão x resumptiva- Fator semântico

**Tabela 21: Variável semântica- padrão x resumptiva**

| Fator Semântico | Ocorrências/Total | Percentual | PR                  |
|-----------------|-------------------|------------|---------------------|
| Humano (A)      | 13/162            | 8          | .70                 |
| Não humano (M)  | 9/158             | 5          | .29                 |
| <b>Total</b>    | <b>22/320</b>     | <b>6%</b>  | <b>input: 0,032</b> |

Fonte: Ramos (2015)

Como mostra a Tabela 21, o fator semântico *humano* favoreceu a ocorrência da estratégia resumptiva, sendo que o humano favorece (.70.) e o não humano desfavorece (.29.).

De acordo com Tarallo (1983) uma das explicações para este resultado seria a combinação do fator humano com a função sintática.

Na pesquisa sincrônica de Tarallo (1983, p. 92-93), o fator *humano* favoreceu a retenção do pronome lembrete associado às funções preposicionadas no SN da cabeça como ocorreu no meu corpus. Essas funções apresentaram maior percentual dentre as funções desempenhadas pelo SN da cabeça: objeto indireto 7% e adjuntos/complementos 10% das ocorrências.

No SN da relativa, a função de *sujeito* apresentou um percentual baixo (4%) quando comparada as funções de objeto indireto (80%) e de adjuntos/complementos (33%) e, não favoreceu a estratégia resumptiva como mostra a Tabela 19. Apesar disso, apresentou a terceira maior percentagem de ocorrência para a relativa resumptiva. Partindo desta informação, não podemos descartar a hipótese de que esta função sintática associada ao fator humano favoreceria a relativa resumptiva. Dessa forma, foi feito uma <sup>27</sup> tabulação cruzada do fator *humano* com as *funções sintáticas* do SN da relativa, como mostra a Tabela 22 a seguir:

**Tabela 22: tabulação cruzada- fator semântico e função sintática (variante resumptiva)**

|            | Sujeito |    | Objeto Direto |    | Objeto Indireto |      | Compl./adjuntos |      |
|------------|---------|----|---------------|----|-----------------|------|-----------------|------|
| TOTAL      | 9       | 4% | 1             | 1% | 4               | 80 % | 8               | 33 % |
| Humano     | 8       | 6  | 0             | 0  | 3               | 100  | 2               | 100  |
| Não humano | 1       | 1  | 1             | 1  | 1               | 50   | 6               | 27   |

**Fonte: Ramos (2015)**

A Tabela 22 pode ser descrita com as seguintes informações:

- a) O SN desempenhou a função sintática de sujeito diante de 9 casos, sendo 8 com aspecto semântico *humano* e 1 *não humano*.
- b) O SN desempenhou a função de objeto direto diante de 1 caso, sendo 0 com aspecto semântico humano e 1 *não humano*.
- c) O SN desempenhou a função de objeto indireto diante de 4 casos, sendo 3 com aspecto semântico *humano* e 1 *não humano*.
- d) O SN desempenhou a função sintática de complementos/ adjuntos diante de 8 casos, sendo 2 com aspecto *humano* e 6 *não humano*.

<sup>27</sup> A tabulação cruzada é um mecanismo estatístico que nos permite analisar a ocorrência simultânea de duas variáveis (GUY e ZILLES, 2007).

A função de sujeito foi desempenhada pelo SN na maioria das orações resumptivas com aspecto semântico *humano*. Apesar disso, não favoreceu a estratégia não padrão, pois apresentou um valor de peso inferior a (0.5) como já foi dito.

Em Tarallo (1983, p.168-1669), o fator humano associado às funções sintáticas de *sujeito*, *oblíquo* e *genitivo* do SN da relativa apresentaram, respectivamente, pesos de (.78.), (.71.) e (.80.), favorecendo a estratégia resumptiva.

A baixa frequência da estratégia resumptiva (18 casos) não me permitiu levantar maiores hipóteses sobre a sua ocorrência. Tarallo (1983) ampliou o estudo sobre esta variante, atestando que o favorecimento da estratégia é motivado pelo fator *humano* associado às funções sintáticas desempenhadas pelo SN da cabeça e da relativa.

### 7.3. Considerações finais

A partir da análise feita, em três arquivos: *padrão x não padrão*, *padrão x cortadora* e *padrão x resumptiva*, as seguintes hipóteses foram confirmadas:

#### 1) Padrão x não padrão

A ocorrência das estratégias padrão e não padrão em contextos linguísticos diferentes, conforme a seção 7.2.1. A estratégia padrão é motivada pelas funções de *sujeito* e *objeto direto*, opondo-se as funções de *objeto indireto* e *adjunto/ complementos* que favorecem a não padrão.

Conforme mostrado na seção 7.2.2, quanto maior a *escolaridade*, menor o uso da variante não padrão, as pessoas com maior grau de escolarização optaram pela variante padrão. Isso confirmou a hipótese de que a escola atua como preservadora das formas de prestígio social.

Na seção 7.2.3 a *variável faixa* etária dos 22 anos até os 59 anos apresentou maior frequência no uso da variante não padrão. Confirmando a hipótese de que os mais jovens tendem a seguir o padrão dos adultos e os mais idosos optam pelas formas linguísticas consideradas conservadoras na sociedade.

#### 2) Padrão x cortadora

Conforme mostrado na seção 7.2.4, as funções sintáticas preposicionadas (*objeto indireto* e *complementos/ adjuntos*) motivaram a ocorrência da variante cortadora.

Nas seções 7.2.5 e 7.2.6, respectivamente, as pessoas com 60 anos ou mais optaram pela estratégia de prestígio. Assim, como as pessoas com maior grau de escolaridade.

### **3) Padrão x resumptiva**

Apesar da pouca ocorrência da estratégia resumptiva registrada em minha análise (18 casos), nas seções 7.2.7 e 7.2.8 foram obtidos resultados que reiteram as hipóteses de Tarallo (1983) de que a função sintática associada ao fator semântico *humano* favorece esta variante não padrão. As funções sintáticas de *objeto indireto e complementos/ adjuntos* do SN da relativa favoreceram a estratégia resumptiva assim, como o fator semântico *humano*.

Diante das ocorrências analisadas, podemos dizer que a estratégia cortadora compete com a estratégia padrão, mas ambas ocorrem em ambientes distintos, não apresentando características de variação ou mudança linguística. Já a estratégia resumptiva tem uma ocorrência menor do que as outras. Esta estratégia não padrão ocorreu em ambientes linguísticos semelhantes aos da estratégia cortadora (objeto indireto e complementos/ adjuntos). Estas variantes foram consideradas estigmatizadas pelos falantes de maior escolaridade e de mais idade, que optaram pela estratégia padrão.

## 8 CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar o processo de variação que envolveu as orações relativas no português falado em Belo Horizonte sob a perspectiva da Teoria da Variação estabelecida por Labov (1972/2008).

No início da pesquisa, foram gravadas e transcritas 24 entrevistas espontâneas de informantes naturais de Belo Horizonte (12 homens e 12 mulheres). Algumas dessas entrevistas foram retiradas do acervo do projeto “*Descrição Sócio histórica do Português de Belo Horizonte*”.

Os estudos utilizados durante a escrita da pesquisa foram os de Labov (2008), Tarallo (1983), Lessa (2006), Bastos (2008), Silva (2011), dentre outros.

O trabalho teve a sustentação da sociolinguística, por isso fatores linguísticos e sociais foram considerados motivadores do fenômeno das relativas.

A análise quantitativa foi feita pelo software Varbrul (2001). Este programa apontou resultados favoráveis à aplicação da regra para as variantes não padrão. Nos dados analisados foram encontrados 79% de casos de variante padrão, 17% de casos de variante cortadora e 6% de casos de variante resumptiva.

As variáveis não relevantes na análise do Varbrul (2001) para a aplicação da regra não padrão foram:

### **Variáveis estruturais**

- a) Função sintática da cabeça

- b) Fator semântico definitude
- c) Fator semântico animacidade

### **Variáveis não estruturais**

- a) Gênero
- b) Estilo de fala

Após a separação dos grupos mais significativos para o fenômeno das estratégias relativas, as seguintes considerações foram feitas:

### **Estratégia padrão**

#### **1) Variável Função sintática da relativa**

Esta estratégia é favorecida pelas funções sintáticas de sujeito e objeto direto, enquanto as funções de objeto indireto e complementos/adjuntos desfavorecem-na. A sentença com verbo de ligação apresentou um comportamento neutro, não favoreceu e nem desfavoreceu.

#### **2) Variável escolaridade**

Os informantes com escolarização superior optaram pela estratégia padrão, ao contrário dos informantes com ensino básico, que favoreceram a estratégia não padrão.

#### **3) Variável faixa etária**

Os informantes com 60 anos ou mais favoreceram a ocorrência da estratégia padrão.

Com relação a variante cortadora os seguintes grupos foram relevantes:

### **Estratégia cortadora**

#### **1) Função sintática da relativa**

As funções sintáticas com locução preposicionada (objeto indireto e complementos/adjuntos) favoreceram esta estratégia.

#### **2) Variável escolaridade**

O comportamento dos informantes menos escolarizados quanto ao uso das relativas favoreceu a estratégia cortadora.

### **3) Variável faixa etária**

O comportamento de jovens e adultos entre 22 anos até 59 anos favoreceu a estratégia cortadora.

Com relação à estratégia resumptiva os seguintes grupos foram relevantes:

#### **Estratégia resumptiva**

##### **1) Função sintática da relativa**

As mesmas funções sintáticas que favoreceram a estratégia cortadora, objeto indireto complementos/adjuntos são motivadoras da ocorrência da estratégia resumptiva.

##### **2) Variável semântica**

O fator semântico humano favoreceu a estratégia resumptiva, enquanto o não humano não influenciou.

A partir da análise feita pelo Varbrul (2001), ficou definido que cada vez mais a variante cortadora apresenta-se como a estratégia mais recorrente depois da padrão, apresentando uma distribuição percentual e probabilística mais significativa do que a variante resumptiva. Como mostrou Tarallo (1983), o favorecimento da estratégia cortadora pelas funções preposicionadas, também pode ser explicado pela ordem canônica dos constituintes da sintaxe do PB: SVO. Na relativa padrão há o movimento do pronome do lado direito da sentença para o lado esquerdo, arrastando com ele a preposição. Esse movimento não é comum para o falante, que prefere o apagamento do pronome e da preposição no lugar de origem como ocorre na relativa cortadora, por isso a estratégia cortadora seria uma segunda opção de estratégia no PB.

Partindo das considerações feitas neste capítulo, este estudo mostrou que o fenômeno das orações relativas sofre a influência de fatores estruturais (variável sintática e variável semântica) e não estruturais (variável escolaridade e variável faixa etária).

A partir dos resultados e considerações obtidas no estudo, esta dissertação, baseando-se nos pressupostos da Teoria da variação, teve o intuito de contribuir para os estudos sociolinguísticos, descrevendo o fenômeno das estratégias relativas no PB de Belo Horizonte.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Clara Figueiredo. **A posição do sujeito em português**: estudo sintático, semântico e informativo. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 9-28.

BASTOS, Wanderli Aparecido. **A relativização no português do Brasil**: a sentença orientada para o discurso. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade estadual de São Paulo-Unesp, Araraquara, p. 6-167.

CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

ESTUDOS URBANOS DE BELO HORIZONTE. Disponível em: [http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB\\_P007/estudos%20urbanos\\_oficial\\_001.pdf](http://www.pbh.gov.br/smpl/PUB_P007/estudos%20urbanos_oficial_001.pdf). Acesso em: 03 abril 2014.

GONÇALVES, Andreza Barroso. **A alternância entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural na comunidade de fala de Belo Horizonte**: uma abordagem variacionista. 2013. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 02 jan. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do censo**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf>. Acesso em: 03 de abril 2014.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre, Carolina R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.



- LESSA, Adriana Stella Cardoso de Oliveira. **Dados de mudança no sistema de relativização em Português Brasileiro: Como Ficou a Relativa Resumptiva?**. 2006. Trabalho de Iniciação Científica. Unicamp, Campinas.
- LUFT, Celso Pedro. Sintaxe. In: **Moderna gramática brasileira**. 14 ed. São Paulo: Globo, 2000. p. 57-58.
- MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. Nova York: Routledge, 2006.
- MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. Contexto: São Paulo, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000. P. 10-37.
- NICOLA, José de. Período composto por subordinação (II) Orações subordinadas adjetivas. In: NICOLA, José de. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 15 ed. São Paulo: Scipione, 2004. Cap. 8, p. 323- 328.
- PERES, João Andrade. Orações relativas. In: PERES, João Andrade. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1995. Cap. 5, p. 269-312.
- PERINI, Mário Aberto. A Oração Complexa. In: PERINI, Mário Aberto. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003. Cap. 5, p. 151-156.
- PERINI, Mário Aberto. Orações Relativas (Adjetivas). In: PERINI, Mário Aberto. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010. Cap. 17, p. 189-193.
- RUMEU, Marcia Cristina de Brito. **A implementação do você no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel**. 2008. Tese (Doutorado) – UFRJ/FL, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Renata Livia de Araújo. **A Metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista**. *Revista Espaço Acadêmico*, nº97. Junho de 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>>. Acesso em: 15 fev. 2014.
- SCHILLING-ESTES, Natalie. **Sociolinguistic Field Methods**. Cambridge University, 2007.
- SILVA, Regiane Viana de Oliveira. **Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- TARALLO, Fernando. **Relativization strategies in brazilian portuguese**. 1983. Tese (Doutorado) - University of Pennsylvania, Pennsylvania.